



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO

CÂNDIDA LANER RODRIGUES

Tradução e construção da alteridade:
um estudo sobre o monstro Grendel, em *Beowulf*

Brasília
2015

CÂNDIDA LANER RODRIGUES

Tradução e construção da alteridade:
um estudo sobre o monstro Grendel, em *Beowulf*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, do Instituto de Letras, da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos da Tradução.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Júnia Barreto

Brasília
2015

AGRADECIMENTOS

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo fomento, permitindo-me tranquilidade financeira durante a pesquisa.

Ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, por propiciar o caminho.

À minha orientadora, Dr^a. Júnia Regina de Faria Barreto, pelo carinho, pelo incentivo e pelas reuniões, fazendo com que eu realizasse o meu melhor.

Ao Prof. Dr. Sergio Luiz Prado Bellei, pela disponibilidade de vir a Brasília e contribuir com seu conhecimento.

Aos demais membros da banca, Prof. Dr. William Alves Biserra e Prof^a. Dr^a. Ana Helena Rossi, pelas colaborações com o debate da pesquisa.

Aos integrantes do grupo de pesquisa Representações da Violência na Literatura, pelas tardes de estudo e pelas amizades verdadeiras.

À minha família, meu porto seguro.

Ao meu companheiro, Alexandre Plessmann, pelas incansáveis discussões e, principalmente, por apresentar-me um mundo de amor universal.

RESUMO

As traduções de um poema medieval como *Beowulf* podem produzir as mais variadas interpretações, especialmente quando consideramos a figura da personagem monstruosa de Grendel. Nossa indagação principal, nesta pesquisa, dá-se por estas diferentes perspectivas e abordagens tradutórias que, de realçadas ou sutis divergências demonstradas pelas escolhas lexicais dos tradutores, poderiam construir, na personagem Grendel, uma alteridade monstruosa diferente a cada versão. Nosso trabalho parte da análise de três traduções do poema para a língua inglesa moderna, a saber: a de Burton Raffel (1963), a de Michael J. Alexander (1973) e a de Seamus Heaney (2000).

A tarefa de comparar a figura monstruosa por meio do vocabulário selecionado pelos tradutores requer uma análise crítica da construção da identidade monstruosa de Grendel, isto é, sua alteridade. Em nossa pesquisa, tal caminho se deu, inicialmente, a partir de considerações sobre o monstruoso e de como a sociedade da narrativa expõe este atributo da personagem Grendel. Noutra momento, por tratarmos do léxico apresentado nas sobrevidas do poema, partimos de perspectivas da filosofia da linguagem e de estudos sociais. Tomando a linguagem enquanto forma estrutural, constituída e constituidora do indivíduo em sociedade, é possível interpretarmos o monstro como um ser-Outro, cuja existência demonstra um desvio por excelência daquilo que o Mesmo elabora sobre e para si.

A partir da análise do vocabulário em torno do monstro e do monstruoso, interessamos pelo uso de nomes (próprio e substantivos) – mais especificamente, os epítetos direcionados à personagem Grendel que são exclusivos a cada uma das três traduções supracitadas, dado o fato de que a nomeação, enquanto uma das diversas funções da linguagem, corroboraria com a organização e a classificação da suposta realidade que rege determinada cultura. Nesse contexto, as escolhas lexicais dos tradutores com relação à criatura Grendel apresentam ao leitor perspectivas diferentes de um mesmo monstro. Enquanto objeto de estudo literário, as disparidades entre traduções poderiam desvelar a escrita subjetiva que construiria distintamente a personagem em foco.

Através desse estudo comparativo de traduções, pretende-se também desenvolver uma análise crítica da monstruosidade de Grendel, em *Beowulf*, que possa, futuramente, ser utilizada para fomentar e auxiliar novas pesquisas, traduções e recriações da obra, uma vez que as leituras e as interpretações nunca se esgotam. Nosso estudo visa, ainda, abordar a literatura no que tange a inter e a multidisciplinaridade, fazendo-a dialogar com outras áreas, como estudos de tradução, filosofia da linguagem e sociologia.

Palavras-chave: Monstruosidade. Tradução. Alteridade. Nome. Identidade.

ABSTRACT

Translations of medieval poems, like *Beowulf*, may produce various interpretations, specially when the monstrous character's figure is to be considered. This research main inquiry is on these different perspectives and translational approaches which could build on Grendel's character, from heightened or subtle divergences expressed through the translator's lexical choices, a different monstrous alterity for each version of the text. This work analyzes three different translations of the poem into modern English: Burton Raffel's (1963), Michael J. Alexander's (1973) and Seamus Heaney's (2000).

The task of comparing the monstrous figure by means of the translators' selected vocabulary requires a critical analysis on the construction of Grendel's monstrous identity, that is, his alterity. Initially the approach taken in this research was through considerations on the monstrous and how it is perceived and exposed by the society of the narrative. Later on, because the translations' vocabulary is analyzed, perspectives by the philosophy of language and social studies are introduced. Perceiving language as a structured form, constituted *by* and constituted *of* individuals in society, it is possible to interpret the monstrous as an Other being, whose existence stands for a deviation by excellence of that which the Self elaborates on and to itself.

From the analysis of the vocabulary surrounding the monster and the monstrous, this research focused on the usage of proper, and common nouns. More specifically the epithets directed to Grendel that are exclusive to each of the three translations aforementioned given the fact that naming, as one of the functions of language, would corroborate with the organization and classification of the supposed reality that conducts certain culture. In this context, the translators' lexical choices regarding creature Grendel present different perspectives of the same monster. As an object of literary studies, the disparities between translations could unveil the singular creative writing that could build monster Grendel in distinctive ways.

Throughout this comparative study of translations, this work aims to develop a critical analysis of the monstrosity in Grendel, from *Beowulf*, that may be utilized in the future to foment and assist new researches, translations and recreations of the poem, since readings and interpretations are never depleted. Such study aims also to implement the literary approach in regard of inter and multidisciplinary perspectives, making it dialogue with other areas such as translation studies, philosophy of language, and sociology.

Keywords: Monstrosity. Translation. Alterity. Name. Identity.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Ilustração 1 – Parte do mapa Carta Marina (1539), por Olaus Magnus, que apresenta três *krakens* atacando navios 21
- Ilustração 2 – O salão principal da vila anglo-saxônica de West Stow em Bury St Edmunds, Reino Unido. Fotos retiradas da galeria virtual *Life in Saxon and Viking Times*. Disponível em: <<http://gallery.nen.gov.uk/gallery420-.html>>. Acesso em 17 nov. 2014. 31
- Ilustração 3 – O monstro Grendel por Lynd Ward em *Beowulf* (1967). O destaque desta figura é o braço da criatura: membro, posteriormente, arrancado pelo herói Beowulf. 34
- Ilustração 4 – Capa do livro *Grendel* (1971), de John Gardner. Pelas ilustrações da personagem monstruosa, algumas expostas ao longo deste trabalho, pode-se asserir que a ausência de objetividade tanto no uso da palavra “monstro”, quanto na descrição do mesmo se faz presente também nas imagens que representariam tal criatura. 52
- Ilustração 5 – O monstro Grendel estampado por J. R. Skelton para a obra *Stories of Beowulf Told to the Children* (1908). É possível perceber distinções dentre as imagens do monstro Grendel por elas serem fruto de interpretações singulares. 71

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Atributos relativos aos desvios naturais	47
Tabela 2 – Atributos relativos aos desvios religiosos	47
Tabela 3 – Atributos relativos aos desvios sociais	48
Tabela 4 – Atributos relativos aos desvios morais	49
Tabela 5 – Epítetos que expressam oposição ao humano e ao divino	57
Tabela 6 – A Grendel é dado um nome próprio	60
Tabela 7 – Primeira menção do nome “Grendel” nas traduções	62
Tabela 8 – Ocorrência de epítetos comuns a duas ou às três traduções	76
Tabela 9 – Quadro comparativo entre valores de substantivos comuns e de substantivos exclusivos	77
Tabela 10 – Nomes exclusivos a cada tradução	79
Tabela 11 – Epítetos exclusivos à tradução de Burton Raffel (1963)	81
Tabela 12 – Epítetos exclusivos à tradução de Michael Alexander (1973)	86
Tabela 13 – Epítetos exclusivos à tradução de Seamus Heaney (1999)	95

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 O MONSTRO	13
1.1 Concepções de monstro	16
1.1.1 Fase medieval pagã	17
1.1.2 Medievalismo cristão	23
1.1.3 Contemporaneidade	26
1.2 Panorama social da narrativa	30
2 LINGUAGEM, ALTERIDADE E TRADUÇÃO	40
2.1 Linguagem, nome e alteridade monstruosa	42
2.1.1 Identidade e alteridade	44
2.1.2 A palavra “monstro”	51
2.2 Os nomes do monstro	53
2.2.1 Nomes substantivos	54
2.2.2 Nome próprio	59
2.3 Tradução: construção subjetiva	64
3 O MONSTRO GREDEL NAS TRADUÇÕES	73
3.1 O vocabulário monstruoso	74
3.2 Estranhamentos entre as traduções	80
3.2.1 Epítetos exclusivos à tradução de Burton Raffel	81
3.2.2 Epítetos exclusivos à tradução de Michael Alexander	86
3.2.3 Epítetos exclusivos à tradução de Seamus Heaney	95
CONCLUSÃO	107
REFERÊNCIAS	110
ANEXO I	115
ANEXO II	119
ANEXO III	120

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa visa elaborar uma análise comparativa das possíveis diferenças na alteridade da personagem monstruosa de Grendel em três traduções, para a língua inglesa moderna, do poema *Beowulf*, a saber: a de Burton Raffel (1963), a de Michael J. Alexander (1973) e a de Seamus Heaney (2000). Como qualquer escolha lexical, o vocabulário monstruoso é possuidor de unidades significativas que funcionariam como construtoras de idem ou, no caso, alteridade. Nosso problema de pesquisa consiste, então, na possibilidade de que as sobrevidas do texto-fonte tenham construído um monstro Grendel ligeiramente diferente, consoante as escolhas lexicais de seus tradutores; as quais afetariam o monstruoso e sua recepção pelo leitor.

Antes de ser escrita em inglês antigo, é provável que a obra original tenha sido declamada por menestréis, sendo parcialmente alterada a cada apresentação. A única cópia manuscrita existente do poema *Beowulf* encontra-se, atualmente, na *British Library*, integrando, junto a outras obras, o *Nowell Codex*. Sua escritura, de autoria anônima, ocorreu em torno do ano 1100, possivelmente no reino de Northumbria, Inglaterra, criado durante o regime anglo-saxão, que estaria ainda transitando, à época, da crença pagã para a cristã.

Beowulf, que leva, por convenção editorial, o nome de seu protagonista, trata da estória do guerreiro Geta (antiga sociedade que se estabelecera ao sul da Suécia) que viaja para o reino dos Danos (atual Dinamarca) a fim de salvar o povo do rei Hrothgar de uma criatura que está invadindo seu salão principal, Heorot, há doze anos. Noite após noite, o monstro Grendel invade e habita o salão, matando e devorando quaisquer guerreiros que lá estejam.

O guerreiro Beowulf, com aspirações a herói, não se furta à batalha não importa quão horrendo seja seu adversário. Ele triunfa sobre o monstro Grendel logo no primeiro embate, conquistando riquezas, fama e glória. Herói e monstro apresentam-se, assim, como um par indissociável: são interdependentes na medida em que um goza de renome apenas com a vitória sobre o outro; e a finalidade deste outro, o monstro, está na própria imposição de um obstáculo a ser vencido, ou seja, seu destino é ser derrotado e a morto.

Na noite seguinte à morte de Grendel, é sua mãe monstruosa que invade o salão Heorot para vingar o filho morto. Ela, também, contudo, encontra seu fim pelas mãos do herói Beowulf. Cinquenta anos depois, o herói governa seu próprio reino que passa a ser assolado

por um dragão. Ao final da narrativa, já numa idade avançada, o então rei Geta derrota, com a ajuda de um guerreiro, a gigantesca serpente, morrendo ao fazê-lo.

Nossa escolha por trabalhar com o dito “primeiro” dos três monstros presentes na narrativa é baseada, principalmente, no fato de que Grendel, em comparação com as demais figuras monstruosas da narrativa, apresenta-se, por um lado, mais *humanizado*: ele se trata de uma criatura terrena enquanto sua mãe habita as águas pantanosas e o dragão, os ares. Além disso, a criatura Grendel tinha uma habitação, uma mãe e, sobretudo, um nome próprio (que lhe fora atribuído pelos indivíduos Danos). Enquanto monstro, Grendel seria realmente *limiar*, haja vista que transitaria entre o familiar e o estranho, o natural e o sobrenatural, sendo destacadas de suas características os desvios das normas sociais estruturadas na/pela sociedade presente na narrativa. O monstro Grendel, sob a perspectiva abordada nesta pesquisa, configurar-se-ia numa oposição social em diversas esferas: ele seria uma oposição religiosa, tendo em vista sua própria existência enquanto monstro pagão e amaldiçoado divino, seria uma oposição social, pelo fato de ele desestruturar as leis, os costumes e as condutas dos Danos, e seria, igualmente, uma oposição moral, devido a sua cruel malignidade.

Apesar de relativamente curto, são tantas as vias apresentadas pelo poema que, para nós, abordá-lo foi, nas palavras de um de seus tradutores, como “tentar quebrar um megálito com um martelo de brinquedo” (HEANEY, 2000, p. xxii), pois, cada nova leitura, traz(ia) à baila novas possibilidades. Dessas, a que mais atraiu nosso interesse foi a diferença de tratamento com relação ao monstro Grendel: por vezes, horrendo, por outras, digno de piedade. O ineditismo de nossa pesquisa apresenta-se, portanto, na comparação das três sobrevidas citadas previamente, considerando os diferentes aspectos que elas suscitariam de uma mesma criatura.

Aos poucos, com um “martelo melhorado”, fomos partindo o “megálito” e delimitando o escopo analítico. Optamos por trabalhar a categoria dos nomes (próprio e substantivo) porque o ato de nomear, de acordo com a filosofia da linguagem, além de evocar, *torna*, isto é, dá existência ao ente nomeado a partir das particularidades intrínsecas ao nome designado. Dessa forma, os nomes corroborariam com a definição, caracterização e classificação dos entes na estrutura simbólica de uma sociedade e, dessarte, com a própria identidade (auto)atribuída pelos indivíduos.

Assim, os monstros e algumas de suas concepções configuram o assunto de nosso primeiro capítulo. Dividido em duas partes, a primeira daria conta de perspectivas de monstro fundamentadas pelas crenças pagã e cristã da Idade Média anglo-saxã, uma vez que o poema

também discursa a respeito das mesmas. Julgamos, outrossim, necessário considerar estudos atuais acerca da alteridade monstruosa, tendo em vista que é na contemporaneidade que as traduções foram realizadas, o que configuraria o referencial do tradutor. Uma vez que trabalhamos com a acepção de identidade num contexto social, realizamos, na segunda parte do capítulo, um panorama da sociedade representada na narrativa.

No segundo momento de nossa pesquisa, prospectamos acerca de como os nomes constituiriam a identidade daquilo que é nomeado. A identidade, entretanto, como acepção de semelhança, teria como suporte negativo a alteridade, de modo que a identidade social da narrativa constituir-se-ia a partir da alteridade monstruosa de Grendel. Em seguida, abarcamos a distinção entre as duas categorias de nomes, próprios e substantivos, estabelecendo, a partir dos últimos, o possível contexto simbólico do qual Grendel faria parte. Seu nome próprio é, posteriormente, analisado pelas suas diversas etimologias. Assim, ainda que não *signifique* exatamente para o leitor contemporâneo, após familiarizar-se com o monstro, é possível que o leitor carregue o nome próprio “Grendel” das noções monstruosas que lhe são apresentadas pelo texto. Sendo os nomes substantivos de Grendel resultados de atos tradutórios, na terceira parte do capítulo, buscamos prospectar sobre os possíveis motivos que levariam as traduções a serem divergentes entre si. Fato que poderia ser concebido enquanto um devir do próprio texto dito original, também cunhado “texto-fonte”.

O capítulo final desta pesquisa, traz à baila nossa efetiva análise comparativa das diferentes construções monstruosas de Grendel. O capítulo está dividido em duas partes: na primeira, visamos constituir uma base de nomes monstruosos encontrados nas traduções, dentre os quais optamos por trabalhar apenas com aqueles que, exclusivos a cada tradução, munir-nos-iam de material específico para pensar as diferenças monstruosas. Na segunda parte, analisamos tais epítetos, objetivando identificar possíveis diferenças *alteritárias* na figura da personagem.

Através das disparidades presentes a cada tradução, pensamos ser possível compreender que as características que determinariam, de uma maneira ou de outra, a alteridade, são também consideradas subjetivamente. Ou seja, os tradutores cuja criação aqui trabalhamos, podem ter considerado, enquanto características verdadeiramente monstruosas, diferentes aspectos da criatura Grendel.

A partir desse estudo, pretende-se firmar uma análise crítica da monstruosidade no poema *Beowulf* que possa, futuramente, ser utilizada para fomentar e auxiliar novas pesquisas, traduções e adaptações da obra, uma vez que as interpretações nunca se esgotam e sempre contribuem para a construção de visões críticas de mundo. As recriações seriam responsáveis

por renovar a vida de velhas obras ou monstros, partindo da perspectiva de seus tradutores e, talvez, de aspectos ainda não considerados. Nesse contexto, destacamos as traduções brasileiras de *Beowulf*, sendo: duas propriamente ditas, por Ary Gonzalez (1992) e por Eric Ramalho (2011); uma adaptação em cordel, por Marco Haurélio (2013), intitulada *A saga de Beowulf*; uma tradução em prosa feita por A. S. Franchini e Carmem Seganfredo (2007); e uma tradução em prosa, para a língua inglesa, feita por Welwyn Wilton Katz (1999) e retraduzida para a língua portuguesa por Marcos Bagno em 2010¹.

¹ Referências bibliográficas das traduções brasileiras:

Propriamente ditas:

Beowulf. Traduzido por Ary Gonzalez Galvão. São Paulo: Hucitec, 1992.

Beowulf. Traduzido por Eric Ramalho. Belo Horizonte: Tessituras, 2011.

Em prosa:

FRANCHINI, A. S.; SEGANFREDO, Carmem. **Beowulf**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2007.

KATZ, Welwyn Wilton. **Beowulf**. Ilustrado por Laszlo Gal. Traduzido por Marcos Bagno. São Paulo: SM Editora, 2010.

Em cordel:

HAURÉLIO, Marco. **A saga de Beowulf**. Ilustrado por Luciano Tasso. São Paulo: Aquariana, 2013.

CAPÍTULO 1 – O MONSTRO

Grendel figura no poema *Beowulf* enquanto um monstro por excelência, o que complica sua própria definição. Ora, quem é Grendel? Ou, ainda, quem *seria* Grendel sob a perspectiva daqueles que o nomeiam? Mesmo após várias leituras, o monstro permanece *sem limites*: temos dele características que, mesmo em conjunto, não nos revelariam uma criatura única capaz de ser exposta igualmente por diferentes leitores.

O monstro Grendel mora com sua mãe numa habitação subaquática de uma charneca. Ele ataca o salão do rei dos Danos (ou dinamarqueses) todas as noites, enquanto os guerreiros dormem. Ele caminha na escuridão, sorrateiramente. É forte, bruto, voraz, faminto; com seu corpo enorme, alimenta-se de guerreiros inteiros. Grendel é impulsivo, raivoso, cruel e impiedoso. Aparentemente, ele seria incapaz de viver em sociedade, tanto pela sua aparência *sui generis*, quanto pelas suas atitudes ferozes.

Este monstro revela-se como o primeiro grande obstáculo do herói Beowulf, guerreiro da sociedade Geta. Mesmo antes de Beowulf ter logrado vitória sobre a horrenda criatura Grendel, aquele já era considerado um herói em potencial devido a sua vasta experiência em exterminar seres monstruosos. Cabe acrescentar que monstro e herói formariam um par indissociável, haja vista que, no caso em tela, a figura do herói interage e interdepende da do Outro, o monstro. Neste capítulo, buscamos analisar o devir da identidade monstruosa, ou seja, o devir-monstro, em três fases distintas: a Idade Média europeia, subdividida em período pagão e cristão, e a contemporaneidade, de onde falam os três tradutores². Para tal, valemos de diferentes concepções de monstro que, como é sabido, variam no tempo e no espaço.

Pela impossibilidade de definição objetiva do monstruoso, as criaturas monstruosas da narrativa são significadas e, ademais, ressignificadas de diferentes maneiras na/pela tradução, uma vez que esta, enquanto processo linguístico, pode imprimir nova identidade à figura monstruosa em razão da perspectiva do tradutor. Elencamos, neste trabalho, a personagem Grendel apresentada em três traduções do poema *Beowulf*, do inglês antigo para o moderno, a saber: a de Burton Raffel (1963), a de Michael Alexander (1973) e a de Seamus Heaney (2000).

Efetuamos o corte temporal supracitado a fim de melhor compreendermos possíveis maneiras pelas quais o monstro Grendel seria construído nas três épocas por meio das

² Entende-se por contemporaneidade, nesta pesquisa, o período que vai de meados do século XX até a atualidade.

estruturas simbólicas – segundo Bourdieu – que, por sua vez, indicar-nos-iam o processo de subjetivação da realidade numa perspectiva histórico-social. Tais estruturas poderiam ser responsáveis por demonstrar supostas origens do monstro Grendel bem como o sentido evocado por suas denominações.

Nosso primeiro período temporal fixa-se entre os séculos V e VII, indicando o momento em que os anglo-saxões se estabelecem na Grã-Bretanha, trazendo consigo a crença germânica pagã – de modo que cunharemos tal período como *fase medieval pagã*. Iniciamos pelo século V pelo fato de muitos estudiosos acreditarem que a estória do poema tenha se passado entre esse e o VI; cabendo acrescentar que uma das personagens: Hygelac, rei dos Getas, existiu de fato, tendo falecido entre 512 e 520³.

Quanto ao segundo corte temporal, definimo-lo entre os séculos VII e X, ou seja, posteriormente à ascensão do cristianismo na Inglaterra medieval, provável momento a partir do qual o poema *Beowulf* teria passado da oralidade para a escrita pelas mãos de monges escribas. É consabido que o único manuscrito de *Beowulf* foi obrado no Reino de Northumbria (atual norte da Inglaterra e sudeste da Escócia)⁴. Desse modo, o poema e, conseqüentemente, o monstro Grendel passariam por modificações, às quais somar-se-iam os aspectos cristãos nele presentes. Tal período será nomeado, neste trabalho, como *fase medieval cristã* ou, ainda, *medievalismo cristão*.

Após tais análises, focar-nos-emos na figura do monstro sob uma perspectiva contemporânea, tendo em vista que as três traduções do texto-fonte, em inglês antigo, são tecidas a partir da metade do século XX, mais especificamente a de Burton Raffel, datada de 1963, a de Michael Alexander, 1973 e a de Seamus Heaney, 2000.

Optamos por efetuar uma subdivisão temporal no que concerne a Idade Média pelo fato de o sobrenatural ter exercido grande influência nos indivíduos e em seu modo de conceber o mundo; cabe ressaltar que a distinção dos elementos sobrenaturais dos “científicos” queda-se deveras complexa. Ambos estavam enredados no cotidiano do povo: em guerras, nas comemorações, nos funerais, no trabalho de curandeiros, no período de plantio e colheita e, ainda, nas viagens marítimas, nas quais a aceitação e o apoio de um deus (ou santo) era considerada essencial. A mitologia pagã e a religião cristã, no contexto medieval, suscitariam nos indivíduos um meio próprio de experienciar o mundo. Assim,

³ “Hygelac foi, verdadeiramente, um rei que faleceu em batalha próximo à foz do rio Reno entre os anos 512 e 520 d.C”. Tradução nossa de: “Hygelac was a real king who fell in battle near the mouth of the Rhine between A. D. 512 and 520” (GORDON, 1967, p. 1).

⁴ De acordo com o site da *British Library*, a cópia existente do manuscrito data de, aproximadamente, 1100. No site é possível encontrar todo o Cotton MS Vitellius A XV, constituído por *Beowulf* e outras estórias com criaturas fantásticas, digitalizado.

possivelmente muito mais do que nos dias de hoje, tais crenças poderiam ser responsáveis por moldar, por métodos distintos, o pensamento medieval.

Com a ascensão do cristianismo – uma religião de valores bem diferentes daqueles prezados pelo paganismo medieval anglo-saxão – a percepção de mundo, da cultura e dos indivíduos transformou-se gradualmente, e o modo de construir e perceber o monstro acompanhou a mudança ocorrida no corpo social. O poema aqui tratado ou foi escrito nessa época de transição, ou, ao ser transcrito por monges escribas, foi utilizado como um método para doutrinar seus ouvintes, adquirindo, então, motivos da religião cristã somados aos valores pagãos. Neste capítulo, analisamos as possíveis ressignificações ocorridas na figura do monstro Grendel decorrentes desta transição entre paganismo e cristianismo.

A primeira parte consiste, então, num estudo acerca da figuração da monstruosidade na fase pagã (séculos V-VII), na qual investigamos o imaginário medieval acerca do monstruoso presente no cotidiano, bem como questões concernentes à oralidade, ao espaço físico e ao elemento água. Posteriormente, observamos algumas estruturas simbólicas da fase medieval cristã (de meados do século VII ao X), em especial o contexto bíblico presente no Velho Testamento, devido à atribuição da origem dos monstros presentes no poema à figura bíblica de Caim, filho primogênito de Adão e Eva e irmão de Abel.

Prospectamos também em torno das concepções contemporâneas de monstro, como dito anteriormente, que o conceberiam enquanto marginal ou, em outras palavras, fora da lei. Devido ao avanço científico, os monstros das crenças foram colocados em xeque e os “monstros” teratológicos, explicados. Tal fato pode ser responsável por uma possível modificação no sentido do léxico em torno do monstruoso, pois, atualmente, esse seria mais comumente utilizado para caracterizar o indivíduo e/ou atitudes que advêm de um desvio moral. Sua ininteligibilidade resultaria das quebras do pacto social, causando choque, dada a incapacidade social de decifrar o monstruoso.

Na segunda parte do capítulo, realizamos um panorama acerca da sociedade representada na narrativa, fixando a estratificação social de acordo com o exposto no poema. Abordamos também o modo pelo qual a transição da crença pagã para a cristã, acompanhada de seus diversos valores, que perpassam a cultura da sociedade anglo-saxã, ressignificam o poema *Beowulf* a partir de um caráter híbrido e, possivelmente, incongruente para o leitor atual. A ausência de regularidade de preceitos religiosos no poema refletir-se-ia tanto no aspecto social da narrativa, quanto na concepção do monstro Grendel.

Destarte, criamos uma base para pensarmos como a identidade monstruosa de Grendel poderia se constituir por meio do discurso das personagens que, por sua vez, se encontram

num contexto cultural *excludente* de seres monstruosos. É possível pensar que a identidade social e a identidade monstruosa – ou *alteridade* – formar-se-iam, assim, em âmbito comparativo. Ou seja, análoga à noção de que todo herói precisa de um monstro para *ser* um herói, a sociedade dos Danos necessitaria também do monstro Grendel para, após a queda deste, legitimar seus próprios preceitos e costumes sociais.

1.1 Conceções de monstro

O solo epistemológico do homem medieval foi constituído sobre um processo de classificação muito diferente deste que temos com o advento da ciência moderna. A concepção de monstro na Idade Média se dava numa sociedade que admitiria como factível sua existência no mundo, ao passo que, na contemporaneidade, a existência do monstro mitológico é colocada tão-somente no campo do imaginário. Na Idade Média, tanto pagã quanto cristã, a crença em monstros seria praticamente incontestável: tais criaturas circulariam mais livremente na sociedade, pois fariam parte da própria percepção de mundo. Com a mudança de perspectiva, é possível perceber certo declínio na importância dos monstros – tidos, hoje, enquanto criaturas fantásticas – e uma ascensão de uma perspectiva restritiva da alteridade monstruosa pelo pensamento social.

Numa perspectiva etimológica, Kappler (1994) esclarece que da raiz de *monstrum*, *men*, constituíram-se três categorias de palavras: aquelas que remetem à mente e à memória (*mens*, *memini*); as que têm origem em *monere*, *moneo*, significando aviso, presságio ou augúrio divinos⁵; e aquelas que dão origem às palavras mostrar e demonstrar. Destas três categorias, percebemos as duas últimas mais enredadas nas concepções medievais. Ao passo que, na atualidade, tem-se mais presentemente a terceira categoria: para nós, o monstro *mostra* o estranho, o incerto, o desconhecido; sendo assim, tautologicamente, monstro.

Podemos entender que, para a Idade Média pagã (V-VII), o monstro não estaria restrito a mostrar apenas o estranho. É relevante trabalharmos a figura de monstro nesse período, pois há a possibilidade de o poema *Beowulf* ter sido, em sua origem, somente pagão e oral, tendo seus motivos cristãos acrescentados posteriormente. Para analisarmos o monstro da era pagã temos de nos voltar para contos folclóricos germânicos que permaneceram

⁵ “Sobre a qual se formou, por sufixação não explicada satisfatoriamente pelos linguistas, *monstrum*, que teria dado origem a *monstrum*” (KAPPLER, 1994, p. 334).

enraizados na cultura mesmo com o advento do cristianismo, sendo necessário, para tanto, trazer à luz algumas questões acerca do material que temos sobre a crença pagã.

1.1.1 Fase medieval pagã

Os povos medievais da Europa Setentrional faziam circular suas histórias, crenças e costumes por meio da oralidade. Propagavam conhecimentos e histórias de deuses, heróis e monstros. A significação tecida por esses relatos não seria sempre a mesma, pois a oralidade dependeria da memória, bem como das escolhas lexicais dos indivíduos. Como a escrita não era uma realidade presente, infelizmente, é parca a bibliografia acerca do assunto, especialmente porque o material existente foi organizado por eclesiásticos relutantes em relatar as práticas e crenças pagãs que tentavam suprimir⁶.

De acordo com Stenton, muitos acadêmicos estudaram livremente o conteúdo de mitologia nórdica tratado nas sagas Edda (em verso e em prosa), escritas na Islândia no século XII, porém, embora tivessem a mesma origem germânica, “a conexão entre os paganismos inglês e escandinavo reside num passado que já era remoto quando os povos ingleses migraram para a Grã-Bretanha” (1989, p. 96)⁷.

As fontes que encontramos citam dois textos de São Beda (*De Temporum Ratione*, de 725, e *História eclesiástica do povo inglês*, escrito entre os séculos VII e VIII) e *The Anglo-Saxon Chronicle* (1912), redigido no final do século IX. Entretanto, podemos afirmar que essas obras foram impregnadas por motivos cristãos na medida em que suas escrituras se deram pelas mãos de eclesiásticos. Em *The Anglo-Saxon Chronicle* encontramos, em meio a vários registros de reis e senhores sendo *batizados*, o seguinte excerto, datado de 640, e que se configura como a primeira menção de algo pagão presente na obra: “[Erkenbert] derrubou todos os ídolos do reino, e foi o primeiro dos reis ingleses a empregar um jejum antes da Páscoa”⁸ (1912, p. 32).

Para Branston, porém, a crença pagã apresentaria duas correntes, conforme o estrato social de seus seguidores:

⁶ FISHER, 1989, p. 63.

⁷ Tradução nossa. No texto-fonte: “The connection between English and Scandinavian heathenism lies in a past which was already remote when the English peoples migrated to Britain”.

⁸ Tradução nossa. No texto-fonte: [...] “[Erkenbert] overturned all the idols in the kingdom, and first of English kings appointed a fast before Easter”.

Havia o nível aristocrático, com um panteão de deuses e deusas, incluindo *Woden*, *Frigg*, *Thunor* e os demais; este estrato possuía uma cosmografia facilmente reconhecível, na qual este mundo era chamado *midgard*, “o recinto do meio”, com o paraíso acima e o inferno abaixo. Este era o paganismo, sobretudo, dos reis e dos nobres. Abaixo dele, havia o mais forte e resistente paganismo do camponês, da vida em vilarejo, do solo, com ritos enraizados em quem sabe quais remotos e obscuros tempos da antiguidade humana: ritos para apaziguar os espíritos do sol, da chuva, e da vegetação, ritos como o encantamento do arado (a atual bênção cristã do arado) na *Segunda-feira do arado*, o encantamento do mar e do rio para que provessem boa pesca, dos pomares para que dessem muitos frutos e dos campos para aumentar seu rendimento de grãos, além do Dia de Maio, dos festivais de colheita e das oferendas de bolos para o Sol. O tempo de *Woden* e de *Thor* desapareceu, porém este outro paganismo sobrevive presentemente. Porque o paganismo do nível aristocrático já era, até mesmo naqueles dias, vacilante, não resistindo muito bem nem à travessia que partiu do continente (1962, p. 81-82)⁹.

Não seria arriscado supor um dos possíveis motivos pelos quais o paganismo aristocrático tenha definhado: devido à importância dada aos nobres e, principalmente, aos reis, o estrato mais alto da população foi o primeiro a ser convertido para o cristianismo. Os missionários poderiam focar sua doutrinação nas pessoas de alto destaque social para que, com sua influência, conseguissem a conversão do restante do povo.

A partir da metade do século VII, a população campesina em geral passara a aceitar a religião, porém, não deixara de lado seus costumes pagãos, sendo tal fato comprovado pela ausência de homogeneidade na ascensão do cristianismo na Grã-Bretanha. A isso, Fisher acrescenta que: “Em 747, parecia ainda ser necessário que os eclesiásticos se reunissem no Sínodo de Clovesho para instruir os clérigos a tomar medidas contra a crença em feitiçaria, encantamentos e outras práticas pagãs” (1989, p. 66)¹⁰.

As criaturas monstruosas presentes em *Beowulf* não aparentam ter relação com a mitologia aristocrática. Porém, crenças folclóricas apresentadas por Cockayne (1864) em *Leechdoms, Wortcunning, and Starcraft of Early England*¹¹ nos indicam outro caminho pelo

⁹ Retradução nossa do espanhol: “Existía el estrato aristocrático, con un panteón de dioses y diosas que incluía a Woden, Frigg, Thunor y los demás; este estrato poseía una cosmografía fácilmente reconocible, en la cual este mundo era llamado *midgard*, 'el recinto medio', hallándose encima el cielo y el infierno debajo. Éste era el paganismo de los reyes y de los nobles; en la capa inferior había el paganismo más fuerte y severo del campesino, de la vida del pueblo, del suelo, con ritos enraizados en quién sabe qué remotos y oscuros tiempos de la antigüedad humana: ritos para apaciguar los espíritus del sol, de la lluvia y de la vegetación, ritos como el del encantamiento del arado (la actual 'bendición del arado'), el Lunes del Arado, el encantamiento del mar y del río para que suministraran buena pesca, de los huertos para que diesen buenos frutos y de los campos para aumentar su rendimiento en grano; el 'Día de Mayo', las fiestas de la recolección y la ofrenda de pasteles al Sol. Woden y Thor han desaparecido, pero este otro paganismo pervive en el presente. Porque el paganismo aristocrático ya en aquellos días era vacilante y no pudo resistir la travesía desde el Continente”.

¹⁰ Tradução nossa. No texto-fonte: “In 747 it still seemed necessary to the churchmen assembled at the Synod of Clovesho to instruct priests to take measures against the belief in sorcery, incantation, and other heathen practices”.

¹¹ Coleção em três volumes disponíveis na biblioteca virtual <<https://archive.org/>>. Mais informações no site *The Northern Way*. Disponível em: <<http://northvegr.org/index.html>>. Acesso em: 10 jul. 2014.

qual poderíamos traçar possíveis concepções de monstros e criaturas fantásticas à época do paganismo.

Na obra em questão, encontram-se métodos para prevenir *elfos* e *goblins* noturnos¹², tentações demoníacas¹³, para curar o que se denominava como *water elf disease* ou doença do elfo aquático¹⁴. Nas traduções de *Beowulf* a existência de criaturas como essas se dá, em Raffel (1963), com *goblins* (l. 112), e em Alexander (1973) e Heaney (2000), com *ogros* e *elfos* (l. 111 e l. 112 respectivamente). A amalgamação entre paganismo e cristianismo se mostra bastante presente: há encantamentos em que tanto Woden (um dos principais deuses medievais) quanto Cristo são mencionados¹⁵. Muitas das curas e prevenções por manipulações de ervas requeriam também encantamentos (*charms*) que continham fatores pagãos e cristãos, principalmente, destes últimos, o uso da água benta.

Podemos ponderar, dessa forma, que a crença popular (ou folclórica) anglo-saxã, ao contrário da aristocrática, mostrar-se-ia mais enredada com sua irmã escandinava, tornando possível que explanemos sobre criaturas presentes em ambos os folclores – nórdico e anglo-saxão –, considerando a herança folclórica compartilhada por essas duas culturas.

Nos primeiros séculos da Idade Média, os monstros dos folclores anglo-saxão e nórdico diferenciavam-se daqueles da Idade Média cristã por não terem uma conexão com o divino. *Trolls*, *elfos*, *goblins*, ninfas, gigantes, etc., vincular-se-iam antes ao espaço físico por esses habitado, fazendo com que o local se configurasse em aspecto determinante de suas atitudes enquanto seres fantásticos. Kappler explica que “se o lugar em que se encontra é a primeira razão de ser de qualquer coisa, é nele também que reside a explicação para o monstro” (1994, p. 31). No território ocupado pelos povos germânicos temos, principalmente, a recorrência do elemento água – mar, rios, pântanos, chuva e gelo – de forma que muitas das criaturas das quais temos conhecimento são relacionadas à presença dessa substância.

A própria moradia de Grendel e de sua mãe era um salão subaquático em território pantanoso (linhas 1364-1372, 1421-1424 e 1511-1517). Além disso, na tradução de Burton Raffel, temos, por exemplo, que Grendel “haunted the moors, the wild marshes”¹⁶ (1963, l. 102-103), espaços inabitáveis onde vingavam dois elementos, terra e água, em conjunto. A figura do monstro Grendel também é apresentada consoante a escuridão em que habita e as sombras em que transita. Entretanto, quando o monstro se apodera do salão principal dos

¹² Vol. II, p. 343, lvi e p. 345, lxi.

¹³ Vol. II, p. 343, lviii e p. 353, lxiv.

¹⁴ Vol. II, p. 351, lxiii.

¹⁵ Como o *The Nine Herbs Charm*, disponível em: <northvegr.org/misc%20primary%20sources/anglo-saxon%20metrical%20charms/002.html>.

¹⁶ “Assombrava os pântanos, as charnecas selvagens” (são nossas todas as (re)traduções do *corpus*).

Danos, habitando-o durante a noite, é possível encontrar epítetos que indicam essa posse, tais como “uncrowned ruler” (Raffel, 1963, l. 2003), “new hall-thane” (Alexander, 1973, l. 140) e “hall-watcher” (Heaney, 2000, l. 142)¹⁷.

Uma espécie de mãe provedora de vida e alimento tanto pelo mar quanto pelos lagos e pela irrigação de pomares e colheitas, a água se mostra, em sua imensidão marítima, como um espaço infinito e incerto ao estar em constante transformação. Como explica Foucault (2014, p. 205), as águas apresentam estradas sem caminho: ao mesmo tempo em que cercam o espaço terreno – vale lembrar a existência de várias ilhas na Europa Setentrional –, elas expõem um mundo líquido sem fronteiras nem limites, com o qual os povos germânicos estavam em constante contato. Dessa forma, seria possível supor que o imaginário dos indivíduos versasse acerca da profundidade, da extensão e dos animais (ou monstros) que poderiam habitar o mundo subaquático. Nas palavras de Foucault, “[...] o mar os carrega para horizontes estrangeiros [...]” (2014, p. 206), horizontes que, por sua vez, poderiam sofrer a tentativa de serem alcançados pelo ínfimo conhecimento humano, por meio da criação de monstros.

O lago onde se encontra o salão residido por Grendel e sua mãe seria, em si, monstruoso, inquietante, onde a própria água queimaria (*vide* linhas 1365-1366); um espaço inabitável para humanos. Coberto de sangue, ele fervia e era repleto de répteis: cobras, serpentes e dragões marinhos (*vide* linhas 1425-1428), de modo que nenhum animal ousaria entrar naquelas águas (*vide* linhas 1367-1371). O espaço ocupado por Grendel, além da fronteira da sociedade dos Danos, serviria, portanto, enquanto uma das maneiras de construir sua identidade monstruosa. Apesar de ambos, homens e monstros, neste caso, residirem em construções, o ambiente ao redor dessas revelaria, para o pensamento medieval, aspectos de seu(s) morador(es).

Uma criatura do folclore germânico alicerçada pelo elemento água, enquanto expressão marítima, seria o *kraken*, um monstro imenso capaz de afundar navios inteiros. Destacamos, também, o espírito de água doce *nøkke* ou *nøkken*: um ser, por vezes, demoníaco, capaz de mudar de forma e atrair, através do som da harpa ou do violino, os humanos para se afogarem no lago¹⁸.

¹⁷ Respectivamente: “governante não coroado” (ou ilegítimo), “novo guerreiro do salão” e “sentinela do salão”.

¹⁸ Há outras versões para uma mesma criatura. Para mais informações sobre o *nøkke* (também conhecido por *näcken* ou *nix*) *vide* Branston, 1962, p. 551.



Ilustração 1 – Parte do mapa Carta Marina (1539), por Olaus Magnus, que apresenta três krakens atacando navios.

O também aquático *draugr* seria um corpo ou um espírito de um afogado que retornaria à vida para assombrar a orla em que fora enterrado. Como um mesmo monstro pode ter uma versão diferente, conforme o analisamos sob uma perspectiva ou outra, Dell nos fornece uma outra concepção para o *draugr*:

Na mitologia nórdica, vikings mortos poderiam ser acompanhados por um espírito chamado *draugr*. Estas criaturas ficavam ao redor de sepulturas, principalmente aquelas carregadas de um tesouro tentador. Tinham força extraordinária e poderiam mudar seu tamanho à vontade. Elas caçariam e devorariam os vivos, apesar de geralmente não poderem sair para muito longe de sua sepultura. Os *draugar* eram de um tom azul-enebrecido ou branco fantasmagórico (2010, p. 124)¹⁹.

Citamos esse monstro pelas semelhanças dele com o de nossa pesquisa: ambos têm uma habitação aquática, mas dela não são cativos. O fato de Grendel poder caminhar sorrateiramente poderia significar um atributo homólogo à capacidade do *draugr* de mudar de tamanho. Além disso, outra hipótese que podemos levantar é a de que o salão de Heorot estaria próximo o suficiente da sepultura assombrada por Grendel, sepultura (tal como a do *draugr*) repleta de tesouros.

Apesar da comparação, não pretendemos estabelecer aqui que o monstro Grendel pertenceria a esta espécie de criatura. Nosso objetivo é ressaltar atributos análogos existentes entre esses dois monstros, prospectando possíveis maneiras pelas quais tais características

¹⁹ Tradução nossa. No texto-fonte: “In Norse mythology dead Vikings could be accompanied by a spirit called a *draugr*. These creatures hung around graves, especially ones packed with tempting treasure. They had extraordinary strength and could change their size at will; they would hunt and devour the living, though generally they could not stray too far from their grave. They are either blue-black or ghostly white in colour”.

poderiam ser trabalhadas pelo homem medieval – e pelo(s) autor(es) do poema. Ambos possuiriam a habilidade de se camuflar, morariam em lugares ermos, mas repletos de tesouro, e seriam fatais. Há uma relação aqui com o *desconhecido*, bem como com a ideia de *oposição* entre o tesouro: a riqueza e o belo, e o monstruoso: o sujo, o lodoso. Por último, há uma relação com a *morte*, em que o monstro funcionaria como a própria passagem, isto é, uma fronteira que se deveria cruzar para, então, falecer. A função do monstro, neste contexto, poderia ser a de guardião de sua sepultura, de seus tesouros e do próprio portal da morte: estado que, apesar de atrair, é, também, temido e evitado.

Não é apenas na água onde encontramos o inquietante: o terreno, a neblina e as densas florestas e pântanos (onde se presenciaria o fogo fátuo²⁰) provêm, igualmente, recursos para a criação de monstros. Dentre tais criaturas, algumas incumbiam-se de tarefas bondosas, como o *nisse* do folclore escandinavo, que cuidaria de animais²¹. Nessa perspectiva seria possível supor que os povos anglo-saxões e nórdicos estariam intimamente ligados à natureza, encontrando nos monstros explicações para acontecimentos, fossem estes infortúnios ou não. Assim, tais criaturas poderiam ser originadas da necessidade do homem de explicar o que acontece ao seu redor, funcionando em conjunto com a crença pagã; pois, a fim de se protegerem, os indivíduos faziam talismãs ou deixavam oferendas para esses seres. O monstro Grendel, sob esta concepção, poderia ser resultado de uma possível explicação para o fogo fátuo ou para um lago termal.

Poder-se-ia dizer, então, que monstros e homens “conviviam” em harmonia, pois aqueles ajudavam estes a entender o mundo ao seu redor. Tais criaturas ocupariam, assim, um lugar *dentro* da estrutura simbólica – ainda que *fora* de seu centro, pois a atmosfera inquietante do desconhecido e do indomado rodearia os sujeitos de maneira que os monstros, ainda assim, permaneceriam no limbo.

Entretanto, seria o monstro *somente* uma explicação sobre a natureza para a prática e o cotidiano de um povo? Na medida em que seria possível considerá-lo, ainda, como um reflexo negativo do próprio homem, nossa resposta poderia nos levar a outra perspectiva. Conforme explica José Gil:

Ora nós exigimos mais dos monstros, pedimos-lhes, justamente, que nos inquietem, que nos provoquem vertigens, que abalem permanentemente as nossas mais sólidas certezas; porque necessitamos de certezas sobre nossa identidade humana ameaçada

²⁰ Chama azulada, decorrida da decomposição de corpos, que costuma ocorrer na superfície de cemitérios ou pântanos e que se apaga rapidamente. Nesse processo, as bactérias que metabolizam a matéria orgânica produzem gases que entram em combustão espontânea quando em contato com o ar.

²¹ Disponível em: <<http://www.pantheon.org/articles/n/nisse.html>>.

de indefinição. Os monstros, felizmente, existem não para nos mostrar o que não somos, mas o que poderíamos ser. Entre esses dois polos, entre uma possibilidade negativa e um acaso possível, tentamos situar nossa humanidade de homens (2006, p. 12).

É possível, então, entender a crença nos monstros mais como uma *religião* do que somente enquanto explicação acerca dos fatos que aconteciam ao redor do corpo social. As certezas que necessitamos sobre nossa identidade poderiam entrar em acordo com a necessidade/vontade de o ser humano ter fé em algo sem necessariamente possuir razões empíricas, e o monstro, neste contexto, passaria a ser uma espécie de *instrumento*, com o qual mediríamos nossa humanidade. Corrobora com nossa interpretação as seguintes palavras de José Gil: “*monstrare* significa muito menos ‘mostrar’ um objecto do que ‘ensinar um determinado comportamento, prescrever a via a seguir’” (2006, p. 73). A analogia com a religião também seria fortuita ao considerarmos as funções exercidas por ela de prover explicações e de mostrar (ou ter a pretensão de mostrar) o caminho. O monstro, porém, na condição de alteridade, não seria uma via a seguir, mas sim um caminho a ser evitado, um “não-caminho”, isto é, ao mostrar o *supostamente* errado, ele indicaria o certo.

Considerando-se o monstro Grendel, seria possível entender que as concepções monstruosas atribuídas ao paganismo e ao cristianismo se mesclariam aqui. Uma vez que Grendel viveria em constante desvio e oposição aos preceitos *morais, sociais e religiosos* dos Danos, ele poderia, também, ser um indicativo de vias a serem evitadas. Sendo um monstro dentro de um poema com características cristãs, Grendel seria, igualmente, considerado um demônio.

1.1.2 Medievalismo cristão

Kappler expressa que “as causas dos monstros são legião... como o demônio expulso por Cristo (Lucas, VIII, 30)” (1994, p. 331). Frase de sentido impactante que revelaria não apenas a diversidade de concepções de monstro e de monstruosidade, como também um aspecto homólogo existente entre monstros e demônios estabelecido pelo cristianismo através da *forma* desses seres. A criatura monstruosa seria assim caracterizada principalmente pelas diferenças expostas em seu corpo, isto é, antes de ser considerada pelo espaço físico que

ocupa ou por suas atitudes, ela seria monstro (ou demônio) por seu exterior desconcertante que determinaria sua *raridade*²².

Ainda segundo Kappler: “o imaginário medieval é extremamente 'estruturalista': a forma é o significante e é dela que se parte para imaginar o conteúdo ignorado ou para justificar o conteúdo conhecido” (1994, p. 14). Pela cosmologia cristã ser estruturada de forma dualista, a deformidade estaria em oposição ao bem, ao normal, à ordem, ao belo. A analogia entre monstro e demônio na Idade Média cristã dar-se-ia, então, pela concepção de que ambos seriam seres malignos e perversos *a priori*.

Vários devotos, entretanto, tentaram explicar as diferenças monstruosas existentes em alguns indivíduos, como Santo Agostinho e Isidoro de Sevilha que viam seres teratológicos como uma manifestação “genética” de uma raça distante; se tínhamos um caso de ciclopia era porque havia uma raça de ciclopes do outro lado do mundo, e lá ser-lhes-ia absurdo o caso de indivíduos que nasceriam com dois olhos. Os monstros, sob este viés, seriam também uma criação de Deus: “eles não são contrários à natureza, porque eles surgem da vontade divina, pois a vontade do Criador é a natureza de cada coisa que é criada”²³ (Isidoro de Sevilha apud ASMA, 2009, p. 75).

Para muitos religiosos, os monstros descenderiam de alguma personagem bíblica pecadora, sendo designados enquanto alteridade por meio de linhagem genética, que deixaria uma marca possível de ser identificada pelos demais indivíduos. Há casos em que o ser monstruoso descenderia de Cam, filho de Noé, que, após ver a nudez de seu pai, foi amaldiçoado por ele (Gênesis 9:20-27). Tal maldição se estende até os descendentes de Cam que foram, então, feitos servos para as famílias de seus dois irmãos. Outra passagem relevante do Gênesis (4:8-15) é a que narra o fratricídio cometido por Caim, o primeiro assassino da história bíblica. Caim mata seu irmão, Abel, e é então amaldiçoado e banido por Deus. A explicação cristã para Grendel é baseada nessa passagem, sendo ele e outros monstros concebidos numa linhagem de várias criaturas descendentes do fratricida (*vide* linhas 104-114 nas traduções).

Ao analisarmos Grendel sob a concepção de monstro da Idade Média cristã, ele seria fruto do pecado de Caim, tendo seu destino monstruoso traçado desde seu nascimento. Na tradução de Heaney, temos uma expressão que reflete essa noção perfeitamente: “malignant by nature” (maligno por natureza; 2000, l. 137). Ou seja, mesmo que não atacasse Heorot, Grendel estava fadado a ser visto como monstro por sua forma e descendência: sua raridade e

²² KAPPLER, op. cit., p. 294 e 299.

²³ Tradução nossa. No texto-fonte: “They are not contrary to nature, because they come by the divine will, since the will of the Creator is the nature of each thing that is created”.

corpo descomunal encheriam os olhos dos Danos até cegá-los para qualquer outra definição. O exterior seria um reflexo do interior: a forma grotesca suporia um conteúdo maligno.

Se sob um prisma, os monstros poderiam ser julgados como descendentes de algum indivíduo amaldiçoado do Velho Testamento ou, ainda, como uma criatura demoníaca; sob outro, eles poderiam ser tratados como um presságio da vontade divina (*moneo, monere*). O monstro seria, então, um material a ser *interpretado, adivinhado*²⁴, uma expressão da ira ou da bênção de Deus.

Partindo-se da criatura Grendel, percebemos que a palavra monstro sofre ressignificações ao longo do tempo. Etimologicamente, o monstro guarda uma relação com o divino, sendo criado com o objetivo de manifestar um sentimento para a comunidade. Em *Beowulf*, entretanto, é Deus quem *marca* Caim, impelindo à marginalidade todas as criaturas que dele “brotaram”. A cólera divina seria, nesse caso, direcionada a essas criaturas apenas. O monstro Grendel não funcionaria, portanto, para a sociedade dos Danos como um presságio ou manifestação colérica de Deus. Pelo contrário: o rei Hrothgar esperava um auxílio celestial para não sofrer mais das investidas do monstro (*vide* linhas 478-479). De uma maneira ou de outra, enquanto presságio ou exilado, seria Deus quem criaria os monstros.

Das três possíveis noções cristãs para monstro citadas neste trabalho, são duas as que se destacam quanto à criatura Grendel: aquelas que remetem à *forma* e à *descendência*; ideias que não estão necessariamente em desacordo. Ambas indicam criaturas monstruosas *a priori*, o que não necessariamente ocorreria na época pagã, na qual o monstro faria parte da crença dos povos, tendo sua origem fundamentada não numa criação divina, mas na própria natureza, podendo representar, portanto, algo bom *ou* mau. Seria admissível, então, pensar que, com o advento do cristianismo, houve uma degeneração da figura monstruosa: o *feio* e o *disforme* seriam imediatamente entendidos enquanto algo impuro, mau e demoníaco.

Ainda assim, as ressignificações monstruosas efetuadas pelo cristianismo não modificaram a noção de que o monstro (e o demônio) seriam *necessários* para a própria concepção de mundo dos indivíduos. A alteridade monstruosa, no medievalismo cristão, fazia parte de uma universalidade maniqueísta estruturada, ocupando seu espaço dentro dessa estrutura como parte de um equilíbrio de dualidades: bem e mal, luz e trevas, paraíso e inferno, etc. A finalidade de tal alteridade seria, possivelmente, causar temor e, como consequência disso, fazer com que os indivíduos, afastando-se do mal, fossem atraídos para o bem.

²⁴ KAPPLER, op. cit., p. 335.

Essa última perspectiva de monstro é análoga à noção de “não-caminho” atribuída também à época pagã. Destarte, as ressignificações da figura monstruosa, mesmo que sofram alterações, não deixam de ter, entre si, aspectos em comum. Em ambas, cada qual a sua maneira, as criaturas estariam em harmonia com a natureza. A monstruosidade representaria um não-caminho, ou um desvio de normas, independentemente da perspectiva que tomamos. O monstro Grendel, nesse caso, estaria para um desvio de preceitos sociais (indo de encontro às normas e aos costumes Danos) e religiosos (sendo descendente de Caim, o primeiro fratricida).

Uma das discordâncias encontradas entre as noções pagãs e cristãs dá-se no fato de que, nestas últimas, o monstro seria criado por Deus; enquanto presságio ou pela descendência de uma maldição. Sob a configuração pagã, porém, o monstro estaria atrelado ao espaço físico habitado, significando a partir dele; a criatura, nesse caso, não seria necessariamente maligna, embora seja possível afirmar que a grande maioria o fosse.

Outra divergência que encontramos entre essas duas concepções históricas estaria na própria *forma* do monstro dado que houve, com o advento do cristianismo, uma degeneração daquilo que seria disforme ou de formato divergente. Se, pela mentalidade cristã, o monstro seria considerado maligno *a priori* pela sua forma, o mesmo não ocorreria à época pagã, haja vista que o corpo monstruoso referir-se-ia mais intensivamente ao espaço físico ocupado do que a sua natureza moral. Essa ressignificação da forma, decorrida da transição de uma crença a outra, permaneceria na atualidade, dado que, na contemporaneidade, a *forma* é, ainda, bastante impactante.

1.1.3 Contemporaneidade

Numa visão bastante diferente dessas do período medieval (em que a explicação para acontecimentos naturais e a harmonia dual do cosmos incluíam o monstro), na contemporaneidade, tal figura pode constituir uma dupla infração (às leis dos homens e à da natureza). Em outras palavras, ainda que seja possível perceber uma similaridade com relação às infrações das leis humanas – dado que o monstro indicaria, ainda na Idade Média, o não-caminho –, a criatura monstruosa, sob uma concepção contemporânea, não mais faz parte da estrutura simbólica social enquanto *explicação de acontecimentos naturais* (possível visão pagã) ou enquanto *forma predominantemente maligna* (possível visão cristã).

Como explica Foucault acerca de “monstros” teratológicos:

O que define o monstro [seria] o fato de que ele constitui, em sua existência mesma e em sua forma, não apenas uma violação das leis da sociedade, mas uma violação das leis da natureza. Ele é, num registro duplo, infração às leis em sua existência mesma. O campo de aparecimento do monstro é, portanto, um domínio que podemos dizer “jurídico-biológico”. (2013, p. 47)

O monstro, neste sentido, poderia ser um indicador de infrações possíveis de serem cometidas em âmbito social e natural. Tal noção de monstro, enquanto desordem e infração, pode também ser concebida enquanto homóloga à própria visão que a sociedade da narrativa *Beowulf* tem do monstro Grendel²⁵. Este seria condenado *a priori* por sua diferença na *forma*. Suas atitudes, posteriormente, corroborariam, igualmente, com os aspectos que os sujeitos da narrativa expõem acerca dele. Neste contexto, é possível perceber que o monstro Grendel tenha sido concebido, principalmente, sob uma perspectiva cristã.

Na contemporaneidade, a *forma* ainda pode configurar um fator condenado pela sociedade, entretanto, percebemos que o uso do vocabulário monstruoso estaria mais voltado para a caracterização dos atributos morais dos indivíduos; sendo esses que condenaríamos judicialmente. O conceito de “monstro” passaria a ser, então, na contemporaneidade, mais depreciativo devido à limitação à moralidade – uma vez que seu uso para definir a forma seria menos recorrente. Em outras palavras, o uso excessivo da palavra “monstro” (tal como na Idade Média) ampliaria e banalizaria o seu significado, ao passo que, ao restringi-lo, atribuímos-lhe uma conotação mais pejorativa: se antes o monstro era comparado ao demônio por sua forma, agora ele o será principalmente por suas atitudes de desordem moral.

A infração às leis dos homens, nas quais estariam também inclusas as “leis” da natureza, traria à baila algo de ininteligível da monstruosidade pelo fato de ela não seguir as regras estabelecidas pelo pacto social. Consequentemente, aqueles que estão enclausurados pelo pacto não conseguem decifrar seu começo, seus meios e seus fins. Para Asma (2009), o monstro poderia ser caracterizado por sua desumanidade, por sua indecidibilidade e falta de controle social. É algo impensável, inconcebível, podendo causar “[...] o colapso da inteligibilidade. Uma ação, uma pessoa ou uma coisa é monstruosa quando não pode ser processada pela nossa racionalidade e, também, quando não conseguimos nos relacionar, prontamente, com a extensão emocional envolvida”²⁶ (2009, p. 31). Como se o monstro fosse

²⁵ Alguns termos que nos possibilitam pensar sob tal perspectiva seriam “otherworldly ones” (seres de outro mundo; ALEXANDER, 1973, l. 1348); e “unnatural birth” (nascimento não-natural; HEANEY, 2000, l. 1353).

²⁶ Tradução nossa. No texto-fonte: “[...] the breakdown of intelligibility. An action or a person or a thing is

o limite do inteligível, isto é, ele está além daquilo que conseguimos processar, além da nossa percepção de real(idade).

O monstro, então, poderia significar um conhecimento inacessível para o homem, uma sabedoria que permaneceria escondida por trás da atitude *horrenda, absurda e incompreensível*, algo que estaria além dos limites do entendimento científico e social. Apreendê-lo seria como entender a própria morte – algo que temos apenas uma noção familiar e que, quando compreendermos totalmente, deixamos de ser.

Derrida propõe a monstrosidade enquanto o que caracteriza o movimento de tornar-se, o devir, o “[...] por vir que se anuncia no presente, para além da clausura do saber. [...] É o que rompe absolutamente com a normalidade constituída e por isso somente se pode anunciar, *apresentar-se*, na espécie da monstrosidade” (2008, p. 6). Assim, o monstro também poderia implicar na mudança, no devir do Eu na medida em que, na *tentativa* de apreendê-lo, faz-se necessário modificar os paradigmas estruturantes de nosso pensamento.

O monstro estaria na fronteira entre uma raça e outra, um gênero e outro, um plano e outro: ele é, ao mesmo tempo, o não-ser (uma indefinição) e o tudo-ser (união de seres); o estranho que não nos é permitido compreender completamente através de nossas estruturas de percepção. Se, no medievalismo pagão, o monstro poderia ser uma maneira de explicar algo desconhecido, funcionando junto à crença e à natureza, na contemporaneidade, o monstro revelaria, *mostraria* a impossibilidade do homem de atingir o conhecimento total, desafiando sua prepotência científica. Na contemporaneidade, o monstro se configuraria, portanto, em des-razão.

Nas palavras de José Gil, o monstro seria o “raio que abala as consciências” (2006, p. 77). Sob tal prisma, o autor ressalta que “[...] o monstro mostra. Mostra mais que tudo o que é visto, pois mostra o irreal verdadeiro” (2006, p. 77). O monstro é aquele que traz à superfície a realidade que deveria estar oculta e, ao fazê-lo, ele causa uma surpresa tão enorme e aterradora que acaba por incapacitar o desvio do olhar de seu observador, fascinando-o. O monstro causaria estranhamento, apontando uma realidade Outra que não aquela estabelecida pelas estruturas simbólicas. Ao mostrar este Outro aspecto do real (ou o “irreal verdadeiro”), o monstro, certamente, provocaria incerteza intelectual em seu espectador.

A este respeito, Michel Foucault declara que:

monstrous when it can't be processed by our rationality, and also when we cannot readily relate to the emotional range involved”.

[...] o monstro é, paradoxalmente – apesar da posição-limite que ocupa, embora seja ao mesmo tempo o impossível e o proibido –, um princípio de inteligibilidade. No entanto esse princípio de inteligibilidade é propriamente tautológico, pois é precisamente uma propriedade do monstro afirmar-se como monstro, explicar em si mesmo todos os desvios que podem derivar dele, mas ser em si mesmo ininteligível. (2013, p. 48)

Destarte, o monstro se apresenta para a contemporaneidade enquanto algo impossível de se apreender em sua totalidade. Compreenderíamos o monstruoso, forçosamente, através daquilo que ele indicaria como desvio (de conduta, de costume, de norma); daí Foucault denominar o monstro “um princípio de inteligibilidade”. Ele traria, em si, “todos os desvios que podem dele derivar”, fato que nos permitiria pensar, através dele, a própria condição humana: sua psique, sua sociedade e suas estruturas simbólicas que, estruturadas e estruturantes, condicionariam os indivíduos a perceber o mundo de determinada maneira.

José Gil assere que “[...] provavelmente, o homem só produz monstros por uma única razão: pensar sua própria humanidade” (2006, p. 53). Sob tal concepção, o monstro Grendel poderia servir para a sociedade da narrativa enquanto forma de representação daquilo que, para eles, desviaria de suas concepções de normalidade. Grendel, enquanto alteridade, portanto, indicaria pelo menos quatro espécies de desvios que, aqui, identificamos: a natural, a religiosa, a social (de costumes e preceitos) e a moral.

Atemo-nos, em nossa pesquisa, nessa percepção social de monstro que, decorrente de uma narrativa, é constituída pela linguagem. Examinamos, portanto, a identidade do monstro Grendel após o processo tradutório, verificando em que medida ela se conserva a mesma ou não. De antemão, ressaltamos que o léxico monstruoso apresentado, sendo derivado do ato tradutório, refletiria (parte de) a subjetividade do tradutor e, conseqüentemente, aquilo que, para ele, entende-se como monstruosidade. Previamente, entretanto, a fim de estabelecermos possíveis desvios e oposições da personagem monstruosa de Grendel, é necessário prospectar acerca da sociedade representada na narrativa, haja vista que os parâmetros delimitadores de aspectos monstruosos se constituem a partir dela. Em outras palavras, para que as personagens afirmem sua própria identidade enquanto seres sociais, elas personificam no monstro o que negam existir em si próprias.

1.2 Panorama social da narrativa

Para definirmos a sociedade da narrativa, partimos principalmente daquilo que a obra nos permite perceber acerca das posições das personagens dentro da estrutura social representada. Em *Beowulf*, temos a presença de várias narrativas intermitentes que trazem à baila outras sociedades de mesmo padrão estrutural, construído através de um sistema de castas. Nelas, na posição privilegiada de poder supremo, tem-se o rei ou príncipe (cuja ordem de sucessão seguia a linhagem sanguínea), posteriormente, os nobres (*earls*), que atuavam como oficiais do rei, os guerreiros (*thanes*), e, então, os guardas (*house-guards*), o povo livre e os escravos de guerra. Os monstros se encontram fora dessa organização social, pois, não sendo nem humanos nem animais comuns, eles repercutem o sobrenatural e, por vezes, o maligno e o impuro.

Os estratos concernentes às sociedades presentes na narrativa são bem estabelecidos. O rei tem deveres para com o seu povo: protegê-los através de seu conhecimento de guerra e gratificá-los. Para tanto, ele distribui parte de seu tesouro para os nobres e os guerreiros, de modo a recompensá-los por sua bravura; se assim agir, o rei é adorado e respeitado por todos. Os *thanes* são guerreiros que receberam terras do rei em troca de serviços militares, ao passo que os guardas, além de protegerem o salão do rei (outros também poderiam fazê-lo caso fosse necessário), têm que acomodar os guerreiros para a noite, auxiliando-os no manejo de suas armas e armaduras. A única mulher que possui voz dentro da narrativa é a rainha dos Danos, que segue os preceitos e costumes dela esperados, dando o ar de sua graça no salão, cumprimentando os nobres.

O herói Beowulf é um guerreiro cuja fama de matador de monstros, que precede seu nome, reflete sua posição de indivíduo notabilizado por suas realizações. Ser uma celebridade, buscando glória constantemente – um preceito do mundo guerreiro – é um fato instigador para que o herói parta do reino dos Getas, com o aval de todos os nobres de Hygelac (linhas 415-418 nas traduções), a fim de auxiliar o povo Dano e seu rei, Hrothgar.

O poema *Beowulf* revela a frequência dos banquetes ofertados pelo rei Hrothgar, com o subsídio do trabalho do povo livre – constituído por mercadores, fazendeiros, pescadores, ferreiros, artesãos, menestréis (ou *scops*, em inglês antigo). É importante ressaltar que, no

poema, à exceção dos menestréis e de um escravo²⁷, não há menção das castas inferiores e de mulheres que não pertencessem à realeza.

Símbolo de autoridade dentro do contexto social narrativo, o rei Hrothgar representa a lei e a ordem. Nesse sentido, a aflição causada pelo monstro Grendel surge em proporção aos desvios e oposições deste perante a sociedade dos Danos. Seus crimes são agravados em razão do lugar em que ocorrem: o salão Heorot. Na narrativa, o salão fornece um ambiente onde a camaradagem é constante, sendo lá que os guerreiros (re)afirmam suas alianças, vangloriam-se de seus feitos e disseminam sua cultura.



Detalhe acima da porta:



Ilustração 2 – O salão principal da vila anglo-saxônica de West Stow em Bury St Edmunds, Reino Unido. Fotos retiradas da galeria virtual Life in Saxon and Viking Times.

Disponível em: <<http://gallery.nen.gov.uk/gallery420-.html>>. Acesso em 17 nov. 2014.

O monstro Grendel, portanto, causa desordem à sociedade dos Danos ao invadir o cerne das relações políticas e culturais; especialmente porque, de acordo com Hume, para os anglo-saxões, até mesmo a “[...] taverna também parece ter sido considerada como um espaço privilegiado; e quaisquer desavenças que lá surgiam eram punidas mais severamente do que as de qualquer outro lugar”²⁸ (1983, p. 179).

Grendel, além disso, não segue os costumes de combate: ele não manuseia armas (linhas 433-434) e se utiliza de magia para defender-se (linhas 800-807). Tal fato poderia ser indicativo de que a criatura era covarde em batalha, pois sua magia o protegeria de qualquer ataque à espada. Dessa maneira, a bravura, consagrada no mundo heroico, não está presente

²⁷ Apenas um escravo é mencionado em toda a narrativa: ele é citado na segunda parte do poema (quando Beowulf é rei dos Getas), e é ele quem rouba uma taça do dragão, causando a fúria e o ataque deste. O escravo é, assim, retratado por meio de uma atitude indigna que causa sofrimento a toda a população.

²⁸ Tradução nossa. No texto-fonte: “An alehouse too seems to have been considered as a privileged place; and any quarrels that arose there were more severely punished than elsewhere”.

na personagem monstruosa na medida em que ela tem conhecimento de que não é páreo para os guerreiros (linhas 799-805). A ausência de coragem pode ser refletida, outrossim, na fuga de Grendel, pois ele não estava disposto a lutar até a morte, como era o costume dos guerreiros (linhas 817-822).

Nos preceitos Danos, há outra conduta recorrente e ignorada pelo monstro: o “*wergild* ou *weregild* (de *were*, ‘homem’, *gild*, ‘dinheiro’, ‘ouro’)” (RAMALHO, 2011, p. 202, nota 9). Se alguém cometesse um assassinato, o autor do crime deveria compensar a família do morto, “sendo o preço determinado pela posição hierárquica do indivíduo que perdeu a vida” (RAMALHO, 2011, p. 202, nota 9). O monstro Grendel não paga o *weregild* e tampouco, como é comum quando da existência de conflitos, oferece acordo que poria a vendeta a termo:

*Sad lays were sung about the beset king,
the vicious raids and ravages of Grendel,
his long and unrelenting feud,
nothing but war; how he would never
parley or make peace with any Dane
nor stop his death-dealing nor pay the death-price*²⁹. (Heaney, 2000, l. 151-156)

Por estas e outras razões, o monstro configurar-se-ia na inflexão da lei, dos valores e dos costumes Danos. As ações de Grendel refletiriam, portanto, a sua própria perspectiva de indivíduo reprimido e desviante, sendo esta última característica um dos fatores determinantes para que Grendel fosse considerado monstro e, assim, à margem da sociedade. Grendel embarçava a estrutura social simbólica e, conseqüentemente, as posições dos indivíduos dentro da sociedade.

A criatura Grendel foi reprimida demasiadas vezes pelo estatuto estabelecido pelos humanos que os coloca no centro do cosmos. A repressão por ela sofrida, que a faz, a nosso ver, contra-atacar os Danos e tornar-se monstruosa como resultado, ocorre, pelo menos, de duas maneiras: *espacialmente*, com a construção do salão Heorot, delimitando sua liberdade territorial, e *fisicamente*, com o barulho dos banquetes, o som da harpa e as cantorias no salão, fato que afligia o monstro dia após dia (linhas 85-91). Poderíamos, assim, interpretar o propósito da personagem Grendel não enquanto tentativa de assumir e ocupar uma posição dentro da sociedade dos Danos, mas sim subverter as leis e as estruturas da mesma.

²⁹ Tradução nossa: “Tristes baladas foram cantadas sobre o rei perturbado, / os viciosos ataques e as devastações de Grendel, / sua demorada e incessante contenda, / nada além de guerra; como ele nunca / negociaria ou faria paz com nenhum Dano / nem pararia seus feitos de morte, nem pagaria o preço da morte”.

Dessa maneira, concluiríamos que Grendel, possivelmente, não era “maligno por natureza”³⁰, como retrata a religião cristã presente na narrativa. Não foram sua descendência monstruosa ou sua aparência *sui generis* que o fizeram investir contra os Danos: ele os infligira apenas quando fora acuado e reprimido em seu espaço. Percebendo que poderia contra-atacar, a criatura Grendel o faz e aprecia o alívio do silêncio e a sensação de poder: um poder divino de determinar vida e morte – o mesmo poder do rei Hrothgar e do guerreiro Beowulf.

Previamente à viagem do herói até as terras vizinhas, Grendel atormenta a sociedade dos Danos por doze anos, em que muitos de seus guerreiros tentam impedi-lo. O rei Hrothgar sente cada ataque com pesar (linhas 129-134 e 147-153) e é obrigado, junto aos demais nobres, a abandonar o salão. Desse modo, a posição do monstro se revela completamente oposta àquela ocupada pelo rei: Hrothgar queria manter a vida de seus subordinados, seu posto dominante e a cultura sobre a qual era fundamentada a sociedade; ao passo que Grendel subvertia a estrutura dos Danos, demonstrando força física e poder sobrenatural para romper com aquela sociedade que, de um modo ou de outro, reprimia-o. Para Foucault, “o que faz a força e a capacidade de inquietação do monstro é que, ao mesmo tempo em que viola a lei, ele a deixa sem voz” (2013, p. 48). Grendel, então, ainda que temporariamente, *cala* o rei e suprime a lei dos Danos ao tomar Heorot.

O discurso de Hrothgar sobre a criatura é aquele de um rei ainda respeitado, mas com a posição social abalada. Grendel é designado pelo soberano como um inimigo monstruoso e demoníaco, maior e mais poderoso do que qualquer homem. Um ser que assombra os pântanos, aterrorizando e devastando a terra. Um monstro cujo desejo por sangue e cuja fúria jamais seriam mitigados.

³⁰ Tradução nossa. No texto-fonte: “malignant by nature” (Heaney, 2000, l. 137).



Ilustração 3 – O monstro Grendel por Lynd Ward em Beowulf (1967). O destaque desta figura é o braço da criatura: membro, posteriormente, arrancado pelo herói Beowulf.

Após doze anos, Hrothgar exaure todas as esperanças de derrotar o monstro, passando a aguardar uma intervenção divina que aplacasse sua angústia. Ele encontra, na própria chegada de Beowulf, a prova de tal intervenção (linhas 381-386), fazendo com que a relação do rei Dano com o guerreiro Geta fosse de completa admiração. Hrothgar vê Beowulf como um verdadeiro herói: a expressão máxima dos valores necessários para derrotar Grendel e conquistar respeito, fama e glória³¹.

O porte físico e a autoconfiança de Beowulf permitiam que os demais indivíduos reconhecessem nele ares de realeza (linhas 368-370). Além disso, as diversas contendas entre ele e outros monstros eram, tal como o sofrimento dos Danos, bem difundidas (linhas 418-424). Beowulf direciona-se a Hrothgar com disciplina, fazendo suas solicitações como um guerreiro honrado, ainda que o rei Dano não fosse seu soberano. Com a vitória, além de receber tesouros, ele passa a ser alvo de um carinho incondicional de Hrothgar, sendo considerado por este como a um filho, ao qual o rei poderia deixar seu trono até que seu filho legítimo atingisse a idade necessária³².

³¹ Desses valores destacamos: coragem, verdade, honra, lealdade, disciplina, laboriosidade e autoconfiança.

³² Tal intenção é visível no discurso da rainha, Wealhtheow, que, entretanto, aconselha Hrothgar a confiar nos próprios súditos e no sobrinho, Hrothulf (linhas 1172-1180) – que, posteriormente e ao contrário de Beowulf, usurparia o trono.

Toda a fama de Beowulf provoca inveja no nobre Unferth, que, previamente à batalha entre herói e monstro, tenta dissuadir as demais personagens presentes dos feitos realizados pelo guerreiro. O nobre ocupa uma posição de anti-herói: por mais que ele tenha as armas e a posição de um nobre, ele não possui a disposição, a intenção ou a coragem para combater o monstro Grendel. Em vez disso, ele se utiliza de um discurso que conspurca a honra do herói e, assim, tenciona reduzir a disparidade existente entre os dois. Beowulf, iniciando pela declaração de que Unferth havia bebido demais, refuta todas as afirmações feitas sobre si. Somando, ainda, a seu discurso, o fato de Unferth ter assassinado seus próprios parentes (linhas 587-589). O nobre, porém, não era julgado pelos Danos: nem por não se atrever a confrontar Grendel nem por ter matado familiares.

Neste ínterim, podemos verificar como a figura do monstro Grendel desconstruía, a seu modo, a cultura da sociedade Danesa. Se, por um lado, ele exterminava os guerreiros que pretendiam enfrentá-lo a fim de defender Heorot, por outro, ele embaraçava os valores sobre os quais a estrutura social estava constituída: hospitalidade, coragem, honra, lealdade, laboriosidade e autoconfiança tornavam-se difíceis de manter.

Não se sabe exatamente quando os motivos cristãos passaram a fazer parte do poema ou, ainda, se estiveram nele sempre presentes. Fato é que há uma perceptível amálgama de crenças que ocorre devido à transição do paganismo para o cristianismo. Esta mistura torna o poema análogo a um *monstro* por sua liminaridade: um texto híbrido que não pertence totalmente a nenhuma das crenças. Tal característica transitória traz ao poema algumas ambiguidades, conforme ambas as crenças tendem a, vez ou outra, justificar o material exposto pela narrativa.

Devido à transição religiosa, é possível interpretar os Danos como uma sociedade de regras *contraditórias*. Uma sociedade que, através da visão cristã, condenava Grendel por ser descendente de Caim, o primeiro fraticida, mas que não condenava tão severamente os próprios membros de seu grupo quando cometiam tal delito. Unferth é criticado apenas por Beowulf (linhas 587-590), ao passo que era admirado pelos demais (linhas 1165-1168). Além disso, no futuro, seria o próprio sobrinho de Hrothgar, Hrothulf, quem mataria seus primos para usurpar o lugar soberano (linhas 1014-1019).

Podemos, entretanto, considerar que os monstros revelariam características humanas desprezíveis que seriam atribuídas ao Outro monstruoso. Nesta instância, caberia a frase de Meschonnic, explanando acerca do fato de que devemos “[...] tornar sensível que a identidade não se opõe mais à alteridade, mas chega a ela mesma pela alteridade” (2010, p. XLIII). Seria dessa maneira que o monstro Grendel poderia revelar características

consideradas ruins ou malignas nos/pelos indivíduos da narrativa: estes personificariam no monstro atributos horrendos existentes neles próprios e que, assim, seriam tomados como exemplos de anormalidade, de quebra de regras, de não-caminho.

Consoante seu antagonismo à figura do rei Hrothgar, em que este representa a ordem social e o monstro, a desordem, Grendel se opõe também ao herói. Nesse caso, o contraste se dá por aspectos morais, sendo um a expressão máxima das virtudes prezadas pela sociedade e o outro, tudo o de diverso, marginal, repulsivo, cruel. Tem-se, por exemplo, o fato do monstro atacar apenas à noite, quando seus inimigos se encontravam despreparados; atitude dissimulada que se caracterizaria pela ausência de arrojo.

A posição ocupada por Beowulf em sua juventude é diferente daquela de quando ele se torna rei dos Getas³³. O rei, como supracitado, tem a posição mais privilegiada de todo o estrato social, ao passo que Beowulf, como nobre, estaria abaixo do soberano. Ainda assim, o herói ocuparia posição de muito prestígio, porquanto seria um verdadeiro protetor, “um escudo por trás de quem o rei poderia descansar com segurança”³⁴. Sob a concepção de salvador, o herói Beowulf exerceria um lugar Outro, além da estrutura social. Se o monstro exercia um posto demoníaco, o herói, em contraste, representaria um cargo do divino: monstro e herói seriam duas figurações extremas – excessivas – que, devido a esta característica, manifestar-se-iam *fora* da estrutura social.

Analisamos, portanto, de qual posicionamento (se de guerreiro social ou de herói divino), expressa-se, acerca do monstruoso, a personagem Beowulf, e verificamos que há oscilação entre uma posição e outra conforme o discurso expresso. Em sua primeira fala na narrativa, Beowulf se coloca em sua posição dentro do contexto social, direcionando-se à sentinela de Hrothgar (linhas 260-285). Em outro momento, no seu discurso de apresentação para Hrothgar (linhas 408-452), Beowulf ocupa o lugar de enviado divino, ressaltando suas características heroicas, sua experiência em matar monstros e solicitando, ainda, que Hrothgar permitisse-lhe enfrentar Grendel sozinho, apenas com a ajuda dos guerreiros Getas que o acompanharam em sua jornada às terras Danesas.

Ao responder às ofensas do nobre Unferth (citadas anteriormente), Beowulf também exerce a posição de herói divino, expondo, sem sofrer represália alguma, o fato de que Grendel não teme nem respeita os Danos, pois estes não têm condições de se opor a ele (linhas 590-601). Beowulf termina, assim, por ofender os Danos, incapazes de proteger seu soberano das opressões de Grendel. O salvador divino também se apresenta no discurso

³³ Fato que ocorre anos após a luta contra Grendel e sua mãe.

³⁴ Tradução nossa. No texto-fonte: “[...] A shield / Behind whom the king could safely rest” (Raffel, 1963, l. 667-668).

prévio ao confronto com o monstro, em que Beowulf se vangloria ao afirmar que lutará contra Grendel desarmado se este, ainda assim, ousar enfrentá-lo:

*And then, standing beside his bed,
He exclaimed:
“Grendel is no braver, no stronger
Than I am! I could kill him with my sword; I shall not,
Easy as it would be. This fiend is a bold
And famous fighter, but his claws and teeth
Scratching at my shield, his clumsy fists
Beating at my sword blade, would be helpless. I will meet him
With my hands empty – unless his heart
Fails him, seeing a soldier waiting
Weaponless, unafraid. Let God in His wisdom
Extend His hand where He wills, reward
Whom He chooses!”*³⁵ (Raffel, 1963, l. 675-687)

Após a contenda, em que Beowulf arranca, de mãos vazias, o braço do monstro (fato que decorre em sua morte), há uma quebra de expectativa do herói devido à fuga de Grendel. Ele, então, retorna à sua posição *dentro* do contexto social.

Na noite seguinte, surge a mãe de Grendel, que assalta Heorot para vingar a morte de seu filho e restituir o braço deste. Os guerreiros seguem a trilha deixada pela fêmea monstruosa e atingem o lago onde se encontra o salão subaquático que configura sua morada. O herói, destemido, mergulha naquelas águas, repletas de répteis monstruosos e triunfa novamente sobre o contranatural. O salvador, retorna, declarando como Deus o ajudara ao oferecê-lo uma espada digna de ferir ambos os monstros.

Ao regressar a sua terra natal, Beowulf ocupa, novamente, seu posto dentro do grupo social, reconhecendo seu lugar perante o rei Hygelac. Ao final da narrativa, após ter governado por cinquenta anos, a disposição de Beowulf é de um rei que, mesmo sobrepujado de responsabilidades, ainda tem atitudes heroicas: ele se voluntaria para derrotar o dragão que começara a assolar a região. Entretanto, sua velhice contrasta com a potência da serpente, não havendo a possibilidade do herói divino do passado manifestar-se. Com o auxílio de um fiel subordinado, Beowulf derrota o dragão, mas também morre ao fazê-lo.

Dessa forma, Beowulf, ao contrário do monstro, que seria uma indicação do não-caminho, mostraria a via a seguir. Mesmo tendo conhecimento de que o dragão seria seu

³⁵ Tradução nossa: “E então, em pé ao lado de sua cama, / Ele exclamou: “Grendel não é mais corajoso, nem mais forte / Do que eu sou! Poderia matá-lo com minha espada; não irei, / por mais fácil que seria. Este demônio é um lutador / bravo e famoso, mas suas garras e dentes / Arranhando meu escudo, seus punhos desajeitados / Batendo em minha lâmina, seriam impotentes. Vou encontrá-lo de mãos vazias – a menos que seu coração / lhe falhe ao ver um soldado esperando-o / Sem arma e sem medo. Deixemos que Deus, em Sua sabedoria, / Estenda Sua mão para quem queira, recompense / Quem Ele escolher!”

derradeiro adversário, Beowulf encara a própria morte (linhas 2417-2420), vencendo este último obstáculo. Sua força e seu destemor são também monstruosos por serem desmedidos, extraordinários. A via do herói é, tal como a do monstro, um extremo.

Para criar a figura monstruosa de Grendel que, após morta, daria legitimidade à sociedade como era conhecida, o poeta “enxerga dentro das mentes de homens e de monstros maléficos”³⁶ (RAFFEL, 1963, p. xii). Do conhecimento onisciente do narrador é relevante destacarmos que ele se mostra mais cristão que as demais personagens, ao atribuir ao monstro Grendel e a sua mãe a origem bíblica (linhas 102-114 e 1265-1267), mostrando-se ser mais próximo da religião. Pelo narrador estar ciente das atitudes do monstro, de sua subsequente morte e, a seu ver, de sua partida para o inferno, para ele, um possível eclesiástico, Grendel é, desde o início, uma criatura demoníaca.

Um cristão medieval, possivelmente, não poderia pensar Grendel de outra forma que não como um demônio. Casa-se, neste ínterim, as duas crenças (a pagã e a cristã) que lutariam pelo espaço simbólico narrativo. Burton Raffel faz questão de ressaltar que “[...] a natureza essencial deste cristianismo pode não ser a mesma praticada no século XX [...], mas é uma parte integral do pensamento e da perspectiva do poeta”³⁷ (1963, p. xv). As diversas concepções de monstro formariam um *continuum* em que ora divergem entre si, ora assemelham-se ou, ainda, entram em acordo. O monstro, mesmo após diversas interpretações possíveis, não seria outra coisa que não um constante devir.

Para Benjamin, “o narrador é um homem que sabe dar conselhos” (1987, p. 200). Em *Beowulf*, os conselhos do narrador são exprimidos consoante as oposições monstruosas: eles são de cunho religioso, social e moral, em diferentes proporções. Suas designações para o monstro refletem como o demoníaco se fazia presente e como um homem não deveria agir. Neste contexto, toma uso de Beowulf enquanto exemplo para instruir seus ouvintes acerca do caminho que deveria ser seguido – isto é, ser respeitoso e bravo como o herói. Beowulf configura-se, assim, como a forma pela qual todo homem deveria agir perante seus superiores e, outrossim, perante a morte. Os vários conselhos que o rei Hrothgar dá ao seu salvador são, também, baseados neste código de honra no qual, conforme explica Seamus Heaney (2000), as personagens de *Beowulf* “[...] se veem presas a este grande movimento de necessidade, servindo a um código de lealdade e bravura, obrigadas a buscar glória na perspectiva do mundo guerreiro” (p. xiv)³⁸.

³⁶ Tradução nossa. No texto-fonte: “Looks inside the minds of both men and evil monsters”.

³⁷ Tradução nossa. No texto-fonte: “The essential nature of this Christianity may not be quite the same as that practiced in [the] twentieth-century [...], but it is an integral part of the poet's thought and of his view of life”.

³⁸ Tradução nossa. No texto-fonte: “[...] All conceive of themselves as hooped within the great wheel of

A figura do narrador mostra-se análoga à de um menestrel. Para Michael Alexander: “numa sociedade primitiva, o poeta é historiador e padre, e suas canções têm significado ritualístico” (1973, p. 12)³⁹. As canções do poeta poderiam ser entretenimento, mas eram, principalmente, uma forma de perpetuar conhecimentos, valores, costumes e crenças. É possível dizer que os bardos (e, posteriormente, também os eclesiásticos) tinham como função manter viva a cultura e o conhecimento; daí serem essas figuras também detentoras de poder simbólico, pois sabiam acerca de padrões de comportamento, crenças e costumes.

Uma vez que os menestréis aprendiam as estórias e as estruturas de suas canções apenas oralmente devido à ausência de escrita, cada nova declamação seria diferente da anterior. Nesse sentido, saltando para nosso contexto contemporâneo, os tradutores estariam numa posição análoga a essa dos poetas medievais: cada tradução é individual, única pela subjetividade e pelas escolhas lexicais decorridas do processo tradutório – o que, em vez de ser visto como uma perda do texto-fonte, pode ser visto como um ganho de novas perspectivas sobre uma mesma estória.

No próximo capítulo, trabalharemos a singularidade do ato tradutório mais a fundo. Antes, porém, realizaremos uma prospecção acerca da linguagem e do ato de nomear, investigando como este pode corroborar a construção de identidade e alteridade. Indagar-nos-emos, portanto, se a tradução, enquanto processo de (re)criação individual, poderia, a partir dos epítetos selecionados pelo tradutor, estabelecer uma identidade diferente para uma mesma personagem; no caso, o monstro Grendel.

necessity, in thrall to a code of loyalty and bravery, bound to seek glory in the eye of the warrior world”.

³⁹ Tradução nossa. No texto-fonte: “In a primitive society the poet is historian and priest, and his songs have ritual significance”.

CAPÍTULO 2 – LINGUAGEM, ALTERIDADE E TRADUÇÃO

Mesmo que relativamente curto, o poema narrativo *Beowulf* apresenta vasta gama de propriedades analisáveis; uma dessas apenas, o par herói-monstro, já proveria vários frutos sob diferentes arcabouços teóricos. Afinal, o poema pode ser examinado a partir de diversas vias de pesquisa em virtude de seu potencial filológico, antropológico, histórico, social, poético, e de seu distanciamento temporal, que atribuiria significados outros à obra e às personagens através dos tempos.

O vocabulário monstruoso é uma constante nas traduções do poema e pode, igualmente, ser analisado a partir de diferentes perspectivas. As investigações sobre a linguagem e seu uso, articuladas desde a Antiguidade, não esgotam os mais variados contextos para pensarmos tal instrumento social. No decorrer de nossa pesquisa, muitas vias de percepção da linguagem nos instigaram, mas destacamos, aqui, a recorrência do vocabulário monstruoso em *Beowulf*, tanto em seu uso social (como forma estruturada e estruturalizante do pensamento), quanto como modo de experienciar uma percepção de real, delimitando os entes por meio de palavras e, assim, compondo nos monstros uma alteridade em constante devir.

Na narrativa, o monstro Grendel apresenta características desviantes em sua forma e em suas atitudes, principalmente por ir, sob nossa perspectiva, de encontro aos valores e normas socialmente estabelecidos, o que constituiria um dos motivos de sua monstruosidade. Desse modo, para estudar essa disposição monstruosa, foi necessário realizar um panorama da sociedade representada no poema, a qual contém, como qualquer outra, aspectos simbólicos que podem ser distinguidos por meio da linguagem; sendo esta tanto uma das formas de exercício de poder, quanto um dos meios para rotular a identidade de um indivíduo ou grupo. Neste capítulo, prospectaremos sobre como a linguagem, por suas estruturas conceituais e contingentes, consolidaria a construção da identidade dos indivíduos e dos entes por eles discriminados.

Se pensarmos que a identidade que dispomos de Grendel seria formada pelo pensamento Dano a partir dos nomes e atributos que eles lhe imputavam, é possível dizer que não conhecemos qual seria (se há) a “verdadeira” identidade do monstro Grendel. Nossa avaliação dos nomes monstruosos deve, portanto, partir da constatação de que a identidade da criatura Grendel é estabelecida através de sujeitos que o viam *a priori* como monstro.

Dando continuidade ao que investigamos acerca dessa sociedade, trazemos à baila, neste momento, características do monstro consideradas desviantes em comparação aos costumes e normas sociais. Nesse contexto, o tradutor construiria, por meio de sua seleção lexical, a *alteridade* de Grendel diante do grupo social da narrativa. Analogicamente ao apresentado no primeiro capítulo, em que argumentamos que o monstro constituiria um não-caminho, o comportamento da criatura Grendel significaria, em sua alteridade, um modo de *ser* e/ou de *agir* que deveria ser evitado.

Do vocabulário direcionado à personagem Grendel, destacamos, na segunda parte deste capítulo, o uso de nomes (próprio e substantivos), uma vez que a nomeação auxilia os falantes a organizar e a classificar o que eles entendem por realidade. Que não é única: ela depende das contingências, das perspectivas culturais, e do próprio uso da linguagem para nomear, ordenar e classificar relacionalmente o mundo e as coisas nele presentes. A construção da alteridade do monstro Grendel, exposta por meio dos atributos desviantes, dar-se-ia, dentre outros aspectos, através dos epítetos a ele direcionados em cada texto-alvo.

Percorremos esse trajeto a partir de considerações no âmbito da filosofia da linguagem, investigando como esses nomes poderiam corroborar a noção de identidade e alteridade; ambas, nessa pesquisa, abordadas em âmbito social. Os nomes utilizados para designar a personagem Grendel indicariam, então, uma construção de sua alteridade em conjunção com a própria formação identitária dos indivíduos da narrativa; pois, como explanamos no primeiro capítulo, o homem mediria sua humanidade tomando o monstruoso enquanto instrumento.

Foi necessário pensar como as categorias de nome próprio e de nome substantivo seriam capazes de carregar sentido a fim de serem classificáveis. Trazemos à baila, também, possíveis significados etimológicos de seu nome próprio, a fim de pensarmos acerca de prováveis sentidos que dele poderiam ser depreendidos e sua relação com a criatura nomeada.

Ainda que limitada pelas contingências sociolinguísticas, a atribuição de nomes substantivos é subjetiva, pois os indivíduos possuem percepções singulares acerca de fenômenos, situações, pessoas, etc. As denominações em *Beowulf*, sendo resultado de um processo tradutório, configurar-se-iam através das perspectivas de seus tradutores, de modo que cada um deles apresentaria ao leitor um monstro Grendel ligeiramente diferente, individual.

A transferência de uma língua para a outra, bem como a relação entre tradutor e texto e todas as contingências nela existentes revelam que cada nova reformação do texto-fonte para texto-alvo configuraria uma *recriação*, dependente de seu tempo, e individual. Os

epítetos utilizados para designar as personagens são, então, suscetíveis à variação de acordo com as escolhas do tradutor, que as realiza consoante sua interpretação do texto-fonte e demais particularidades culturais, a saber: suas perspectivas de mundo e do texto em si, suas vivências e seu conhecimento prévio⁴⁰.

Analizamos, assim, na terceira parte deste capítulo, as possíveis razões das divergências existentes entre os textos-alvo. A tradução, em analogia com a figura monstruosa, pode ser percebida enquanto um possível devir (de vários) do texto-fonte: um processo que traz à tona um Outro de si mesmo, permitindo sobrevida a algo *morto* (neste caso, o poema em inglês antigo) e encarnando um “excesso” de perspectivas, de possibilidades, de vozes, de culturas (do autor, da obra em si, do tradutor e do leitor). Disso decorre uma conseqüente alteração do texto, comparada, nessa pesquisa, a partir dos textos-alvo, cujos efeitos sobre o leitor podem ser diferenciados entre si.

Seguindo, principalmente, a perspectiva de Walter Benjamin sobre a *tarefa* do tradutor, pensamos acerca de algumas contingências do ato tradutório. Nosso propósito é investigar se, nas obras de nosso *corpus*, os efeitos – a *Intentio* (intenção) – da personagem Grendel são construídos diferentemente a partir dos epítetos selecionados no ato tradutório. Dessa forma, inquirimos acerca da construção da alteridade monstruosa de Grendel nas diferentes perspectivas tradutórias, prospectando se a mesma causaria efeitos divergentes no leitor.

2.1 Linguagem, nome e alteridade monstruosa

De um modo geral, a linguagem poderia ser concebida como um instrumento de expressão da realidade: pressupõe-se que aquela corresponda a esta. Porém, deve-se considerar que esse instrumento está fundamentado em conceitos contingentes de mundo e dos seres nele presentes, isto é, toda linguagem configura-se em uma das mais diversas formas de observar e de interpretar o que se entende por realidade. O que ocorre, então, seria o contrário: não é a linguagem que expressa a realidade, o que há é uma projeção, sobre esta realidade, de uma forma de linguagem⁴¹. As palavras construiriam, assim, todo o simbólico

⁴⁰ Não utilizamos esta palavra como forma de hierarquizar as capacidades intelectuais dos três tradutores. Ressaltamos apenas que cada tradutor pode perceber o monstro a sua maneira, na medida em que é influenciado por seus conhecimentos prévios.

⁴¹ SIMON, 1990, p. 17.

social, classificando-o a partir de uma estruturação convencional de mundo que pode ocorrer, dentre outras maneiras, através da nomeação⁴².

Tudo que é do interesse de uma cultura se realça e se distingue através dos nomes, sendo a classificação dos entes realizada de acordo com os atributos considerados relevantes e que são deles discriminados. Nomear é designar, é distinguir, é evocar um indivíduo ou um objeto. Para Auroux, “nomear, dar um nome, é sempre situar um indivíduo em um sistema prévio” (1998, p. 177). É possível, então, ver o ato de nomear como uma operação que levaria à promoção e à formação da identidade: um processo que destaca determinadas características (discernidas por nomes) como constituintes do ser.

A linguagem teria como fundação uma *estrutura particular* baseada no pensamento comum dos indivíduos de uma sociedade e nas relações de poder estabelecidas entre eles. Para o sociólogo Bourdieu, por ser estruturada, a linguagem é também *estruturante*, ou seja, nos sistemas simbólicos (sendo a linguagem um deles), “existem [...] estruturas objetivas, independentes da consciência e da vontade dos agentes, as quais são capazes de orientar ou coagir suas práticas e representações” (1990, p. 150). À medida que é, para o autor, uma estrutura estruturada e estruturante, a linguagem seria intrínseca aos sujeitos: os indivíduos se constituiriam através desta estrutura simbólica, dentre outras, e das palavras que eles profeririam.

Nesse contexto, o uso da linguagem intermediaria a construção de identidade dos indivíduos. A identidade que percebemos de Grendel seria, então, formada a partir das propriedades atribuídas a ele nos discursos da narrativa. Tendo tal identidade uma conotação monstruosa, podemos, enquanto leitores, reconhecer a possibilidade de os nomes atribuídos ao monstro serem fruto de desvios das normas e dos valores (passíveis de serem interpretados) daquela sociedade.

Heidegger assume a palavra “como fonte e borda do ser” (2012, p. 129), ou seja, a palavra dá origem como fonte – indica que o objeto é reconhecido e, portanto, existe – e delimita como borda – sustenta que o objeto é apenas ele, fixando um limite de ser: é ele e nenhum outro. A palavra seria, nesses termos, a relação entre o ente (criatura, objeto ou conceito) e o *ser* ente. Assim, a partir do momento em que se atribui uma palavra com determinado sentido estabelecido socialmente, reconhece-se no objeto ou indivíduo nomeado uma existência e uma identidade.

Após seu primeiro ataque aos Danos, o narrador e as personagens, constatando em Grendel uma figura sobrenatural e demoníaca, utilizam-se do vocabulário monstruoso

⁴² BOURDIEU, 1998, p. 81.

enquanto instrumento político e religioso. Dessa forma, os nomes que, para eles, definiriam a identidade desta criatura impediriam qualquer proximidade ou entendimento que não este, socialmente constituído, de que Grendel era um monstro ou um ser infernal. Afixa-se, então, o lugar do monstro *fora* do contexto social narrativo. Sua identidade monstruosa, isto é, a composição das características que o tornam monstro para os Danos, configurar-se-ia em sua alteridade, em seu ser-Outro daquela sociedade.

2.1.1 Identidade e alteridade

Para José Gil, a identidade se estabelece enquanto:

O surgir do rosto do eu, como condição de possibilidade de afirmação de todos os atributos ‘mundanos’ do indivíduo, da afirmação deste como sujeito, antes do surgimento da singularidade do indivíduo como homem, ser nu em devir. (2009, p. 10)

Entendemos essa definição partindo de um contexto social (contingente e convencional), no qual o indivíduo, antes apenas “homem” ou humano, tornar-se-ia um sujeito na/da sociedade. Seus “atributos mundanos” seriam, portanto, culturalmente formulados, conferidos e adquiridos consoante sua posição no sistema hierarquizado em que se encontra; que, por sua vez, seria estruturado e estruturante material e simbolicamente.

Nossa percepção do outro, portanto, não partiria do “puro existente humano que ele é” (GIL, 2009, p. 20), mas de uma visão estruturada de um sujeito já socializado, de modo que seria possível perceber uma valorização maior do social, do moral, do psicológico e do material em detrimento desse “puro existente”. Em resumo, a identidade (auto)atribuída seria originada em conformidade com o contexto social material e simbólico, estruturado e estruturalizante, em que o indivíduo se encontra.

Uma manifestação das diversas estruturas simbólicas que comporiam a cultura se daria na linguagem. Dessa forma, a identidade se construiria, dentre outros fatores, por meio de nomes atribuídos a determinado indivíduo (ou objeto) através da concepção social que se tem dele. A identidade seria, então, formada de acordo com a perspectiva daquele que a percebe e a nomeia – que, por sua vez, não deixa de estar também num contexto cultural de concepções e julgamentos previamente estruturados.

Nomear um ente “monstro”, “demônio” e “inimigo” (termos presentes nos três textos-alvo de *Beowulf*) seria um indicador de que Grendel não se encontraria dentro dos parâmetros considerados normais para a sociedade apresentada no poema; porquanto, se a tradução se propõe a certa fidelidade ao texto-fonte, espera-se que Grendel seja concebido como monstro pelas personagens e pelo narrador. Entretanto, deve-se considerar que as nomeações monstruosas (como quaisquer outras) são interpretadas em concordância com as contingências (sociais e de linguagem) daquele que nomeia – posição na qual estaria o tradutor. Destarte, não apenas a identidade monstruosa como qualquer outra estaria em constante devir: suas propriedades contingentes seriam nomeadas de acordo com as concepções de valor e os preceitos normativos do sujeito social que a percebe.

Uma vez que Grendel não pertenceria àquele grupo social (por suas características consideradas desviantes), sua identidade monstruosa, constituída sobre seus atributos nomeados, seria sempre formadora de uma *alteridade*. Como a asserção de diferença envolve a negação de qualquer similaridade⁴³, limita-se, por estes termos, o caráter de alteridade por excelência.

Grendel seria visto como Outro por sua forma física ou por sua descendência (enquanto fruto do pecado de Caim) antes mesmo de o ser pela sua moral divergente: a estrutura de pensamento maniqueísta posta em vigor pelo cristianismo não permitiria outra perspectiva: Grendel passaria a carregar um estigma aparente e permanente que o caracterizaria monstruoso. A concepção material (física) e simbólica (descendência) de Grendel enquanto alteridade monstruosa seria, portanto, algo *a priori* ao seu “puro existente” – desconhecido do leitor – e ao seu comportamento, que, por sua vez, ratificaria a percepção dos sujeitos da narrativa.

Sob esta perspectiva, a criatura Grendel representaria, terminantemente, uma alteridade. Acerca deste conceito, Gil explana que “a questão de saber se tal ser é um Outro (um *alter ego*) tem apenas a ver com um humano” (2006, p. 17). Ou seja, uma vez que os sujeitos sociais se entendem por humanos, tudo que seria, para estes sujeitos, divergente, teria potencial para ser considerado monstruoso. Uma vez carregado deste estigma, todos os atributos nomeados de Grendel deveriam, num sentido oposto, validar a noção de humano daqueles que o designavam. Através dos nomes atribuídos à figura monstruosa de Grendel, a sociedade dos Danos reforçaria seus próprios conceitos de normalidade física e moralidade social. O monstro seria constituído, portanto, a partir daquilo que os indivíduos da narrativa

⁴³ WOODWARD, 2014, p. 9.

não se considerariam ser: “*creature of evil*”, *monster*, *fiend*, *demon*, *devil*, “*cruel spirit*”, *enemy*, *foe*, “*heathen brute*”, “*dark death-shadow*”, *outcast*⁴⁴.

Para melhor investigarmos os atributos de Grendel que o constituíam enquanto ser-Outro dos Danos, precisamos pensar quais seriam os desvios naturais (de sua forma), religiosos, sociais e morais decorrentes do processo linguístico de devir monstruoso. Para tanto, montamos quatro tabelas com essas categorias normativas dos Danos e as características monstruosas, desviantes, de Grendel identificadas no texto⁴⁵. Por estarmos trabalhando no âmbito textual, nossa interpretação dos discursos narrativos é baseada em conjecturas a partir do que as traduções nos apresentam. Sendo relevante ressaltar que, devido ao processo tradutório, é possível que as traduções possuam algumas divergências entre si – tal qual supomos que também acontece com a figuração monstruosa.

Nas tabelas, constam, na primeira coluna, os preceitos sociais que depreendemos do texto e, na segunda coluna, alguns dos excertos que respaldariam nossa interpretação. Essa ordem se repete nas terceira e quarta colunas, porém, nelas trabalhamos os desvios monstruosos percebidos na figura de Grendel. Ao final de cada excerto, apontamos a personagem que o exprime e, para que as informações ficassem visualmente acessíveis, optamos por identificar o tradutor pela letra inicial de seu sobrenome e removemos o ano de publicação da tradução, a saber: Raffel, 1963, Alexander, 1973, e Heaney, 2000. As traduções nossas dos trechos destacados estão em notas de rodapé.

⁴⁴ Respectivamente indicando: “criatura do mal” (ALEXANDER, 1973, l. 120), monstro, espírito maligno, demônio, diabo, “espírito cruel” (ALEXANDER, 1973, l. 101), inimigo, adversário, “bruto pagão” (HEANEY, 2000, l. 985), “escura sombra da morte” (ALEXANDER, 1973, l. 158 e HEANEY, 2000, l. 160) e proscrito. Os termos não indicados por citação direta constam em todos os textos-alvo. Todos os epítetos de Grendel em comum às traduções, e suas respectivas referências, encontram-se no anexo I, página 115.

⁴⁵ As tabelas demonstram que a alteridade de Grendel partiria de diversas designações. Entretanto, uma vez que há vários caminhos possíveis para se pensar a alteridade monstruosa, atemo-nos, nesta pesquisa, aos nomes (próprio e substantivos).

Tabela 1 – Atributos relativos aos desvios naturais

Norma		Desvio	
<i>Raça e corpo humanos</i>	Race of men ⁴⁶ (narrador; H, l. 712) Mankind ⁴⁷ (várias citações em A e H)	<i>Raça e corpo monstruosos</i>	Monster-race ⁴⁸ (Hrothgar; A, l. 1353) Race of fiends ⁴⁹ (narrador; R, l. 1266) Bigger than any man, an unnatural birth ⁵⁰ (Hrothgar; H, l. 1353)

Tabela 2 – Atributos relativos aos desvios religiosos

Norma		Desvio	
<i>Crença cristã</i>	God could easily / check the ravages of this reckless fiend! ⁵¹ (Hrothgar; A, l. 478-479) But I had not a good enough grip to prevent / his getting away, when God did not wish it ⁵² (Beowulf; A, l. 966-967)	<i>Existência pagã e oposição ao divino</i>	Almighty's enemy ⁵³ (narrador; R, l. 785) Heathen warrior ⁵⁴ (narrador; A, l. 985) Conceived by a pair of those monsters born / of Cain, murderous creatures banished / by God ⁵⁵ (narrador; R, l. 105-107)

⁴⁶ Raça dos homens.

⁴⁷ Humanidade.

⁴⁸ Raça monstruosa.

⁴⁹ Raça de demônios (ou espíritos malignos).

⁵⁰ Maior que qualquer homem, um descendente contranatural.

⁵¹ Deus poderia reter, facilmente, as devastações deste demônio imprudente!

⁵² Mas eu não tive um aperto bom o suficiente para impedi-lo de fugir quando Deus não o desejou.

⁵³ Inimigo do Todo-Poderoso.

⁵⁴ Guerreiro pagão.

⁵⁵ Concebido por um par daqueles monstros nascidos de Caim, criaturas assassinas banidas por Deus.

Tabela 3 – Atributos relativos aos desvios sociais

Norma		Desvio	
<i>Compensação pela morte (were-gild)</i>	[Hrothgar] bade compensation / to be made too, in gold, for the man whom Grendel / had horribly murdered ⁵⁶ (narrador; A, l. 1052-1054)	<i>Ignorância dessa norma social</i>	The feud was not abated, the blood-price was unpaid ⁵⁷ (narrador; A, l. 155)
<i>Camaradagem no salão</i>	It would be his throne-room and there he would dispense / his God-given goods to young and old ⁵⁸ (narrador; H, l. 71-72)	<i>Invasão do salão</i>	So Herot / Stood empty, and stayed deserted for years ⁵⁹ (narrador; R, l. 145-146) [Grendel] took over Heorot ⁶⁰ (narrador; H, l. 166)
<i>Uso de armas e armadura</i>	Their weapons and armor are nobly / worked ⁶¹ (Wulfgar; R, l. 367-368)	<i>Uso de magia</i>	Warlocks ⁶² (Hrothgar; A, l. 938) [Grendel] needs no weapons ⁶³ (Beowulf; R, l. 434)
<i>Importância da paternidade</i>	A construção “son of” ⁶⁴ é frequente nas traduções de Alexander e Heaney. Em Raffel, encontramos o uso de “s son”.	<i>Ausência de paternidade</i>	They are fatherless creatures ⁶⁵ (Hrothgar; H, l. 1355)

⁵⁶ [Hrothgar] ordenou, também, que uma compensação fosse dada, em ouro, para o homem a quem Grendel havia assassinado horrivelmente.

⁵⁷ A disputa não mitigava, o preço-humano não era pago.

⁵⁸ Seria sua sala do trono e, lá, ele distribuiria, para jovens e velhos, seus bens dados por Deus.

⁵⁹ Então, Herot permaneceu vazio, e ficou deserto por anos.

⁶⁰ [Grendel] assumiu Heorot.

⁶¹ Suas armas e armaduras são manufaturadas nobremente.

⁶² Feiticeiro. Do inglês antigo *wærloga*, alguém que quebra um juramento (*oath-breaker*), que mente.

⁶³ [Grendel] não precisa de armas.

⁶⁴ As expressões “son of” e “s son” indicam “filho de”. Com frequência, os sujeitos da narrativa são apresentados enquanto filhos de seus respectivos progenitores paternos. Beowulf, por exemplo, seria “son of Ecgtheow” (em Heaney) ou “son of Edgetheow” (em Alexander), ou, ainda “Edgetho’s son” (em Raffel).

⁶⁵ Eles são criaturas sem pai.

Tabela 4 – Atributos relativos aos desvios morais

Norma		Desvio	
<i>Rito de passagem na morte</i>	Launch [Beowulf], lord and lavisher of rings, / on the funeral road ⁶⁶ (mensageiro; H, l. 3009-3010)	<i>Cerimônia social impedida pela antropofagia</i>	[Grendel] will bear my bloody corpse away, bent on eating it [...]. The disposing of my body / need occupy you no further then. ⁶⁷ (Beowulf; A, l. 448-451)
<i>Destemor e busca por glória</i>	Let whoever can / win glory before death ⁶⁸ (Beowulf; H, l. 1387-1388) The Geat put on / the armour of a hero, unanxious for his life ⁶⁹ (narrador; A, l. 1440-1441) Intent to fame ⁷⁰ (narrador; A, l. 1528)	<i>Fuga da batalha e medo da morte</i>	The monstrous one [...] fled the place / in despair of his life ⁷¹ (narrador; A, l. 999-1001)

Para José Gil (2006), o conceito de alteridade monstruosa se definiria pela concepção que se tem de humanidade. Uma vez que o conceito de identidade que trabalhamos parte de uma premissa social – a partir dos atributos possíveis a serem sorvidos ou atribuídos pelos sujeitos em sociedade –, a alteridade se colocaria, neste contexto, enquanto Outro, opositora ou desviante dos preceitos e valores socialmente constituídos.

O monstro seria “a ‘desfiguração’ última do Mesmo no Outro” (GIL, 2006, p. 18). Ao desfigurar, desviar-se do Mesmo, o monstro se configuraria em Outro. A alteridade monstruosa, ao partir do Mesmo, estaria *no limite* da concepção de humanidade estruturada pelo homem, e/ou, ainda, no intervalo entre o natural do homem, o natural animal e o sobrenatural divino. Daí ser esta alteridade “móbil, não fixa e, por definição, instável” (GIL, 2006, p. 18), diferentemente dos “radicalmente-outros, [como os animais e o divino], [que] já se encontram para lá do humano” (GIL, 2006, p. 18). Sob esta perspectiva, seria importante ressaltar que Grendel está constantemente (em maior ou menor medida, dependendo da tradução) cruzando a fronteira do (des)humano, do animal e do (contra)natural. Em

⁶⁶ Lançar Beowulf, senhor e distribuidor de anéis, na rota funerária.

⁶⁷ [Grendel] carregará meu corpo ensanguentado para longe, se empenhará em comê-lo [...]. O descarte de meu corpo, então, não mais precisará ocupar você.

⁶⁸ Deixe quem possa ganhar glória antes da morte.

⁶⁹ O Geta colocou a armadura de um herói, despreocupado por sua vida.

⁷⁰ Intencionava a fama.

⁷¹ O ser monstruoso fugiu do ambiente em desespero por sua vida.

contrapartida, seu pertencimento a uma raça, sua morada – junto a sua mãe – num salão, seu medo da morte e a atribuição de um nome próprio poderiam se configurar em aspectos que abrandariam sua monstruosidade.

Ainda assim, Grendel é, inevitavelmente, monstro, pois tal condição é necessária para a existência da própria narrativa: sem monstros, não haveria herói, e, sem Beowulf, não teríamos *Beowulf*. Ainda que o poema, originalmente, não possua título, não devemos nos privar de examinar a convenção editorial que coloca, como título desse poema, o nome de seu protagonista. Em verdade, é possível pensar que, por se tratar de algo aceito dentro e fora do cânone literário, o título se torna mais significativo.

A personagem Beowulf é o fio condutor da narrativa, sendo esta última divisível em duas partes: a primeira expõe a juventude do herói, período no qual ele triunfa sobre Grendel e sua mãe, e a segunda, cinquenta anos depois, narra o governo do então rei Beowulf, sua luta com o dragão e sua consequente morte. Destarte, todos os monstros presentes na narrativa são necessários para a construção do herói Beowulf, sua louvação e seu glorioso fim.

Grendel e os demais monstros são dispostos nas traduções de nosso *corpus* enquanto criaturas decisivamente malignas, isto é, seres que não apenas não pertencem à sociedade, como são também causa de sofrimento humano. Os monstros poderiam, então, representar obstáculos para a vida individual e social, sendo um método de manter (pelo não-caminho) a unidade, os valores e a ordem das sociedades da narrativa. Desse modo, a concepção de realidade estabelecida a partir das figuras monstruosas se daria através de preceitos que não deveriam ser seguidos.

Beowulf é o herói de quem as canções dos bardos tratam, é ele a representação máxima da virtude humana a que se deve seguir. Monstro e herói seriam, assim, meios de fortalecer as bases ideológicas da época (como o código de honra e lealdade), unindo os sujeitos para o bem comum, perpetuando seus valores e estilo de vida através da aniquilação de obstáculos (impostos pelos monstros) e da glorificação de valores (elevados pelo herói).

É possível entender os obstáculos monstruosos enquanto formas desviantes de conduta, que apresentariam uma moral divergente e desafiadora das concepções estruturadas socialmente pelos indivíduos da sociedade textual. A oposição estabelecida pelos monstros, porém, não perduraria: os monstros medievais, que impunham adversidades aos sujeitos, foram criados para serem derrotados. Após a vitória sobre o monstro, todos os desvios e oposições que tomariam com ele resultariam numa legitimação maior dos preceitos e dos costumes, em consonância com a própria identidade social.

2.1.2 A palavra “monstro”

Como vimos em Heidegger (2012), a palavra dá origem ao ente, ao reconhecê-lo, e estabelece-lhe limites. Entretanto, como poderíamos pensar uma palavra (por função, delimitadora) que denota algo ao qual não identificamos o limite? Pensamos ser necessário, aqui, prospectar acerca da palavra “monstro” e de como ela poderia funcionar com relação à figuração de indivíduos que existiriam *no limite*.

Aparentemente, a própria palavra *monstro* é, nestes quesitos, *monstruosa*, paradoxal: com ela delimitamos o que estaria na extremidade de nossa compreensão. Heidegger explana que “as coisas se tornam compreensivas quando para elas existe uma palavra disponível” (2012, p. 150). Destarte, quando designamos o nome “monstro” a um ente, dando a ele *existência*, estruturamos em nosso pensamento algo obscuro, buscando compreendê-lo através de um nome que, em si, indica algo incompreensível. A palavra “monstro” revelar-nos-ia, portanto, nossos próprios limites para com o desconhecido, o incrível e, finalmente, para com nossa própria linguagem. Essa poderia ser uma das razões pelas quais criamos monstros: eles representariam o (ainda) ininteligível. Ao fazê-los existir através da palavra, eles, paradoxalmente, disponibilizariam conhecimento acerca de nossa própria falta de conhecimento.

Nomeando o incompreensível, o homem se separaria dele, colocando-se à parte do estranho, e discernindo-se dele através da função delimitadora da palavra. Heidegger afirma que “nenhuma coisa é onde falta a palavra” (2012, p. 124), ou seja, aquilo que não percebemos, que não precisamos colocar em palavras, não existe (para nós). Porém, não seriam o estranho ou o desconhecido parte de uma latência necessária para compreendermos, mais completamente, nós mesmos?

O monstro, assim, possibilitaria ao homem assumir sua própria falta (e falha) de compreensão. Obter vitória sobre ele seria triunfar sobre as próprias falhas humanas. O monstro Grendel seria, neste contexto, um suporte negativo ao mundo da narrativa, visto que ele iria de encontro à ordem, às artes, aos costumes e à religião. É nesse sentido que seu extermínio, como supracitamos, permitiria àquela sociedade legitimar as estruturas simbólicas sob as quais ela seria constituída.

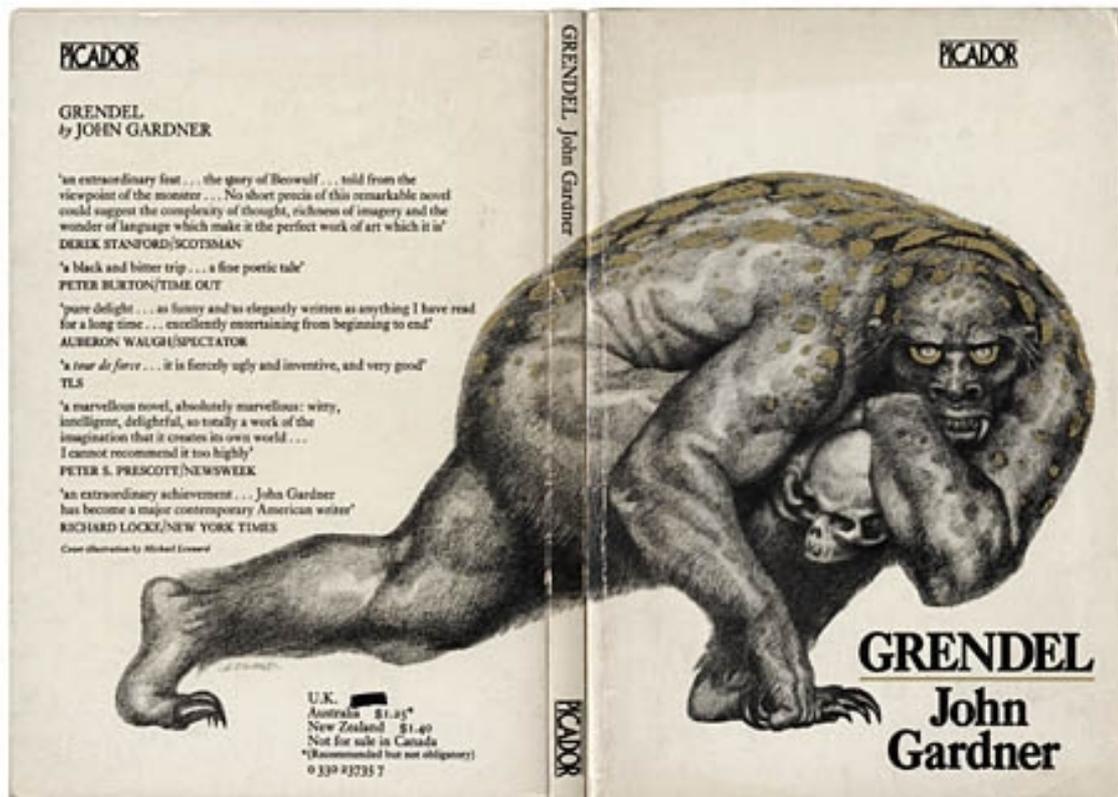


Ilustração 4 – Capa do livro Grendel (1971), de John Gardner. Pelas ilustrações da personagem monstruosa, algumas expostas ao longo deste trabalho, pode-se afirmar que a ausência de objetividade tanto no uso da palavra “monstro”, quanto na descrição do mesmo se faz presente também nas imagens que representariam tal criatura.

Além de “monstro”, os demais epítetos utilizados na narrativa também tornariam a criatura Grendel monstruosa. Pelas personagens possuírem um discurso de autoridade – elas eram, em sua grande maioria, detentoras de poder (material e simbólico) – a alteridade monstruosa se configuraria mais completamente. Nomear o monstruoso seria, por um lado, criar a identidade de Grendel e, por outro, consagrar a ordem, os valores e as normas previamente estabelecidas. Para entendermos este desvio normativo, mostra-se necessário prospectarmos acerca dos possíveis sentidos imbuídos no nome próprio e nos nomes substantivos utilizados para a construção da personagem Grendel.

2.2 Os nomes do monstro

A princípio, a diferenciação entre nome próprio e nomes substantivos não requer muito esforço: um determina um objeto ou indivíduo específico, enquanto que o outro, como termo geral, cabe a todos os objetos (ou seres) iguais ou semelhantes a ele ou, ainda, a todos os entes que se encaixam em determinada categoria.

A generalidade dos nomes substantivos, “algo intrínseco à linguagem” (AUROUX, 1998, p. 111), parece, então, guiar-nos a uma distinção. Não apenas inerente, tal particularidade é também *necessária* de um modo mnêmico para que a linguagem seja concretizada. Entretanto, esta explanação não é suficiente para trabalharmos os nomes monstruosos, pois é preciso analisar em que medida e por quais meios esses termos designatórios podem carregar sentidos (contingentes e convencionais) acerca do ente para o qual são direcionados.

Para Foucault, a generalidade das palavras formou-se a partir das designações primeiras, ou seja, “na origem tudo tinha um nome – nome próprio ou singular. Depois o nome vinculou-se a um único elemento dessa coisa e se aplicou a todos os outros indivíduos que o continham igualmente” (1999, p. 160). Esse único elemento geral, atribuído a vários entes, definiria, então, um termo em comum, indicando uma particularidade em comum, que, por sua vez, permitiria identificar esses entes com outros de mesma espécie ou *classificá-los* dentre os demais: a identificação remeteria, portanto, à semelhança e a classificação, à diferença.

A palavra “monstro”, ao ser utilizada para designar Grendel, carrega em si sentidos de estranhamento, de horror, de maliciosidade. Há, portanto, certo reconhecimento de uma característica (observada por quem nomeia) considerada enquanto desvio de uma normalidade; mesmo que tal “normalidade” seja definida a partir de concepções contingentes e esteja, tal como a monstruosidade, em constante devir.

Seria possível, então, identificar três funções da nomeação: (1) a definição ou delimitação de um ente através do termo a ele designado; (2) a referência a algo que pode ou não estar presente, e (3) a classificação das coisas no mundo, conforme as representações mentais e sua organização estrutural – entenda-se aqui não uma classificação unicamente *hierárquica*, mas uma *colocação* de determinado objeto dentro da estrutura mental característica do modo de ver o mundo do interlocutor e/ou da cultura que este integra.

Sendo a referência e a definição de determinado ente articuladas tanto pelo nome próprio quanto pelo substantivo, trabalharemos a função classificatória em busca de uma possível discriminação entre as categorias de nome. É possível pensar que a classificação não ocorre quando tratamos de um nome próprio, uma vez que não há aparente caracterização daquele que é definido pelo nome, isto é, se o indivíduo de quem se fala – por seu nome próprio – é desconhecido do interlocutor, este nada saberá *sobre* quem se fala, exceto seu nome.

As particularidades imbuídas nos nomes substantivos são essenciais para classificar (conforme similaridades e diferenças) os entes dentro da estrutura simbólica (que abrangeria o social, o cultural, o linguístico, etc.). Ao mesmo tempo, é possível identificar, através do sentido de uma particularidade (estabelecido simbolicamente), o modo pelo qual o locutor *percebe* o ente que nomeia.

A investigação que empreendemos aqui se fundamenta nas seguintes questões: em que medida nomes substantivos carregam sentidos de modo a caracterizar a monstrosidade? A partir dos sentidos imbuídos nos nomes substantivos, qual seria o lugar ocupado por Grendel na estrutura simbólica apresentada na narrativa? Para refletirmos em torno de tais questões, partiremos do vocabulário monstruoso manifestado com maior frequência e, ainda, comum às três traduções.

2.2.1 Nomes substantivos

Para Foucault, os nomes substantivos surgiram na estrutura linguística a partir de um processo que tornava o nome próprio (designador) num nome comum (à guisa de descrição). Tal procedimento foi necessário para que a própria linguagem se constituísse:

A estrutura é essa designação do visível que, por uma espécie de triagem pré-linguística, permite a ele transcrever-se na linguagem. Mas a descrição assim obtida não é mais que um modo de nome próprio. [...] Ela é pura e simples designação. E, para que a história natural se torne linguagem, é preciso que a descrição se torne “nome comum” (1999, p. 190).

Designação e descrição andam em conjunto. Se entendermos que a designação define um nome próprio e a descrição (enquanto “nome comum”), um nome substantivo, ambas seriam capazes de referir o ser nomeado, deixando (parte de) sua individualidade restrita. O

nome substantivo também poderia anunciar características intrínsecas e classificatórias do indivíduo uma vez que ele teria, em sua origem, a definição de uma descrição.

O vocabulário monstruoso presente na narrativa atribui à criatura Grendel epítetos que a identificariam com outros monstros: seres também ininteligíveis, deslegitimados e marginalizados; todos mortos pelas mãos e para a glória do herói Beowulf. Dentre os termos utilizados para designar tais criaturas, detectamos nomeações comuns àquelas atribuídas a Grendel⁷², dado que poderia significar que a identidade da criatura Grendel seria instituída consoante um parentesco monstruoso. Uma vez que há elementos em comum nestas representações nominais, Grendel e as demais alteridades monstruosas da narrativa formariam um panorama lexical monstruoso carregado de sentido próprio.

Entretanto, por se tratarem de monstros, suas formas são as mais diversificadas, não havendo, exatamente, consonância total entre tais criaturas: os seres monstruosos, ainda que não parecidos entre si, seriam análogos de acordo com suas características desviantes. Se nomear consiste em dar existência à coisa nomeada, estabelecendo um limite para o ser, reconhecendo-o, destacando-o e classificando-o dos demais, definir os monstros seria uma forma de organizá-los dentro da estrutura simbólica linguística; que regeria uma das formas de se conceber a realidade.

O universo monstruoso da narrativa possui, enquanto aspecto fundador, a figura do fratricida Caim que, após ser marcado e expulso por Deus, dá origem a todos os seres monstruosos e espíritos malignos (*vide* linhas 104-114). A descendência daria vazão para pensarmos os monstros em oposição a Deus e aos homens; fato que ganha força pelo herói Beowulf ser apresentado como um enviado divino a fim de proteger o rei Hrothgar (*vide* linhas 665-668).

O quadro simbólico do qual Grendel e sua mãe seriam partes integrantes era composto, portanto, de monstros assassinos, marginalizados e excluídos *a priori* do contexto social humano. Similar ao que nos é declarado acerca de seu filho, a designação nominal da mãe é muito vaga e traz características análogas àquelas atribuídas a Grendel. Nomes como *monster* (monstro)⁷³, *demon* (demônio)⁷⁴ e *fiend* (espírito maligno)⁷⁵ são recorrentes, porém há

⁷² Para termos recorrentes encontrados nas designações de Grendel e nas dos demais monstros, *vide* anexo II, página 119.

⁷³ Em Raffel, as nomeações de “monster” para a mãe se dão nas linhas: 1257, 1340, 1348, 1391, 1402, 1575, 1612 e 1679. Em Alexander, nas linhas: 1330 e 1500. Em Heaney, na linha: 1403.

⁷⁴ O termo “demon”, atribuído à mãe de Grendel, é citado nas linhas: 1621 (em Raffel), 1331 e 1679 (em Alexander) e 1378 (em Heaney).

⁷⁵ “Fiend” é designado à mãe na tradução de Raffel nas linhas: 1329, 1339 e 1346.

também a presença de características femininas, animais, aquáticas e mágicas nas nomenclaturas utilizadas⁷⁶.

Numa sociedade em que a importância da família era demonstrada por meio do nome paterno⁷⁷, o fato de Grendel ter apenas a mãe não pode ser considerado como algo fortuito: ser uma *fatherless creature* (Heaney, 2000, l. 1355), uma criatura órfã de pai, poderia ser indicativo de falha de identidade, ausência de uma referência de caráter e uma posição social indigna de ser apresentada; no caso, porém, tal posição é inexistente.

A fim de prospectarmos acerca dos sentidos imbuídos na figura monstruosa de Grendel por meio dos nomes substantivos, optamos, por ora, por um corte analítico que traz à baila as principais designações dirigidas a esse monstro, isto é, as nomeações que, recorrentes nas três traduções, manifestam-se com maior frequência. Dissertamos, então, sobre os seguintes nomes substantivos (e seus possíveis significados): *monster* (monstro), *creature* (criatura), *enemy* (inimigo), *foe* (adversário), *fiend* (espírito maligno) e *demon* (demônio)⁷⁸.

“Monster”, em inglês antigo, *aglæca*, era um vocábulo relacionado a “calamidade, terror, perigo, opressão”⁷⁹; sentidos que implicariam em exata descrição do monstro Grendel. Entrementes, na língua inglesa moderna, “monster” é ressignificado em algo de aparência estranha, podendo ser imaginária (uma combinação de espécies diferentes) ou real (uma deformidade, anomalia ou algo de tamanho fora do comum). “Monster” exprime, outrossim, a noção de feio, aterrorizador, e, em consonância com a concepção contemporânea, imoral. Grendel é, de fato, monstruoso por apresentar, vez por outra, cada uma das descrições supracitadas. Em verdade, porém, o termo *monster*, tomado isoladamente, poderia revelar várias características, mas não aponta nenhuma especificamente.

“Creature” (criatura) não necessariamente representa algo pejorativo, pois poderia indicar qualquer ser vivo (especialmente no sentido religioso). Em geral, quando nomeia um ser humano, esse termo pode ter conotação degradante, porém, como no poema a criatura Grendel não é considerada humana em momento algum, não acreditamos que haja, forçosamente, cunho negativo no uso desta palavra. Não podemos, entretanto, ignorar quando esse substantivo vem em conjunto com algum adjetivo ou expressão adjetivante. Na tradução de Burton Raffel (1963), *strange, vicious creature* (l. 274) e *miserable creature*⁸⁰ (l. 2099)

⁷⁶ Vide anexo III, página 120.

⁷⁷ Beowulf quase sempre é apresentado como filho de Ecgtheow, ou parente ou guerreiro de Hygelac, rei dos Getas.

⁷⁸ Para referência desses nomes e a frequência com a qual eles se manifestam a cada tradução, vide anexo I.

⁷⁹ As referências etimológicas do inglês antigo presentes nesta pesquisa foram colhidas do dicionário etimológico online: *Online Etymology Dictionary*; disponível em: <<http://www.etymonline.com/>>.

⁸⁰ Respectivamente: estranha criatura viciosa e cruel, criatura desprezível ou miserável (ambos epítetos enunciados por Beowulf).

atribuem noção de um ser indigno, de raiva incontrolável. Na tradução de Alexander (1973): *creature of evil* (l. 121), *warlike creature* (l. 720) e *wrathful creature*⁸¹ (l. 2073) denotariam hostilidade.

A ausência desse léxico na fala do narrador, em Raffel, pode significar que ele era categórico com a imputação monstruosa, principalmente se considerarmos que, em sua tradução, é o herói Beowulf quem é denominado “creature” (RAFFEL, 1963, l. 1499).

“Enemy” (inimigo) manifesta a figura de Grendel como antagonista dos Danos. O monstro seria, para eles, hostil, funesto. Haveria, destarte, uma relação de aversão intensa e recíproca entre ele e os Danos. Em inglês antigo, *wearg* apresentava-se como expressão de algo ou alguém criminoso. O monstro Grendel manteve suas investidas por doze anos, impedindo os Danos de praticarem seus costumes sociais e mortuários, matando-os, engolindo-os e indo de encontro aos seus preceitos sociais. Neste contexto, ele poderia ser representativo de um inimigo absoluto: ele seria uma oposição à sociedade dos Danos, à raça humana e, por extensão, a Deus. Como indicado na tabela abaixo:

Tabela 5 – Epítetos que expressam oposição ao humano e ao divino

Tradutor	Quem fala	Nome substantivo	Tradução	Linha
Raffel (1963)	Narrador	mankind's enemy	inimigo da humanidade	164
		Almighty's enemy	inimigo do Todo-poderoso	785
		God's enemies	inimigos de Deus	1683
	Hrothgar	my enemy	meu inimigo	1776
Alexander (1973)	Narrador	enemy of man	inimigo do homem	164
		mankind's enemy	inimigo da humanidade	1276
		invidious enemy of God	odioso inimigo de Deus	1682
	Beowulf	the enemy of the people	inimigo do povo	2094
Heaney (2000)	Narrador	the enemy of mankind	o inimigo da humanidade	1275

Ser inimigo dos homens seria homólogo a ser inimigo também de Deus: é o Todo-poderoso que capacita o herói a vencer a besta infernal (l. 1274). É possível perceber Grendel enquanto força opositora que necessitava ser destruída a fim de que tanto a religião quanto a

⁸¹ As expressões indicam, respectivamente: criatura do mal, criatura bélica, criatura colérica.

sociedade triunfasse. Tal fato é reforçado, na tradução de Raffel, pela expressão de Hrothgar “my enemy” (l. 1776): ao ser definido como inimigo do rei, Grendel também passa a ser inimigo da ordem e das leis que regeriam a sociedade dos Danos.

“Foe” (adversário) contém, em inglês antigo, o prefixo *ge-*, denotando mutualidade. *Gefea* ou *gefa* fazem referência a um inimigo de vendeta. “Foe” faria sentido na figura monstruosa pelo fato de que os Danos e Grendel estavam em situação de hostilidade mútua há doze anos. “Fiend” (espírito maligno, demônio), por sua vez, significaria, em inglês antigo, quase o mesmo que “foe”, adicionado, porém o atributo demoníaco. Mais tardiamente, ainda em noção arcaica, o termo passara a designar também Satã, o grande Adversário, inimigo da humanidade e de Deus. Tendo versado acerca da origem dos monstros, o poema não suscitaria em Grendel a imagem do próprio Satã. O sentido, entretanto, costurado das significações de inimigo e de demônio, cabe à figura do monstro perfeitamente.

“Demon” (demônio) trata-se de um léxico cristão traduzido para o inglês antigo como *deofol* > “devil”, diabo. Demônio e diabo indicariam entidades sobrenaturais. Grendel, porém, não se configurava num ser necessariamente demoníaco no sentido pelo qual entendemos esta palavra na contemporaneidade. Acerca do ato de nomear Grendel um diabo, Tolkien declara:

Por sua incessante hostilidade para com o homem, e ódio pela sua alegria, seu tamanho e força super-humanos, e seu amor pela escuridão, Grendel se aproxima a um *diabo*, apesar de ele não ser, em seu propósito, um diabo autêntico. Qualidades verdadeiramente demoníacas (enganar e destruir a alma), além daquelas que são simbologias não desenvolvidas, como sua feiura e habitação em lugares escuros e abandonados, estão pouco presentes (2006, p. 34)⁸².

Isso porque, de acordo com a explicação do autor, “as mudanças que produziram o diabo medieval (anteriores a 1066 d.C.) não estão completas em *Beowulf*, porém, em Grendel, mudança e mistura já são aparentes” (2006, p. 34)⁸³. Tal aspecto reforçaria em Grendel características híbridas de monstro: seu lugar no limite de uma e outra definição; ele não seria homem, animal, demônio ou divindade, mas transitaria no intervalo desses reinos.

Para o leitor contemporâneo, demônios poderiam suscitar uma característica incorpórea, aspecto que estaria em desacordo com a existência mesma de um corpo monstruoso, descrito fisicamente, que Beowulf deve combater. A dubiedade da anatomia

⁸² Tradução nossa. No texto-fonte: “Because of his ceaseless hostility to men, and hatred for their joy, his super-human size and strength, and his love for the dark, he approaches to a *devil*, though he is not yet a true devil in purpose. Real devilish qualities (deception and destruction of the soul), other than those which are undeveloped symbols, such as his hideousness and habitation in dark forsaken places, are hardly present”.

⁸³ Tradução nossa. No texto-fonte: “The changes which produced (before A.D. 1066) the mediaeval devil are not complete in *Beowulf*, but in Grendel change and blending are, of course, already apparent”.

monstruosa causaria estranhamento, porém, ao longo da narrativa, a composição física de Grendel e seu próprio cadáver superariam qualquer conotação imaterial.

Os nomes substantivos, por seu conhecimento sócio-histórico, atribuiriam propriedades significativas e classificantes no objeto nomeado. Por suas nomeações, Grendel permanece monstro, inimigo, demônio; características diversas e em demasia, dado que trabalhamos, aqui, com apenas seis léxicos que teriam, alguns dos quais, vínculo entre si. Entretanto, é isso que configura o monstro: um excesso de identificações atribuídas a algo impossível de se definir dado sua singularidade.

2.2.2 Nome próprio

Mais do que os nomes substantivos, o nome próprio seria o principal aspecto determinador de identidade, especialmente porque ele permite realizar uma referência rápida e pontual. Foucault (1999, p. 190) expõe que o nome próprio se trataria de pura e simples designação, *sem* descrição alguma. Além disso, mesmo que houvesse alguma descrição passível de ser interpretada a partir do nome próprio (como seu significado consoante sua etimologia), a mesma se vale de uma articulação cultural do pensamento, determinando uma qualidade do nome em si e não necessariamente de seu portador.

“Grendel”, porém, não é um nome *de batismo*, isto é, dado por sua mãe quando esse seria ainda um “sujeito em potencial”. Os monstros não possuem voz nem vez na narrativa; sabemos, efetivamente, muito pouco de sua perspectiva. Desta forma, o nome próprio de Grendel é também fruto da atribuição do narrador e das personagens do poema. Nos excertos exemplificados a seguir, o rei Hrothgar manifesta ao guerreiro Beowulf que foram camponeses, em tempos remotos (não se sabe ao certo quando⁸⁴), os responsáveis por nomear este monstro de “Grendel”:

⁸⁴ Nossa referência temporal é de que a mãe da criatura Grendel já vivia no pântano há cem anos (l. 1498-9) quando o herói Beowulf lhe tirou a vida.

Tabela 6 – A Grendel é dado um nome próprio

Tradutor	Excerto	Tradução nossa
Raffel (1963) l. 1354	They ⁸⁵ named the huge one Grendel.	Eles nomearam o grandão Grendel.
Alexander (1973) l. 1354-1355	The country people have called him [from of old by the name of Grendel.	Os camponeses têm-no chamado, desde [tempos remotos, pelo nome de Grendel.
Heaney (2000) l. 1354-1355	Called Grendel by country people in former days.	Chamado Grendel pelos camponeses em tempos antigos.

É indiscutível que nomes próprios possibilitam referência. Mesmo as personagens literárias podem ser referidas por meio de seus nomes próprios, tal como explana Searle: “pode-se fazer referência a elas como *personagens de ficção* precisamente porque elas *existem na ficção*” (1981, p. 105, grifo do autor). Entretanto, o fato de o nome próprio possuir ou não *sentido* é ainda uma área de pesquisa muito discutida em estudos acerca da filosofia da linguagem.

Fato é que a raiz de “Grendel” se faz presente em outras palavras da língua anglo-saxã (ou inglês antigo), e sendo seu nome atribuído por indivíduos outros – que não viam Grendel como pertencente à raça humana –, é possível que, para eles, tal nome também tivesse sentido. Por conta de a etimologia da palavra remeter a características percebidas no monstro, o nome “Grendel”, à época anglo-saxã, poderia ser imbuído de sentidos que chegavam ao receptor automaticamente pela sua língua materna. Um nome próprio que, dispensando qualquer tradução, não necessitaria ser explicado ao longo do texto; similar ao que propõe Derrida em *Torres de Babel*: “uma espécie de translação que dá imediatamente (por alguma confusão) o equivalente semântico do nome próprio que, por ele mesmo, na qualidade de puro nome próprio, não o teria” (2006, p. 22).

Para Walter Skeat (in: SHIPPEY; HAARDER, 2000, p. 440), a etimologia de “Grendel”:

[...] foi fornecida, há muito tempo, por Ettmüller [1840], que demonstrou que se trata de um mero derivado do verbo *grindan*, moer. É um verbo forte, cujo tempo passado original era *grand*; do qual, ao adicionarmos o sufixo *-el*, significando aqui o agente, e observarmos a mutação usual de *a* para *e*, arranjamos a própria palavra *Grendel*. Estranhamente, Ettmüller explica como algo nocivo, como se não significasse nada mais que perigoso, prejudicial; mas, em sua própria demonstração,

⁸⁵ Camponeses da corte de Hrothgar.

o sentido literal é precisamente o de *grinder* [moedor, amolador]. A meu ver, isso é claramente equivalente a “carnívoro”; pois a referência só pode indicar um triturador de ossos⁸⁶.

Nesse sentido, a palavra anglo-saxônica *grindan* (que dá origem a *grind* no sentido de ranger, moer, triturar e, até mesmo, afiar) revelaria muito do modo pelo qual Grendel era percebido pelas pessoas da narrativa. O sentido proposto por Etmüller poderia, também, ser um indicativo de que os camponeses nomeantes de tal criatura a teriam visto se alimentando (*vide* linhas 739-746). Outros significados para o termo *grind* seriam, de acordo com o dicionário de anglo-saxão de Clark Hall (1916, p. 139), *impact* (impacto, choque), *crash* (colisão), podendo remeter às inflições causadas pelo monstro.

Tendo em vista que a língua anglo-saxã (ou *Old English*) tem as mesmas origens que *Old Norse*, seria possível encontrar argumentos filológicos que abarcam essas duas línguas, bem como as transformações de significado ocorridas com o tempo em *Middle English*. É curioso, porém, verificar que, independentemente de podermos ou não nos fiarmos nessas variadas línguas conjuntamente, todos os sentidos que encontramos nas palavras que, etimologicamente, assemelham-se a “Grendel” refletem, cada qual a sua maneira, algumas características desse monstro.

Alguns pesquisadores como Cooper (1995), *inter alia*, pressupõem que “Grendel” poderia também ser uma onomatopeia para o termo *grindill*, da antiga língua nórdica (*Old Norse*), significando “tempestade” (*storm*) ou, ainda, uma palavra derivada do termo *grenja*, também do antigo nórdico, indicando o rugido de um grande animal, como o berro de um touro. Similar a esses termos tem-se, em anglo-saxão, *grennian*, significando rosar (*to snarl*) ou uivar (*to howl*).

Constatamos, então, que tal criatura poderia ser assim nomeada pelos sons que exprimia. Na tradução de Raffel (1963), o monstro Grendel rosna (“growled”, l. 87; “snarling”, l. 725), grita (“screams”, l. 785) e guincha (“shrieks”, l. 786); enquanto que, em Heaney (2001), ele uiva (“the howl of the loser”, l. 786). Este é o único momento em que o monstro Grendel se manifesta efetivamente no texto: seu grito pode ser interpretado tanto quanto uma tentativa de livrar-se do aperto do herói Beowulf (visto que o som de seu berro possui propriedades mágicas), quanto um lamento ao ver-se incapaz de fazê-lo.

⁸⁶ Tradução nossa. No texto-fonte: “The etymology has been given, long ago, by Etmüller [1840] who shews that it is a mere derivative of the verb *grindan*, to grind. This verb is a strong one, and the original past tense was *grand*; whence, by adding the suffix *-el*, here signifying the agent, and observing the usual mutation from *a* to *e*, we get the very form *Grendel*. Oddly enough, Etmüller explains it by *noxius*, *nocivus*, as if it meant no more than 'harmful;' but, on his own shewing, the literal sense is precisely 'grinder.' To my mind, this is clearly equivalent to 'carnivorous;' for the reference can only be to the grinding of bones”.

Clark Hall (1916, p. 139) define *grindel*, também do anglo-saxão, como *bar, bolt*: barra de metal ou madeira utilizada para fechar portas, podendo ser entendida como um obstáculo, um impedimento, nesse caso, à vida dos Danos. Em inglês médio, o vocábulo *grindel* indicaria algo colérico, enfurecido. De mesma conotação, temos o léxico anglo-saxão *grim* (cuja raiz teutônica é *grem*), indicativo de feroz (*fierce*), raivoso (*angry*), furioso (*furious*) (SKEAT, 1927, p. 222).

Por último, há uma explicação etimológica proveniente do espaço físico ocupado pelo monstro. “Grendel” seria um termo composto de *green* (verde) e *dale* (vale), podendo remeter a um pântano ou mesmo ao morador do pântano (*vide* tabela com citações à frente).

Experienciar esse nome próprio como expositor de significado não nos seria possível sem o conhecimento do porvir dessas línguas mortas. Tal fato é, porém, agravado devido à intraduzibilidade do nome próprio, conforme expressa Derrida:

[...] um nome próprio, enquanto tal, permanece sempre intraduzível, fato a partir do qual pode-se considerar que ele não pertence, rigorosamente, da mesma maneira que as outras palavras, à língua, ao sistema da língua, que ela seja traduzida ou traduzante [*traduisante*] (2006, p. 21).

Entretanto, seria possível entender que parte do sentido etimológico do nome próprio estaria exposto no texto e seria capturado pelo leitor no decorrer de sua leitura. A própria narrativa passaria, então, a carregar, a estigmatizar o nome próprio do monstro a partir daquilo exposto sobre ele. Na primeira menção do nome próprio tem-se nas traduções:

Tabela 7 – Primeira menção do nome “Grendel” nas traduções

Tradutor	Excerto	Tradução nossa
Raffel (1963) l. 101-103	Till the monster stirred, that demon, that fiend, Grendel, who haunted the moors, the wild Marshes	Até que o monstro se agitou, aquele demônio, aquele diabo, Grendel, que assombrava os pântanos, as charnecas selvagens.
Alexander (1973) l. 102	<i>Grendel</i> they called this cruel spirit, the fell and fen his fastness was, the march his haunt.	<i>Grendel</i> eles chamavam àquele espírito cruel, o charco e o brejo eram sua fortaleza, a fronteira, seu habitat.
Heaney (2000) l. 102-104	Grendel was the name of this grim demon haunting the marches, marauding round the heath and the desolate fens.	Grendel era o nome deste demônio cruel, assombrando as fronteiras, saqueando entorno dos matagais e dos brejos desertos.

O que identificamos como sendo o monstro Grendel teria como fundamento os termos “traduzantes” do sistema linguístico e que, por meio da edificação da personagem na mente do leitor, definiriam suas descrições referenciais. Neste contexto, o nome “Grendel” é relacionado a um demônio cruel, habitante do inabitável.

Para Susan Bassnett, o conteúdo não seria o único aspecto a compor o sentido: “tanto as palavras individuais quanto a *associação das ideias* acumulariam significado na medida em que o poema é lido” (2005, p. 138, grifo nosso). A acumulação de significado fomentaria relações semânticas na psique do indivíduo que promoveriam o liame entre o nome próprio (como referência) e a descrição do ente em questão (como proposição).

O nome próprio seria, assim, após a construção da personagem, também descrição. Searle propõe que:

O sentido de uma tal expressão [referencial, ou seja, nome próprio] é dado pelos termos gerais descritivos contidos nessa expressão ou implicados por essa; mas, em muitos casos, o sentido da expressão não é por si só suficiente para comunicar uma proposição, mas antes a enunciação da expressão, num certo contexto, comunica uma proposição (1984, p. 123).

Entretanto, as sentenças aqui trabalhadas são fruto de processos tradutórios que, ao mesmo tempo em que se constituem numa necessidade para o entendimento do texto estrangeiro, também se revelam um problema. Pois a sinonímia promoveria uma falsa ideia de igualdade de significado apesar de os próprios sistemas linguísticos (da língua-fonte e da língua-alvo) serem diferentes entre si, organizando suas estruturas sobre outros padrões de pensamento e de relações. É neste contexto que analisaremos a tradução nesta terceira parte: uma impossibilidade de equivalência, de forma e de conteúdo, que leva a uma transformação necessária do texto e, mais especificamente, da personagem Grendel.

2.3 Tradução: construção subjetiva

A tradução é, frequentemente, concebida enquanto um trabalho necessário e impossível⁸⁷ devido às contingências sociolinguísticas que encerram os conceitos de intenção (do autor e do texto), de forma e de significação (dos termos utilizados). A tradução revive o texto-fonte em outro contexto cultural, enriquecendo a língua de chegada. Ela, entretanto, é também admitida enquanto traição a esse texto-fonte ao ser incapaz de espelhá-lo perfeitamente. O obrar tradutório se revela, então, como um ato criativo, na medida em que, durante a tentativa de perfeição, a linguagem não permite outra coisa que não criação, ou melhor, *recriação* de um conteúdo, sob novas formas.

Propomo-nos, portanto, a abordar possíveis motivos por trás das aparentes diferenças entre traduções, que resultariam, dentre outros aspectos, da seleção lexical; especialmente se considerarmos que, em um trabalho subjetivo como o tradutório, vale contestar a existência de permutabilidade lexical. As escolhas do tradutor seriam realizadas a partir de um longo processo de (re)leitura, interpretação e compreensão do texto-fonte. Esses aspectos, somados ao lugar habitado, à língua falada, aos conhecimentos adquiridos e às ideologias defendidas pelo tradutor, configurar-se-iam em instrumentos relevantes para se investigar o ato tradutório. Poder-se-ia, então, considerar a tradução como fruto das seleções lexicais do tradutor dentre um leque de possibilidades semânticas, disponibilizadas conforme seu conhecimento e sua perspectiva: seu posicionamento perante o texto e seu universo, mas também sobre o contexto contemporâneo do ambiente em que vive.

Teceremos esta parte seguindo uma linha de pensamento que nos auxiliará a, no próximo capítulo, responder ao seguinte questionamento: considerando as denominações das três traduções de nosso *corpus*, em sua constituição enquanto alteridade, teria o monstro Grendel sentido(s) diferente(s) a cada tradução? Para tanto, é necessário, aqui, abordarmos como a linguagem pode ser concebida como meio de experienciar o mundo e os modos pelos quais ela ofereceria suporte à expressão *traduttore, traditore*.

A linguagem, constitutiva dos conceitos com os quais vemos o mundo, está para os indivíduos como uma base em que perspectivas possíveis são construídas. Os sujeitos selecionam destas as que melhor definem suas intenções e suas concepções de realidade, estabelecendo, assim, seu posicionamento perante as coisas do mundo. Ainda que funcione como expressão de poder, elemento normatizador (por sua gramática e por sua forma de

⁸⁷ DERRIDA, 2010, p. 19.

percepção do real) e identificador (uma vez que cabe a toda uma sociedade), a linguagem não elimina os potenciais de individualidade e de subjetividade dos indivíduos, mesmo que a esses se disponibilize um léxico limitado (algo necessário para a própria constituição da linguagem).

Na tradução de um texto de língua arcaica, como *Beowulf*, é improvável que o tradutor hodierno apreenda totalmente as estruturas simbólicas pertencentes ao contexto de produção do texto. Mesmo na contemporaneidade, seria possível apenas conjecturar, interpretar os sentidos que poderiam ser depreendidos de determinado texto. Quando consideramos a figura monstruosa, tal fato poderia ser também “dificultado” (entenda-se *enriquecido*, na medida em que as possibilidades se avolumam): o monstro é, em si, um “excesso” de possibilidades tanto em seu corpo quanto em sua moral.

Na tentativa de retomar o contexto representativo do texto-fonte, buscando entender (mesmo que em parte) a forma de linguagem e de pensamento daquele período, o tradutor não consegue desvencilhar-se totalmente de suas próprias concepções, e as projeta (em maior ou menor medida) sobre a estrutura regente do texto-fonte. Desta forma, um ato tradutório fiel ao contexto de produção da obra se mostra impossível, pois há sempre, pelo menos, duas fundações de estruturas simbólicas trabalhando conjuntamente: as do contexto contemporâneo ao texto e as do contexto contemporâneo ao tradutor.

Pode-se cogitar que as escolhas do tradutor seriam intrínsecas a sua interpretação do texto-fonte, fator esse de maior poder transformador presente no ato tradutório. As escolhas lexicais seriam derivadas daquilo que o tradutor percebe do texto-fonte (seus sentidos, forma e intenção) consoante seu próprio conhecimento e posicionamento sobre o mundo do texto e do *real*. Por isso a tradução é vista como algo temporário: uma vez que ela não representa uma “verdadeira” imagem-cópia de seu texto-fonte, haja vista que haverá sempre várias interpretações possíveis. O próprio produto da tradução, por sua vez, seria também interpretado, e seu sentido concebido por meio do leitor e da estrutura simbólica vigente da época e do lugar de sua recepção. Esse processo configura-se, portanto, em um *continuum* de possibilidades de interpretações tanto do texto-fonte quanto do texto-alvo.

Mesmo que nenhuma das traduções de *Beowulf* venha a ser um perfeito reflexo de seu dito original, representando o monstro Grendel como seria feito à época anglo-saxã, todas elas seriam interpretações possíveis realizadas por um sujeito defronte a uma estrutura simbólica há muito extinta. A tradução poderia, então, ser vista como um ato de reformulação do texto-fonte, conferindo a ele uma sobrevida: um viver além daquele que sua língua permitiu, uma nova vida em outra forma e cultura.

É importante ressaltar aqui que todos os três tradutores de nosso *corpus* visavam, em suas traduções, criar algo *vivo*. O fato de os produtos finais serem diferentes entre si não nega a criação, pelo contrário: demonstra como o ato tradutório, enquanto união de línguas, concepções, percepções e subjetividades, é capaz de dar luz a diferentes obras. Tal qual o “excesso” que se manifesta no monstruoso, a tradução seria também um excesso de perspectivas, de vozes, de interpretações, de intenções; dessas seria possível cogitar, pelo menos, três origens: aquelas que procedem do autor, do tradutor e do leitor.

Os três tradutores de nosso *corpus* eram também poetas e professores. Entretanto, os contextos tradutórios das edições aqui trabalhadas eram ligeiramente diferentes. Burton Raffel (Estados Unidos, 1928) e Michael Alexander (Grã-Bretanha, 1941) traduziram *Beowulf* ainda jovens, aos 35 anos e aos 32 anos, respectivamente. Seamus Heaney (Irlanda do Norte, 1939) aventurou-se a traduzir *Beowulf* na metade dos anos oitenta⁸⁸, posteriormente desistindo da tentativa que, para ele, era similar a “[...] tentar quebrar um megálito com um martelo de brinquedo” (2000, p. xxii)⁸⁹. Anos depois, o tradutor retomou seu trabalho, publicando-o aos 60 anos⁹⁰.

Em sua metodologia tradutória, Raffel afirma que “a única esperança do tradutor é recriar algo grosseiramente equivalente na nova língua, algo que é, em si, boa poesia e que, ao mesmo tempo, carrega, numa medida moderada, a força e o sabor do original. Neste sentido, uma re-criação pode ser apenas criação”⁹¹ (p. xxi). Os leitores da tradução de Raffel podem vir a considerá-lo mais livre em seu labor que os demais, algo que seria responsável, na visão de Marijane Osborn, por atribuir mais vida à tradução, mas que também pode, frequentemente, deturpar o original⁹². Para Raffel, o tradutor-poeta “precisa dominar o original para deixá-lo”⁹³ (apud MAGENNIS, 2015, p. 109), sendo *guiado* pelo original e não preso a ele.

⁸⁸ HEANEY, op. cit., p. xxii.

⁸⁹ Tradução nossa. No texto-fonte: “[...] trying to bring down a megalith with a toy hammer”.

⁹⁰ Quatro anos antes, em 1995, Seamus Heaney recebera o Nobel de literatura. O poeta vivera em Dublin de 1972 até sua morte no dia 30 de agosto de 2013.

⁹¹ Tradução nossa. No texto-fonte: “The translator's only hope is to re-create something roughly equivalent in the new language, something that is itself good poetry and that at the same time carries a reasonable measure of the force and flavor of the original. In this sense a re-creation can only be a creation”.

⁹² Citada por Magennis (2015, p. 110), a estudiosa explica que “esta representação em verso imitativo extremamente livre é provavelmente, como Raffel mesmo afirma, a mais viva tradução de *Beowulf*. Minhas apreensões ecoam aquelas de muitos críticos: em sua liberdade, esta tradução frequentemente deturpa o poema” (traduzido de: “This rendering into an extremely free imitative verse is probably, as Raffel claims, the liveliest translation of *Beowulf*. My misgivings echo those of many reviewers: in its freedom this translation often misrepresents the poem”).

⁹³ Tradução nossa. No texto-fonte: “[...] needs to master the original in order to leave it”.

A tradução de *Beowulf* de Alexander “começou como uma tentativa de capturar, em inglês moderno, parte deste sentido de poder magistral comunicado pelos versos do original”⁹⁴ (1973, 1985, p. 9), de modo que sua abordagem tradutória não objetivaria uma domesticação do texto (ao contrário da de Raffel), mas manter o possível da cultura apresentada em sua alteridade a fim de que o leitor possa experimentar parte do que era a cultura anglo-saxã⁹⁵. O posicionamento de Alexander perante o ato tradutório pode ser baseado em suas palavras, publicadas em 1966: “para mim, parece que o primeiro objetivo em traduzir um poema vivo de uma língua que é desconhecida para a minha própria é produzir algo que contenha arte, algo que viva” (1973, 1985, p. 22)⁹⁶.

Heaney, por sua vez, torna aparente em sua tradução a influência que sofreu em seu período de infância na Irlanda do Norte; fato que foi essencial para termos, hoje, este produto específico de sua tradução. A trajetória de seu processo tradutório foi em busca de um caminho que entrevisse uma espécie de “rio linguístico”, um lugar possível de encontrar uma rota de escape para um espaço linguístico não particionado. Essa seria, em suas palavras, “uma região onde a linguagem não seria simplesmente uma marca de etnicidade, uma questão de preferência cultural ou uma imposição oficial, mas uma entrada para um além da linguagem” (HEANEY, 2000, p. xxv)⁹⁷.

Heaney não poupa sua tradução de construções que, remetendo em parte a sua origem linguística irlandesa, podem trazer estranhamento ao leitor. Seu produto tradutório, porém, ao beber das águas desse rio linguístico, manifestaria ao seu leitor construções possíveis que a linguagem, enquanto coisa viva, poderia resgatar. Seria nesse resgate e (re)encontro de léxicos e sentidos que a tradução de Heaney se tornaria viva. Por ela, o tradutor recebeu dois prêmios *Whitbread Award* em 2000, a saber: *Poetry Award* e *Book of the Year*.

Indo além das premissas de fidelidade e liberdade, constantemente discutidas em teorias de tradução, Benjamin estabelece que “a tarefa do tradutor consiste em encontrar o efeito pretendido [*Intention*] na língua em que ele traduz, produzindo nela o eco do original” (2007, p. 76)⁹⁸. Isto é, encontrar uma possível intenção do texto-fonte e expô-la na língua da tradução. Como a expressão é uma prerrogativa de toda linguagem, para o filósofo, a intenção

⁹⁴ Tradução nossa. No texto-fonte: “This translation of *Beowulf* began as an attempt to catch in modern English some of that sense of masterful power communicated by the verses of the original Old English poem”.

⁹⁵ MAGENNIS, op. cit., p. 137.

⁹⁶ Tradução nossa. No texto-fonte: “It seems to me that the first aim in translating a living poem from a language which happens to be unknown into one's own language is to produce something with art in it, something which lives”.

⁹⁷ Tradução nossa. No texto-fonte: “A region where one's language would not be simply a badge of ethnicity or a matter of cultural preference or an official imposition, but an entry into further language”.

⁹⁸ Tradução nossa. No texto-fonte: “The task of the translator consists in finding that intended effect [*Intention*] upon the language into which he is translating which produces in it the echo of the original”.

é partilhada por todas as línguas, diferindo exclusivamente nos modos de significação; por meio destes, as intenções das línguas se suplementam e se harmonizam na língua pura (2007, p. 74 e 77). O alvo do tradutor não deve ser, portanto, nem a forma nem o conteúdo, mas esse efeito pretendido, esta *intenção* expressa por ambos: pelo modo de significação (forma ou palavra) e pelos significados e conotações intrínsecos a esse modo.

Traduttore, traditore: seu agente seria o traidor necessário de algo pronto, reconstruindo, tal qual a criatura de Frankenstein, o “morto” numa nova vida (ou sobrevida). Incapaz de manter todos e apenas os sentidos possíveis do texto-fonte, pois, da transição de uma língua/cultura para outra, o tradutor também acrescenta sua interpretação e seus próprios sentidos. Este é, porém, um trabalho necessário, do contrário o texto-fonte poderia *morrer efetivamente*, e a cultura de chegada ficaria empobrecida pela perda parcial de contato com outras concepções de real.

A traição pelas mudanças semânticas não seria uma traição de fato (ou desejada): sua intenção permanece a de uma criação guiada⁹⁹. O tradutor buscaria, então, permanecer o mais fiel possível a sua interpretação dos sentidos e da intenção do texto. Para destituir fidelidade e sentido, Benjamin argumenta:

O que a fidelidade pode fazer para a restituição do sentido? A fidelidade na tradução de palavras individuais quase nunca consegue reproduzir o significado que elas têm no original. Pois *o sentido*, em sua significância poética, *não é limitado ao significado, mas deriva das conotações da palavra escolhida para expressá-lo* (2007, p. 78, grifo nosso)¹⁰⁰.

Aqui, forma e conteúdo seriam partes necessárias para indicar uma mesma coisa: a intenção, o efeito que o texto pretende ter sobre o leitor. O sentido seria derivado do significado e das conotações da *palavra-forma*, ou seja, a intenção do texto, ainda que suscetível à interpretação do tradutor, seria manifestada por meio de sua forma e das conotações nela imbuídas.

A interpretação só se faria possível, então, através da forma pela qual o conteúdo é exposto – termos e modos de significação. Entretanto, na medida em que interpretamos, pelas conotações diversas, deixamos escapar alguns elementos intransmissíveis de uma língua (ou

⁹⁹ “A intenção do poeta é espontânea, primária, gráfica; a do tradutor é derivada, última, idealizada” (BENJAMIN, 2007, p. 76-77, tradução nossa de: “[...] the intention of the poet is spontaneous, primary, graphic; that of the translator is derivative, ultimate, ideational”).

¹⁰⁰ Tradução nossa. No texto-fonte: “Traditional usage makes these terms appear as if in constant conflict with each other. What can fidelity really do for the rendering of meaning? Fidelity in the translation of individual words can almost never fully reproduce the meaning they have in the original. For sense in its poetic significance is not limited to meaning, but derives from the connotations conveyed by the word chosen to express it”.

cultura) para outra. Ou seja, ao utilizarmos um termo que expressa a suposta intenção pretendida pelo texto, permaneceria algo que o tradutor não conseguiria expressar em sua tradução, pois as palavras, “intercambiáveis” de acordo com o contexto, não exprimiriam as mesmas conotações em seus modos de significação (em suas formas), que manifestariam qualquer coisa de diferente para falantes de uma língua e de outra.

Para Benjamin,

se a cognição trabalhasse com imagens da realidade, não poderia haver objetividade, nem mesmo sua exigência. Podemos demonstrar aqui que nenhuma tradução seria possível se, em essência final, ela se esforçasse por uma semelhança com o original. Pois em sua sobrevida – que não poderia ser assim denominada se não houvesse transformação e renovação de algo vivo – o original se modifica¹⁰¹ (2007, p. 73).

Se não há objetividade no conhecimento, não há a possibilidade de uma teoria de imagem-cópia, pois, a cópia ocorreria de acordo com determinada perspectiva criativa. Uma vez que uma cópia do real (como ele é) é impossível, pois nossa perspectiva de real é singular, ocorre uma ilusão de que o que percebemos *como* real é real. Nestes termos, se imitamos o que vemos, imitamos uma ilusão; fato que se reflete no ato tradutório, haja vista ser a percepção do tradutor-leitor também individual.

Jacobs simplifica tal pensamento numa pergunta: “com base em quê a tradução reivindicaria duplicar o texto-fonte se nenhuma língua, não importa quão original, garante a realidade objetiva daquilo que nomeia?” (1999, p. 80-81)¹⁰². Com a ausência de objetividade de uma língua para outra, restaria a subjetividade do tradutor que interpretaria a intenção do texto conforme sua posição espaço-temporal e suas concepções de mundo. Ou seja, não há a possibilidade de objetividade na tradução: não há equivalência exata nem de forma nem de conteúdo e, talvez, nem de intenção; o que ocorre é criação e uma eterna dívida para com o texto-fonte, tal qual expõe Derrida: “a tradução torna-se a lei, o dever e a dívida, mas dívida que não se pode mais quitar” (2006, p. 25).

Assim como nenhuma linguagem representaria realmente o mundo real – uma vez que são necessárias palavras para ocupar o lugar do representado – o texto-alvo também não seria capaz de, fielmente, representar seu texto-fonte. Os meios de compreender este real seriam

¹⁰¹ Tradução nossa. No texto-fonte: “It is a matter of showing that in cognition there could be no objectivity, not even a claim to it, if it dealt with images of reality; here it can be demonstrated that no translation would be possible if in its ultimate essence it strove for likeness to the original. For in its afterlife—which could not be called that if it were not a transformation and a renewal of something living—the original undergoes a change”.

¹⁰² Tradução nossa. No texto-fonte: “On what basis could translation claim to duplicate the original if no language, however original, in turn guarantees the objective reality of that which it names?”

distintos, podendo ser isso o que tornaria a tradução (im)possível: impossível por não captar fielmente todos os sentidos e formas presentes no original e, ao mesmo tempo, possível pelo próprio original, enquanto expressão linguística, não representar fielmente a realidade.

A restituição da intenção da obra seria, portanto, apenas parcial¹⁰³, pois não há uma única tradução admissível. O número de traduções equivaleria ao número de leituras possíveis, especialmente porque nenhuma interpretação é definitiva. Ou seja, enquanto a língua viva está, tal qual as perspectivas de mundo, em constante devir, é provável que um mesmo tradutor realize seu trabalho de forma diferente ainda que esteja traduzindo uma mesma obra em outro tempo. O ato tradutório, portanto, ocorre infinitamente pelos diversos aspectos linguísticos, culturais e subjetivos inerentes da interpretação.

O devir do texto-fonte dar-se-ia conforme percebemos o suposto efeito pretendido da obra através da forma pela qual o conteúdo é construído. Poderíamos entender que seria a *forma*, modificada *num* Outro, que deveríamos interpretar para termos ideias acerca do efeito do texto-fonte, pois o material traduzido seria enriquecido pela recepção e pelo obrar do tradutor. Tradução e monstro poderiam ser, assim, colocados num mesmo âmbito: configuram-se pelo “excesso”; o monstro enquanto um exagero (de presença ou de ausência) de forma, de realidade, de informação; e a tradução figurar-se-ia num excesso de intenções, de sentidos, que traz em si o eco de seu texto-fonte mesclado a sua nova forma.

Em concomitância com a perda parcial da intenção e do sentido do texto-fonte, haveria também ganhos. Toda tradução de um mesmo texto seria um meio de *complementar* seus diferentes modos de significar suas intenções; fato que não esgotaria o número possível de traduções, pois as estruturas simbólicas que regem o pensamento estão em constante devir. Conforme se transformam, a perspectiva com a qual recebemos e interpretamos a intenção de um texto também se modifica, demonstrando que tanto o efeito percebido quanto nosso entendimento sobre ele são exercidos por estruturas simbólicas contingentes.

O ato tradutório se mostraria um meio de entendermos que é comum a existência de diferentes modos de manifestar intenções e perspectivas. A tradução não seria, assim, uma vilã por trair, nem uma heroína por travestir o texto-fonte com nova roupagem, numa leitura possível de seu efeito pretendido. Ela se manifesta enquanto meio de *expansão cultural* desta intenção pelas diferentes formas e sentidos possíveis do texto-fonte, que seriam lidos sob um novo prisma. Ainda que tenhamos perdas, haveria enriquecimento e complementaridade “entre um *Idem* e um *Alter*”, tal como escreve Barrento, “entre um Mesmo e um Outro, entre

¹⁰³ “Assim como uma tangente toca uma circunferência levemente e num único ponto”. Tradução nossa de: “Just as a tangent touches a circle lightly and at but one point” (BENJAMIN, 2007, p. 80).

um original e a rede possível das suas traduções” (2002, p. 125). A tradução, então como alteridade, o Outro do texto-fonte, o tomara como um texto “normal” e o recriaria num monstro: uma manifestação de suas intenções à luz da subjetividade e das contingências sociais do tradutor.

Através desta atividade derivada, dependente, mas também criativa, o tradutor escaparia ao poder da língua-fonte, negociando, com ela e com o texto, os meios possíveis para a libertação deste em outra cultura¹⁰⁴. O efeito pretendido do original se (re)construiria, então, na tradução por meio dos sentidos imbuídos nas escolhas lexicais enquanto *forma* das palavras. A própria figura monstruosa de Grendel poderia ser ressignificada ao ponto de alterar sua identidade monstruosa conforme as características que lhe seriam atribuídas a partir da perspectiva tradutória. Na medida em que cada tradutor recepcionaria o texto de um modo diferente, resta-nos investigar os possíveis efeitos pretendidos em cada tradução – efeitos que estariam de acordo com o que os tradutores interpretaram do texto-fonte.

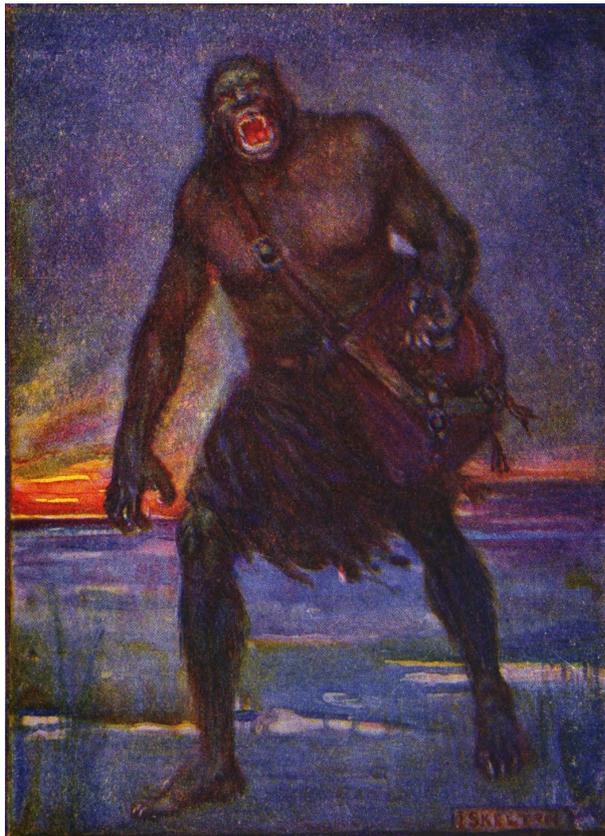


Ilustração 5 – O monstro Grendel estampado por J. R. Skelton para a obra Stories of Beowulf Told to the Children (1908). É possível perceber distinções dentre as imagens do monstro Grendel por elas serem fruto de interpretações singulares.

¹⁰⁴ BASSNETT, 2005, p. 17.

É possível constatar que o conhecimento e o posicionamento do tradutor perante o texto-fonte alteram a recepção da intenção e da interpretação dos efeitos deste texto, moldando, por meio de suas escolhas lexicais, os modos de significação presentes na tradução. Será a partir dos possíveis efeitos pretendidos presentes no trabalho dos três tradutores, refletidos em suas escolhas lexicais, que nossa análise comparativa da criatura Grendel buscará identificar as similaridades e as disparidades do monstro a cada tradução, e as consequências de se atribuir um ou outro nome substantivo a esse monstro. De maneira que os nomes selecionados para traduzir a figura de Grendel não apenas o tornam uma alteridade, tal como no texto-fonte, mas também podem torná-lo uma alteridade diferente a partir do léxico selecionado.

O labor tradutório configurar-se-ia, destarte, num estar constantemente defronte a escolhas lexicais possíveis que poderiam aproximar-se do efeito causado pelo texto-fonte; e atentaremos a esse efeito pretendido a fim de prospectar se a alteridade de Grendel permanece a mesma em cada tradução ou não. Neste sentido, os efeitos da atribuição de uma identidade monstruosa para Grendel serão analisados através das denominações a ele dirigidas. Visaremos, então, a alteridade atribuída pelo narrador e demais personagens da narrativa a fim de analisar o modo de significação pelo qual o monstro Grendel foi (re)construído nas três traduções de nosso *corpus*.

Por conta de o ato tradutório ser individual, conseqüentemente, percebe-se no monstro um devir que se dá por meio da subjetividade de cada tradutor. É esta transformação, não em monstro, mas de monstro, o foco deste trabalho. Em outras palavras, o monstro Grendel, em comparação consigo mesmo, seria (possivelmente) outro, em razão da individualidade de cada tradução.

CAPÍTULO 3 – O MONSTRO GRENDEL NAS TRADUÇÕES

As dificuldades de se estabelecer um critério analítico sobre a criatura Grendel se deram, principalmente, pela diversidade que o monstruoso faz sobressair em sua figuração. Seu excesso de forma, de traços, de léxicos (neste caso) permitem vários caminhos possíveis para se pensar a monstruosidade. Paradoxalmente, foi necessário delimitar aquilo que não pode ser delimitado. Reconhecemos, aqui, à vista disso, as falhas de nossa pesquisa que, tal qual uma tradução, mostra-se como um ato necessário e impossível.

Como é consabido, escolhas e limites devem se fazer presentes para uma investigação chegar ao seu termo; mesmo que seu resultado final seja apenas uma das inúmeras peças no jogo de construção e, conseqüentemente, desconstrução de saberes. Isto posto, restringindo nosso escopo analítico, prospectamos acerca dos critérios de nomeação da figura monstruosa a partir de duas divisões: na primeira, consideramos os nomes recorrentes, isto é, aqueles que aparecem em duas ou nas três traduções, e na segunda, os nomes divergentes, isto é, exclusivos de cada tradução.

Nosso percurso analítico, entretanto, sofreu mais um corte na medida em que, a nosso ver, os nomes recorrentes, comuns entre as traduções, não suscitariam no monstro grandes diferenças possíveis. Dessa maneira, atemo-nos aos nomes divergentes, pois estes nos proporcionam, mais especificamente, as particularidades monstruosas únicas interpretadas pelos tradutores. Tais aspectos refletiriam parte das subjetividades e posicionamentos recorrentes do obrar tradutório perante o texto-fonte e o monstruoso; as quais seriam, posteriormente, apresentadas para o leitor na obra final.

Num primeiro momento, trazemos à baila dados quantitativos para disponibilizarmos a base da construção *alteritária* de Grendel. Consideramos, nessa parte, os valores numéricos totais de designação monstruosa, agregados à variedade dos termos utilizados. Nossa análise vem à luz na segunda parte desse, na qual investigamos possíveis sentidos imbuídos nos diferentes epítetos do monstro Grendel. Logo, pensamos como essas divergências nominais construiriam monstros também distintos, e em que isto implicaria na construção da alteridade da personagem perante a sociedade narrativa.

Em resumo, prospectamos, nas três traduções de nosso *corpus*, como se daria a (re)construção da personagem Grendel, enquanto ser-Outro da sociedade dos Danos, por meio da subjetividade do ato tradutório. Neste sentido, pensamos a partir do arcabouço elencado anteriormente referente às concepções monstruosas e às implicações da linguagem e dos

nomes consoante a construção de identidade – e, conseqüentemente, o estabelecimento de uma alteridade. Devido às contingências aí observadas, não podemos deixar de pensar a criatura monstruosa sob um viés social, no qual a constituição de sua alteridade estaria baseada em estruturações simbólicas feitas para e pelos indivíduos; as quais são aqui destacadas por meio dos nomes divergentes.

Finalizamos nossa análise demonstrando como as diversas construções monstruosas de Grendel complementariam sua própria figura e seus efeitos pretendidos (*Intentio*) representados por meio das sobrevidas do texto-fonte. As interpretações deste seriam, então, tão variadas quanto suas leituras; fato aqui comprovado ao extremo por intermédio da figura monstruosa.

3.1 O vocabulário monstruoso

Ao longo de nosso trabalho, realizamos um levantamento dos nomes substantivos atribuídos à figura monstruosa de Grendel, classificando-os conforme a frequência de uso e as especificidades neles imbuídas. A partir do que discutimos acerca de identidade, alteridade, nomeação e tradução, ponderamos sobre as designações atribuídas ao monstro, buscando identificar se a personagem Grendel apresentaria aspectos divergentes consoante as traduções de nosso *corpus*; fato que modificaria sua própria alteridade e, conseqüentemente, a identidade social dos indivíduos que a nomeavam. Haja vista, como expomos anteriormente, a possibilidade da monstruosidade de Grendel ser proveniente do abalo que ele proporciona às estruturas simbólicas da sociedade. Deste modo, a conseqüente morte do monstro – algo inevitável – reestruturaria o poder simbólico, reforçando e legitimando suas estruturas prévias.

Em nosso levantamento nominal, deparamo-nos com o que podemos considerar designações “comuns” da figura monstruosa. Os três textos-alvo que compõem nosso *corpus* apresentam, num contexto ou em outro, os mesmos nomes em diferentes frequências. Para fins de classificação, consideramos um nome comum aquele que é citado pelo menos três vezes e em, no mínimo, duas das obras aqui elencadas. Uma vez que trabalhamos com as traduções de um mesmo texto-fonte, a recorrência de epítetos é esperada. Ainda assim, pelas repetições – ou pela ausência delas – a alteridade do monstro Grendel demonstra ser construída por diferentes meios.

Ao todo, as (re)criações de Raffel (1963), Alexander (1973) e Heaney (2000) designam o monstro por nomes substantivos 80, 89 e 78 vezes respectivamente. As variações substantivas, por sua vez, configuram outros valores: na tradução de Raffel, há 21 designações diferentes, na de Alexander, 35 e na de Heaney, 43. Tais variações se repetem, em diferentes medidas, ao longo dos textos-alvo¹⁰⁵.

Dentro desse contexto, separamos os nomes indicados pelo narrador, pelo herói Beowulf e pelo rei Hrothgar, que são aqueles que mais apresentam nomeações para Grendel¹⁰⁶. Tais nomeações se constituiriam a partir de contrastes entre Grendel e os Danos, tornando a criatura triplamente monstruosa: esta poderia ser vista enquanto oposição política (pela figura do rei), oposição cultural ou religiosa (pelo narrador/bardo que pode também ser tomado como eclesiástico) e enquanto oposição moral (indicada pela figura do herói, que representaria os valores máximos e maximizados daquela sociedade).

Na tabela a seguir, relacionamos todos os nomes que aparecem em pelo menos duas traduções. A fim de deixarmos os valores quantitativos mais claros, excluimos daqui os adjetivos. Para cada personagem que profere a designação, utilizamos um sinal diferente: para o narrador, colchetes; para Beowulf, chaves, e para Hrothgar, parêntesis. Se uma outra personagem – como Unferth – designa também o monstro, apontamos seu nome e, em seguida, o número de vezes que isto ocorre. Quando houver o sinal “---” significa que o termo não é utilizado para designar Grendel em nenhum momento da tradução.

¹⁰⁵ Nomes em comum às traduções e suas respectivas referências encontram-se no anexo I, página 115.

¹⁰⁶ Outras personagens, como o nobre Unferth, o rei Hygelac e um sentinela, nomeiam a criatura apenas uma vez e não em todas as traduções.

Tabela 8 – Ocorrência de epítetos comuns a duas ou às três traduções

NOMES	TRADUÇÕES		
	Raffel (1963)	Alexander (1973)	Heaney (2000)
<i>MONSTER</i> (monstro)	[22] {6} (2)	[9] {1}	[7] {2} (1)
<i>FIEND</i> (espírito maligno)	[5] {1} (5)	[3] {3} (1)	[5] {2}
<i>DEMON</i> (demônio)	[5] Unferth: 1 (l. 528)	[2] {1} (1)	[6] {1} (1)
<i>ENEMY</i> (inimigo)	[4] (2)	[5] {3} (2)	[2] {2} (1)
<i>CREATURE</i> (criatura)	{2} Sentinela: 1 (l. 298)	[2] {2} Hygelac: 1 (l. 1993)	[1] (2)
<i>OUTCAST</i> (proscrito)	[1]	[2]	[2]
<i>SON</i> (filho)	[1] {2}	[1] {1} (1)	{1}
<i>SHADOW</i> (sombra)	[1]	[1]	[1]
<i>BODY</i> (corpo)	[2]	[1]	[1]
<i>CORPSE</i> (cadáver)	[1]	---	[2]
<i>ONE</i> (algum; alguém)	---	[4] {1} (1)	[1]
<i>FOE</i> (adversário)	---	[7] {2} (1)	[1]
<i>SPIRIT</i> (espírito)	---	[3]	[1] {1}
<i>DEVIL</i> (demônio)	{1} (2)	---	[1]
<i>PAIR</i> (par)	---	[2]	[1]
<i>MARAUDER</i> (saqueador)	---	[1] {1}	(1)
<i>KILLER</i> (assassino)	[1]	---	(1) Hygelac: 1 (l. 1995)

Constatamos, pelos epítetos elencados, que há uma base fundadora do monstro Grendel compartilhada pelas três (re)criações em maior ou menor grau. Além disso, é possível observar certo padrão quantitativo acerca dos nomes. A tradução de Burton Raffel, com menos variações, repete alguns dos doze vocábulos, atingindo a marca de 68 momentos de designação monstruosa com nomes comuns. A tradução de Michael Alexander, a que mais possui designações substantivas do monstro (89), repete a maioria de catorze nomações por 66 vezes no total. Sendo a tradução de Seamus Heaney posterior às demais, é importante destacar que ele é o único tradutor a citar, ao menos uma vez, cada um dos termos comuns: ele se utiliza de todas essas dezessete nomações por 43 vezes.

As denominações divergentes que encontramos nas traduções formam um número maior de variações – exceto na tradução de Raffel –, porém com pouca ou nenhuma repetição, configurando-se, portanto, num menor número de ocorrências. A relação quantitativa desses nomes nos proporcionam os seguintes valores: em Raffel, há 9 nomenclaturas exclusivas; em Alexander, 21; e em Heaney, 23.

Tabela 9 – Quadro comparativo entre valores de substantivos comuns e de substantivos exclusivos

	Raffel (1963)	Alexander (1973)	Heaney (2000)
Total de designações substantivas	80	89	78
Total de variações substantivas	21	35	43
Nomes substantivos em comum	12	14	17
Frequência de nomes comuns	68	66	49
Nomes substantivos exclusivos	9	21	26
Frequência de nomes exclusivos	12	23	29

Pode-se considerar, por esses dados, que a tradução de Raffel é mais sintética com relação às nomeações monstruosas que as demais. Ao utilizar-se com frequência dos mesmos nomes substantivos, Raffel faz com que a narrativa se torne mais clara para o leitor¹⁰⁷. Como são várias as personagens adjacentes, não são apenas os nomes substantivos ou o nome próprio de Grendel que são repetidos: o tradutor não quis deixar dúvidas quanto às personagens que figuram no texto. Os outros tradutores, entretanto, ao se utilizarem de termos

¹⁰⁷ MAGENNIS, 2015, p. 120-121.

diversos, tendem a atribuir outras características ao monstro e, por conseguinte, ampliar sua construção. Contraditoriamente, porém, isto poderia causar certo estranhamento ao leitor, pois o grande número de variações substantivas poderia resultar numa maior dificuldade de apreensão do monstro.

A relação dos nomes divergentes configura-se na tabela abaixo, em que listamos os epítetos por ordem de evocação na narrativa, seguindo a marcação anterior, através dos sinais de colchetes para o narrador, de chaves para o herói Beowulf e de parêntesis para o rei Hrothgar. Entretanto, essas marcas constam, neste quadro, após cada uma das denominações nas referências das linhas em que são mencionadas. Em *itálico*, encontram-se os epítetos que se repetem dentro de cada texto-alvo. As traduções dos termos são apresentadas adiante, durante a análise dos mesmos.

Pelos termos listados a seguir, é possível entender as (re)criações enquanto Outros de um Mesmo texto-fonte. Paradoxalmente, os epítetos monstruosos divergentes poderiam revelar como determinados desvios entre texto-fonte e texto-alvo ou, ainda, entre textos-alvo, exporiam, em verdade, fidelidade ao que foi depreendido da obra por meio da interpretação e da subjetividade do tradutor.

Tabela 10 – Nomes exclusivos a cada tradução

Raffel (1963)	Alexander (1973)	Heaney (2000)
all evil {l. 432}	unhappy being [l. 103]	prowler [l. 86]
horror (l. 483)	new hall-thane [l. 140]	God-cursed <i>brute</i> [l. 121]
that evil {l. 606}	ruler [l. 143]	hall-watcher [l. 142]
evil (l. 659)	hell's familiar [l. 163]	reavers from hell [l. 162]
bold and famous fighter {l.679-680}	obscure <i>assailant</i> {l. 275}	threat {l. 274}
shepherd of evil [l. 750]	troll {l. 426}	danger {l. 275}
guardian of crime [l. 750]	walker [l. 703]	corpse-maker {l. 276}
hell's captive [l. 788]	spoiler [l. 712]	shadow-stalker [l. 703]
afflictor of men [l. 809]	<i>ravager</i> [l. 737]	bane of the race of men [l. 712]
tormentor of their [men's] days [l. 809-810]	upholder of evils [l. 750]	captain of evil [l. 749]
hidden evil (l. 1357)	claimants to Heorot [l. 770]	dread of the land [l. 761]
uncrowned ruler {l. 2003}	deadly guest [l. 792]	terror-monger [l. 765]
	<i>assailant</i> [l. 802]	contenders [l. 769]
	evil menace [l. 830]	loser [l. 786]
	warlocks (l. 938)	hell-serf [l. 786]
	stranger {l. 958}	[Beowulf's] caller [l. 791]
	heathen warrior [l. 985]	unkown {l. 959}
	most powerful <i>ravager</i> (l. 1337-1338)	heathen <i>brute</i> [l. 985]
	huge wayfarers (l. 1347)	banished [l. 1267]
	her boy (l. 1545)	accursed [l. 1267]
	keepers of the hall {l. 1665}	hell- <i>brute</i> [l. 1274]
	champions {l. 2070}	her kinsman (l. 1340)
	bloody-toothed slayer {l. 2080}	these things (l. 1349)
		an unnatural birth (l. 1353)
		her only child [l. 1547]
		a casualty [l. 1587]
		dwellers in that den {l. 1666}
		terror of those twilights {l. 2074}
		terror of the land {l. 2094}

3.2 Estranhamentos entre as traduções

Dando seguimento a nossa análise, para pensarmos as nomeações que divergem de uma tradução a outra, optamos por separar as evocações por tradutor, pois é este, em sua subjetividade, que diferenciaria o monstro a partir do léxico selecionado. A partir de cada texto-alvo, apresentamos os epítetos, primeiramente, de acordo com a pessoa da narrativa que os exprime na seguinte ordem: narrador, herói Beowulf e rei Hrothgar. Em seguida, dispomos as nomeações conforme sua ordem de enunciação na narrativa – apontada pelo número da linha entre parêntesis. Dado que o poema não possui um fio cronológico linear, o fato de as designações não seguirem a ordem de expressão não afetaria nossa análise. Outra justificativa para esta abordagem seria a própria ausência dos termos comuns (neste corte analítico) que, no caso, impediria uma prospecção cronológica.

Numeramos os epítetos em cada texto-alvo e adicionamos nossa tradução deles a fim de facilitar a leitura e o entendimento dos dados. Abaixo das tabelas, em nossa análise, indicamos, novamente, o léxico (entre aspas), a numeração e sua tradução (entre parêntesis), como no seguinte: “shepherd of evil” (1. pastor do mal); o número “1”, neste caso, indica o primeiro epíteto exclusivo da tradução de Burton Raffel.

Quando a nomeação possui relação direta com algum vocábulo de seu contexto, citamo-lo no corpo da análise. Ao final das prospecções nominativas de cada texto-alvo, incluímos nossa interpretação, de acordo com os nomes analisados, da construção monstruosa de Grendel e das possíveis intenções que o regeriam consoante a sociedade narrativa.

Ultimamente, informamos que os nomes que se repetem dentro das traduções estão marcados em *itálico*. Além disso, seguindo uma linha filológica, ressaltamos que, por não termos acesso ao texto em inglês antigo, o texto-alvo não necessariamente reflete exatamente o léxico do texto-fonte. Independentemente disto, como partimos da contemporaneidade para abordar o monstruoso, nossa interpretação final fundamentar-se-á a partir da língua inglesa moderna, pois é por meio desta que a grande maioria dos leitores aprecia a obra.

3.2.1 Epítetos exclusivos à tradução de Burton Raffel

Tabela 11 – Epítetos exclusivos à tradução de Burton Raffel (1963)

Locutor	Nomeações	Tradução nossa
Narrador	1. shepherd of evil (l. 750) 2. guardian of crime (l. 750) 3. hell's captive (l. 788) 4. afflictor of men (l. 809-810) 5. tormentor of their [men's] days (l. 810)	1. pastor do mal 2. guardião do crime 3. cativo do inferno 4. afligidor de homens 5. atormentador de seus dias
Beowulf	6. all <i>evil</i> (l. 432) 7. that <i>evil</i> (l. 606) 8. bold and famous fighter (l. 679- 680) 9. uncrowned ruler (l. 2003)	6. todo o mal 7. aquele mal 8. lutador bravo e famoso 9. governante não coroado
Hrothgar	10. that horror (l. 483) 11. <i>evil</i> (l. 659) 12. hidden <i>evil</i> (l. 1357)	10. aquele horror 11. mal 12. mal escondido

750 *That shepherd of evil, guardian of crime,*
751 *Knew at once that nowhere on earth*
752 *Had he met a man whose hands were harder*¹⁰⁸.

1. Shepherd of evil (pastor do mal): Grendel partira para atacar Beowulf e foi preso, instantaneamente, por suas mãos. Esta nomeação (acompanhada da seguinte, *guardian of crime*) indicaria que Grendel *defenderia* o mal (e o crime). Raffel tinha, como figura de autor, um cristão, de modo que “pastor do mal” poderia ser visto enquanto referência à parábola do bom pastor. “Pastor” é também um sinônimo de “guia”, de modo que o monstro Grendel pode ser interpretado como um indivíduo que guiava, direcionava o mal, no caso em apreço, ao povo Dano.
2. Guardian of crime (guardião do crime): como supracitado, Grendel defenderia o mal e, por conseguinte, segundo a moral, o crime. “Guardian” é, ademais, um termo eclesiástico: a analogia com ocupações cristãs poderia reforçar a oposição entre

¹⁰⁸ “Aquele pastor do mal, guardião do crime, / Soube imediatamente que em nenhum lugar da terra / ele encontrara um homem de mãos mais fortes [do que aquele]”.

monstro, enquanto representação da imagem do diabo (termo cunhado por Raffel na linha 279) em oposição a Deus.

788 [...] *Hell's captive caught in the arms*
 789 *Of him who of all the men on earth*
 790 *Was the strongest*¹⁰⁹.

3. *Hell's captive* (cativo do inferno): o termo “hell” viria do paganismo nórdico, *Hel*; um conceito que, entretanto, cabe perfeitamente na crença cristã enquanto lugar de tormento no pós-morte para indivíduos cruéis, imorais, ou seja, contrários à moral e às regras de conduta vigentes.

Pode-se entender que Grendel, estando preso (“captive”) ao inferno, não agiria por conta própria. “Captive”, assim, estaria em ângulo complementar com a palavra seguinte: “caught”, capturado. Grendel cambiaria de um cativo a outro, nesse caso, do inferno para os braços do herói Beowulf.

809 *Now he discovered – once the afflictor*
 810 *Of men, tormentor of their days – what it meant*
 811 *To feud with Almighty God*¹¹⁰.

4. *Afflictor of men* (afligido de homens): Grendel causaria sofrimento físico e psicológico. Neste contexto, a figura monstruosa de Grendel é elevada num sentido universal, afligindo a todos os homens, para, então, num ponto de inflexão, a criatura se ver derrotada pelo divino. É relevante ressaltar que Beowulf, nesta tradução, seria designado como “the mighty protector of men” (l. 791), isto é, “o poderoso protetor dos homens”. O par herói-monstro manifestar-se-ia, assim, também através das nomeações.
5. *Tormentor of their days* (atormentador dos dias [dos homens]): possui sentido similar ao da designação anterior. O termo “day”, em inglês antigo, *dæg*, indicaria também “lifetime” (vida). Desta forma, Grendel poderia ser o “atormentador das vidas dos homens”, fato que daria mais potência a essa nomeação, visto que Grendel seria uma perturbação constante.

¹⁰⁹ “Cativo do inferno capturado nos braços / Daquele que, de todos os homens da terra, / Era o mais forte”.

¹¹⁰ “Agora ele sabia – antes o afligido / De homens, atormentador de seus dias – o que significava / disputar com Deus Todo-Poderoso”.

431 *That I, alone and with the help of my men,*
 432 *May purge all evil from this hall*¹¹¹.

6. All evil (todo o mal): *yfel*, em inglês antigo, não possuía nenhuma conotação religiosa. Era a palavra que anglo-saxões utilizariam para imputar a noção de ruim; cruel; perverso; inábil; defeituoso; nocivo para o bem-estar físico ou moral; crime; infortúnio; doença. Como substantivo, “evil” indica, outrossim, em inglês antigo, “extrema moralidade perversa”. Tal noção, porém, só é cunhada no século XVIII; perpassando pelo inglês médio, no qual “bad” encontra maior alcance significativo e “evil” passa a determinar maldade moral, em consonância com uma das concepções de monstro contemporâneas.

No cristianismo, “mal” seria tudo aquilo que se oporia a Deus; no poema, os guerreiros esperavam que Deus os protegesse do mal (l. 705-706). Por esse termo, sendo uma força contrária ao divino, a figura de Grendel seria uma personificação do mal ao ser portador de ruína, mágoa e aflição, suscitando-os nos indivíduos.

Beowulf intencionava “purgar todo o mal do salão”, livrando-se de Grendel e tornando Heorot, mais uma vez, habitável; visto que “purge” indicaria, também, limpeza que, num sentido figurado, desobstruiria objetos (no caso, uma criatura) de determinado lugar. Diferentemente da língua portuguesa, em inglês, não encontramos, em “purge”, conotação com a ideia de purificação de pecados.

7. That evil (aquele mal): Beowulf, ao responder o nobre Unferth, afirma, ao terminar seu discurso, que “that evil will be gone!”, “aquele mal terá ido embora!”. “Gone”, porém, possui outros sentidos, como, nesta situação, “desaparecido” ou “morrido”. Beowulf assere, assim, sua força, e garante que Grendel será vencido. Para o termo “evil” *vide* nomeação acima.

8. Bold and famous fighter (lutador bravo e famoso): Beowulf reconhece a fama de Grendel. Isso poderia indicar que Beowulf admitia em Grendel um terrível adversário tanto para amenizar a demonstração de medo e fraqueza dos Danos (*vide* linhas 595-601), quanto para atribuir maior glória para aquele que triunfasse sobre a criatura.

9. Uncrowned ruler (governante não coroado): o tradutor faz Beowulf assim nomear Grendel quando dialoga com seu rei, Higlac. O herói apontaria os anos de terror do

¹¹¹ “Que eu, sozinho, e com a ajuda de meus homens, / Possa purgar todo o mal desse salão”.

monstro como um reinado ilegítimo sobre os Danos. Fato que está em consonância com a ideia de Grendel opor-se às leis sociais.

10. That horror (aquele horror): Grendel causaria medo, repulsa, nojo, aversão.
11. Evil (mal): o rei Dano, Hrothgar, pede que Beowulf mantenha o salão livre de mal. Para este léxico, *vide* epíteto de número 6.
12. Hidden evil (mal escondido): Hrothgar expõe que Grendel e sua mãe seriam “males escondidos”, pois, além deles, os indivíduos Danos não teriam avistado nenhum outro monstro. Para “evil”, *vide* epíteto de número 6.

Com exceção de "bold and famous fighter" (8. lutador bravo e famoso), a tradução de Burton Raffel, em suas divergências com as demais, apresenta somente nomes que suscitam *oposição*; podendo esta ser religiosa, social e moral; cabendo também num aspecto das três concepções monstruosas que trabalhamos no primeiro capítulo.

Grendel, pelo epíteto “that horror” (10. aquele horror), estaria em contraste com o belo, fato que pode ser caracterizado monstruoso em qualquer um dos períodos temporais discutidos; vale recordar, aqui, a semelhança de Grendel com a figura pagã do *draugr*, sendo que ambas as criaturas introduziriam uma oposição existente entre o vil e a riqueza.

Pelos termos destacados em nosso corte analítico, porém, esse aspecto pagão de Grendel míngua em comparação com as propriedades cristãs. Fato que corroboraria com a perspectiva de Burton Raffel de que “*Beowulf* é obra de um único homem, e seu autor era cristão”¹¹² (1963, p. xiv). No cristianismo, a conotação do termo “evil” (do qual Grendel seria uma personificação) enquanto tudo que se oporia ao divino, permite-nos depreender de Grendel uma natureza violenta e infernal; dado que ele era também considerado um demônio. Dos doze epítetos divergentes, são sete os que sustentariam esta interpretação: “shepherd of evil” (1. pastor do mal), “guardian of crime” (2. guardião do crime), “hell's captive” (3. cativo do inferno), “all evil” (6. todo o mal), “that evil” (7. aquele mal), “evil” (11. mal) e “hidden evil” (12. mal escondido). Por extensão, o mal oposto ao divino causaria sofrimento nos indivíduos, sendo para eles nocivo e indesejável; dessarte, “afflictor of men” (4. afligidor de homens) e “tormentor of [men's] days” (5. atormentador dos dias [dos homens]) são, outrossim, epítetos que atribuiriam a Grendel a mesma visão de personificação do mal.

¹¹² Tradução nossa. No texto-fonte: “*Beowulf* is the work of one man and that its author was a Christian”.

A oposição perante o divino seria, então, homóloga àquela contrária à moral dos indivíduos. O monstro Grendel em Burton Raffel, por seus epítetos divergentes dos outros dois textos-alvo de nosso *corpus*, seria concebido como personificação do mal, em antagonismo para com o Deus cristão e para com a sociedade. Em outro alcance, tal personificação poderia ser também considerada enquanto monstro imoral, uma vez que Grendel afronta ostensivamente as convenções e conveniências sociais; sendo considerado um “uncrowned ruler” (9. governante não coroado).

Sendo Grendel um monstro independentemente da tradução abordada em nosso *corpus*, compreendemos que suas divergências nominais atribuiriam a tal criatura os aspectos que, pela leitura do tradutor, seriam considerados monstruosos e, portanto, passíveis de serem imputados ao monstro. Nesse sentido, em seu texto-alvo, Burton Raffel definiria como monstruoso algo que apresentaria fatores malignos e imorais, que iriam de encontro aos preceitos religiosos e sociais.

3.2.2 Epítetos exclusivos à tradução de Michael Alexander

Tabela 12 – Epítetos exclusivos à tradução de Michael Alexander (1973)

Locutor	Nomeações	Tradução nossa
Narrador	1. unhappy being (l. 103) 2. new hall-thane (l. 140) 3. ruler (l. 143) 4. hell's familiar (l. 163) 5. walker (l. 703) 6. spoiler (l. 712) 7. <i>ravager</i> (l. 737) 8. upholder of evils (l. 750) 9. claimants to Heorot (l. 770) 10. deadly guest (l. 792) 11. <i>assailant</i> (l. 802) 12. evil menace (l. 830) 13. heathen warrior (l. 985) 14. her boy (l. 1545)	1. ser infeliz 2. novo guerreiro do salão 3. governante 4. espírito infernal 5. caminhante 6. saqueador 7. <i>devastador</i> 8. sustentante de malefícios 9. reivindicantes de Heorot 10. convidado mortal 11. agressor 12. ameaça maligna 13. guerreiro pagão 14. seu menino
Beowulf	15. obscure <i>assailant</i> (l. 275) 16. troll (l. 426) 17. stranger (l. 958) 18. keepers of the hall (l. 1665) 19. champions (l. 2070) 20. bloody-toothed slayer (l. 2080)	15. agressor obscuro 16. “troll” 17. estranho 18. defensores do salão 19. combatentes 20. assassino de mordedura sangrenta
Hrothgar	21. warlocks (l. 938) 22. most powerful <i>ravager</i> (l. 1337-1338) 23. huge wayfarers (l. 1347)	21. feiticeiros 22. devastador poderosíssimo 23. enormes viajantes

103 [...] *This unhappy being*
 104 *had long lived in the land of monsters*
 105 *since the Creator cast them out*
 106 *as kindred of Cain*¹¹³.

¹¹³ “[...] Este ser infeliz / vivera muito na região dos monstros / pois o Criador os expulsara / pelo seu parentesco com Caim”.

1. Unhappy being (ser infeliz): os eufemismos, característicos do estilo poético anglo-saxão, são recorrentes na tradução de Alexander. Estes termos podem atenuar as características monstruosas da criatura. No caso de “unhappy being”, é possível sentir compaixão por Grendel devido à sua condição de ter que viver na terra dos monstros.

2. New hall-thane (novo guerreiro do salão): quando Grendel passa a dominar o salão Heorot, seus epítetos assinalam posições sociais de destaque. “Thane” remete a um guerreiro que cuidaria de parte das terras do rei em troca de serviços militares. Ao apossar-se do salão principal dos Danos, tornando-o sua morada noturna por doze anos, Grendel os impedia de manter seus costumes políticos e culturais. O epíteto aqui considerado também indica como o monstro poderia ser nomeado de acordo com o espaço físico ocupado; em consonância ao que investigamos acerca das concepções pagãs do monstruoso.

143 *So Grendel became ruler; against right he fought,*
 144 *one against all*¹¹⁴. [...]

3. Ruler (governante): em consonância com a denominação anterior, Grendel, de guerreiro, tornar-se-ia soberano. Grendel, sozinho, vencera a todos. É visível, neste empoderamento do monstro enquanto despoja os Danos de seu espaço físico social, a hierarquia sobre a qual esta sociedade se organizava: Grendel primeiro se torna um guerreiro (*thane*) e depois, um governante.

4. Hell's familiar (espírito infernal): “familiar”, na mitologia medieval, seria uma espécie de espírito em forma de animal que auxiliaria bruxos, ou um demônio que responderia ao chamado de um algum subordinado do inferno. O “familiar” seria representativo de uma ponte entre o natural e o sobrenatural.

702 *Gliding through the shadows came*
 703 *the walker in the night*¹¹⁵.

5. Walker (caminhante): o termo “walker” não possuiria nenhum fator maligno não fosse pelo contexto em que se insere: Grendel caminharia sorrateiramente (deslizaria pelas sombras), realizando esta atividade durante a noite. Para o monstro, reservar-se-ia a

¹¹⁴ “Então Grendel tornou-se governante; contra o certo ele lutou, / um contra todos [...]”.

¹¹⁵ “Deslizando pelas sombras veio / o caminhante na noite”.

escuridão que o manteria oculto. A ausência de luz, outrossim, seria homóloga à ausência de discernimento, conhecimento.

712 *The spoiler meant to snatch away*
713 *from the high hall some of human race*¹¹⁶.

6. Spoiler (saqueador): Grendel seria um ladrão de seres humanos. Suas investidas se dariam, então, em dois corpos distintos: o social (representado pelo salão Heorot) e o biológico.
7. *Ravager* (devastador): também teria um sentido de destruidor; alguém que pratica pilhagem. Similar à noção de “spoiler” indicada acima.
8. Upholder of evils (sustentante de malefícios): Grendel, enquanto alteridade por excelência, manteria o mal em evidência, dando-lhe suporte.
9. Claimants to Heorot (reivindicantes de Heorot): herói e monstro formam um par lutador (l. 772 e 777) ao competirem pelo poder sobre Heorot. A estória refere-se, aqui, a uma disputa por território.

791 *Not for anything would the earls' guardian*
792 *let his deadly guest go living*¹¹⁷.

10. Deadly guest (convidado mortal): em inglês antigo, *gæst*, indicaria uma pessoa estranha, não-familiar, que ainda assim seria recebido com hospitalidade. Grendel, entretanto, seria morto por ser, ele próprio, mortífero. Pelas nomeações evocadas na tradução de Alexander, é possível perceber ascensão e queda do monstro: de *thane* para *ruler*, de *ruler* para *claimant*, de *claimant* para *guest*.
11. Assailant (agressor): o monstro atentaria contra o bem-estar dos indivíduos.

827 *Before the Danish people*
828 *the Geat captain had made good his boast,*
829 *had taken away all their unhappiness,*
830 *the evil menace under which they had lived [...]*¹¹⁸.

¹¹⁶ “O saqueador tencionava arrebatá-lo, / daquele grande salão, um pouco da raça humana”.

¹¹⁷ “O guardião do earl, por nada nesse mundo, / permitiria, a seu convidado mortal, continuar vivendo”.

¹¹⁸ “Perante o povo Dano, / o capitão Geta fez cumprir sua jactância, / havia removido toda tristeza, / a ameaça

12. Evil menace (ameaça maligna): Grendel estaria para os Danos enquanto restrição social e individual: ele seria uma ameaça ao corpo e à mente, haja vista que, matando o monstro, Beowulf removeria “toda tristeza” dos Danos.

985 *Each spur on the hand of that heathen warrior*
 986 *was a terrible talon*¹¹⁹.

13. Heathen warrior (guerreiro pagão): enquanto condenado divino possuidor de um corpo monstruoso, Grendel era considerado uma criatura pagã; fato que estaria de acordo com a ideia de que o poema *Beowulf* poderia servir de instrumento para catequizar seus receptores, pois o monstro, este Outro a quem se deveria evitar, era pagão. O termo “guerreiro” seria um indicador de reconhecimento para com a criatura – pois Danos e Getas da narrativa são todos guerreiros.

1544 *She was down on this guest of hers and had drawn her knife,*
 1545 *broad, burnished of edge; for her boy was to be avenged,*
 1546 *her only son*¹²⁰.

14. Her boy (seu menino): por esses termos, é possível que o leitor simpatize com a revolta da mãe de Grendel. Igualmente presentes nas sociedades da narrativa, enquanto condições humanas, o sofrimento e a vingança (buscada pela mãe) *humanizariam* esses monstros; tal como o uso de eufemismos que, a sua maneira, esmoreceriam o monstruoso.

272 *You must know if indeed*
 273 *there is truth in what is told in Geatland,*
 274 *that among the Scyldings some enemy,*
 275 *an obscure assailant in the opaque night-times,*
 276 *makes spectacles of spoil and slaughter*
 277 *in hideous feud*¹²¹.

15. *Obscure assailant* (agressor obscuro): pelo excerto acima, é possível supor que o herói Beowulf não saberia exatamente que tipo de inimigo ele enfrentaria. Daí o uso de “obscuro”: algo que estaria coberto, quase imperceptível, sem a possibilidade de ser

maligna sob a qual Danos haviam vivido [...]”.

¹¹⁹ “Cada espora na mão daquele guerreiro pagão / era uma garra terrível”.

¹²⁰ “Ela estava atacando seu convidado e sacara uma faca, / larga, de fio polido; pois seu menino haveria de ser vingado, / seu único filho”.

¹²¹ “Você deve saber se de fato / há verdade no que tem sido relatado na terra Geta, / que entre os Scyldings um inimigo, / um agressor obscuro nas noites opacas, / faz espetáculos de ruína e massacre / em hedionda vendeta”.

visualizado em sua totalidade. Grendel seria uma figura que não estaria nítida para Beowulf, fato análogo ao que acontece nas perspectivas contemporâneas de monstro, devido à própria condição ininteligível dessas criaturas. Para “assailant”, *vide* denominação de número 11.

16. Troll (*troll*): designação evocada por Beowulf, indicando uma criatura sobrenatural. Do nórdico antigo, *troll*, significaria “gigante não pertencente à raça humana, espírito do mal, monstro”¹²². Presente no folclore escandinavo, os *trolls* são variadamente retratados enquanto gigantes ou anões, amigáveis ou perniciosos. Esses seres também poderiam ter poderes mágicos, tal como indicado no termo, também do nórdico antigo, *trolldomr*, isto é, magia, bruxaria.

957 *We willingly undertook this test of courage,*
958 *risked a match with the might of the stranger*¹²³.

17. Stranger (estranho): estrangeiro, desconhecido. Lutar contra o desconhecido configurar-se-ia como um teste de coragem. Este termo entraria em consonância com outros que indicariam, igualmente, uma figura obscura (*vide* epítetos 5 e 15). Esta denominação é, posteriormente, utilizada para definir o próprio Beowulf (l. 1521), dado que poderia equiparar monstro e herói num mesmo patamar, porém em posições opostas.

1664 *When the hour afforded, in that fight I slew*
1665 *the keepers of the hall*¹²⁴.

18. Keepers of the hall (defensores do salão): dita por Beowulf, a expressão refere-se ao salão dos monstros, tendo estes como defensores ou proprietários. Ao utilizar o substantivo “keeper” no plural, Beowulf dá a entender que é nesta luta que ele, finalmente, mata Grendel – o que não acontece de fato, pois este já estava morto.

19. Champions (combatentes): Beowulf, dirigindo o discurso a seu rei, Hygelac, definiria a si e ao monstro conjuntamente ao recordar a batalha no salão Heorot.

¹²² Tradução nossa. No texto-fonte: “Giant being not of the human race, evil spirit, monster”. Etimologia resgatada do *Online Etymology Dictionary*. Disponível em: <<http://www.etymonline.com/>>.

¹²³ “Voluntariamente, aceitamos esse teste de coragem, / arriscamos uma disputa com o poder do estrangeiro”.

¹²⁴ “Quando me foi permitido, matei, naquela luta, / os defensores do salão”.

2079 *Our friend's body was bolted down whole.*
 2080 *But the bloody-toothed slayer, bent on destruction [...]*¹²⁵.

20. Bloody-toothed slayer (assassino de mordedura sangrenta): essa denominação remete à atitude carnívora, mais especificamente, antropofágica de Grendel. Por ingerir corpos inteiros, “bloody-toothed” traria à baila uma imagem impactante desse monstro cujos dentes estão sempre encharcados de sangue.

935 *For all my counsellors this was a cruel sorrow,*
 936 *for none of them imagined they could mount a defence*
 937 *of the Scylding stronghold against such enemies,*
 938 *warlocks, demons!*¹²⁶

21. Warlocks (feiticeiros): a designação é evocada pelo rei Hrothgar junto a “enemies” e “demons”, todos indicativos de um mesmo grupo, porquanto estão encadeados entre si. O uso de plural, aqui, causa estranhamento, pois a mãe de Grendel ainda não aparecera na narrativa. Seria um indicativo, porém, de que o rei já saberia da existência de mais um monstro.

Wærloga, em inglês antigo, assinalaria um traidor e mentiroso, ou ainda um inimigo ou diabo. O termo é o mesmo que se apresenta em nórdico antigo: *wærloga* significa “oath-breaker”, aquele que quebra um juramento, que mente, que engana. Em torno do século XI, o termo seria aplicado especialmente para indicar o diabo, entretanto, gigantes e canibais também poderiam ser por ele designados.

Além das características aqui expostas, é possível considerar que, num aspecto social, Grendel seria, literalmente, um “oath-breaker” por não possuir um código de honra semelhante àquele dos guerreiros da narrativa que juravam lealdade aos seus senhores; a quebra deste juramento, porém, levaria a (longas) disputas (*vide* linhas 1017-1018, 1163-1164, 2062-2063 e 2166-2168).

Atualmente, o vocábulo “warlock” se refere a um homem que se afirma ou é popularmente creditado como um praticante de feitiçaria ou bruxaria. O fato de tal termo ser direcionado especificamente a homens indicaria que o rei Hrothgar, quem exprime a nomeação, acreditava ser Grendel o autor da mágica que o prevenia dos ataques pela espada (*vide* linhas 801-804). Haveria, portanto, um reconhecimento, por

¹²⁵ “O corpo de nosso amigo foi engolido por inteiro. / Mas o assassino de mordedura sangrenta, empenhado em destruição [...]”.

¹²⁶ “Para todos meus conselheiros esse foi um sofrimento cruel, / pois nenhum deles imaginava conseguir montar uma defesa / para o baluarte dos *Scyldings* contra tais inimigos, / bruxos, demônios!”

parte do rei, de que Grendel tinha domínio sobre magia, incapacitando os guerreiros de derrotá-lo.

1336 *He fell in that struggle*
 1337 *and forfeited his life; but now is followed by another*
 1338 *most powerful ravager*¹²⁷.

22. Most powerful *ravager* (devastador poderosíssimo): esta expressão, no contexto, cabe à mãe de Grendel. Entretanto, devido ao léxico “another”, enquanto um *segundo* devastador, compreendemos que a denominação cabe também ao monstro Grendel, pois ele seria o *primeiro a cumprir esta função dentro da narrativa*. Para “ravager” *vide* denominação de número 7.

1346 *[...] They have seen such a pair*
 1347 *of huge wayfarers haunting the moors,*
 1348 *otherworldly ones*¹²⁸.

23. Huge wayfarers (enormes viajantes): viajantes cuja locomoção ocorria principalmente a pé. O epíteto, evocado pelo rei Hrothgar para designar monstro e mãe, indicaria que não era do conhecimento dos camponeses que avistaram tais criaturas que elas haviam se estabelecido na região pantanosa. Não se trata de um nome pejorativo, porém a monstruosidade de Grendel e de sua mãe se manifesta no adjetivo “huge”, derivado do francês antigo para o inglês médio, significando enorme, imenso; com isso, as criaturas seriam “de outro mundo”.

Porque a tradução de Michael Alexander apresenta grande variedade de epítetos, optamos por analisar a construção do monstro Grendel por meio de grupos de designações que expõem aspectos semelhantes. Identificamos três grupos distintos: um que evidencia características agressivas, destruidoras, mortíferas; outro que traz à baila propriedades mágicas; e, ainda, um terceiro grupo, em que epítetos não-monstruosos são apresentados, podendo abrandar a figura do monstro.

No primeiro dos grupos acima descritos, de um modo geral, o monstro Grendel seria designado por suas atitudes perante os Danos: por apossar-se de seus corpos, destruir, pilhar, causar o mal e matar qualquer um que permanecesse no salão Heorot após o cair da noite. São nove os epítetos que assinalariam violência contra o corpo humano e, conseqüentemente,

¹²⁷ “Ele tombou naquela luta / abdicou de sua vida; mas agora é seguido por outro / devastador poderosíssimo”.

¹²⁸ “Eles haviam visto tal par / de enormes viajantes assombrando os brejos, / seres d’outro mundo”.

contra o corpo social: “upholder of evils” (8. sustentante de malefícios), “evil menace” (12. ameaça maligna) “*assailant*” (11. agressor) e “obscure *assailant*” (15. agressor obscuro) indicariam como Grendel manteria o mal em evidência, restringindo, por suas agressões, a estrutura social Danesa. “Spoiler” (6. saqueador), “*ravager*” (7. devastador) e “most powerful ravager” (22. devastador poderosíssimo), por sua vez, anunciam como os saques, as devastações de Grendel tinham por finalidade o corpo dos guerreiros; tal como “bloody-toothed slayer” (20. assassino de mordedura sangrenta) determina seu caráter antropofágico e “deadly guest” (10. convidado mortal), a morte.

O grupo indicador de características mágicas configurar-se-ia por três epítetos: “hell's familiar” (4. espírito infernal), “troll” (16) e “warlocks” (21. feiticeiros), cada um deles mencionado por uma personagem diferente. Na primeira expressão, Grendel seria um animal ou demônio subordinado do inferno responsável por fazer um elo entre o mundo natural e o sobrenatural. Em conformidade com o fato de que monstros, em sua hibridez, habitariam o intervalo existente entre os limites de um reino e outro, o “familiar” teria a habilidade de caminhar entre esses reinos, ser em um e em outro.

“Troll” (16), por sua vez não envolve necessariamente atributos mágicos. A designação poderia convergir com as características corpóreas do monstro Grendel, como seu gigantismo. Entretanto, dentro da narrativa, Grendel se utiliza de magia para não ser atingido pelas lâminas dos guerreiros (l. 801-804) e, além disso, seu próprio grito tem propriedades mágicas, visto que incitava medo em quem quer que o ouvisse (l. 782-788). Dessarte, poderíamos considerar que Grendel compreenderia em si também a sobrenaturalidade mágica dos *trolls*.

O termo mais significativo desse grupo, a nosso ver, é “warlocks” (21. feiticeiros). Ainda que significando inimigo ou diabo, atualmente, esse léxico expõe, forçosamente, um indivíduo masculino praticante de magia. Pelos nomes substantivos, portanto, a tradução de Michael Alexander, em comparação com as demais de nosso *corpus*, é a que mais imbui o monstro Grendel de qualidades sobrenaturais mágicas.

Por último, seriam onze as nomeações que nada ou pouco implicam em algo monstruoso. Em quatro delas, “new hall-thane” (2. novo guerreiro do salão), “ruler” (3. governante), “claimants to Heorot” (9. reivindicantes de Heorot) e “champions” (19. combatentes), há implicação de oposição social e disputa por território entre os dois lutadores; dado que Grendel seria um guerreiro – “heathen warrior” (13. guerreiro pagão) – tal qual o herói Beowulf.

Das demais denominações, apenas “the walker in the night” (5. o caminhante à noite) e “huge wayfarers” (23. enormes viajantes) trazem à baila particularidades monstruosas. “Unhappy being” (1. ser infeliz), “her boy” (14. seu menino), “stranger” (17. estranho ou estrangeiro) e “keepers of the hall” (18. defensores do salão) são termos que poderiam ser utilizados em qualquer outro contexto que não o monstruoso; vale lembrar que “stranger” denomina também o herói (l. 1521).

Dos nomes substantivos exclusivos da tradução de Alexander Grendel é construído enquanto indivíduo destruidor e assassino, mas que possui, em contrapartida, um lado passível de ser concebido como “humanizado”. O leitor poderia simpatizar mais intensamente com o monstro Grendel desta tradução do que com o da de Raffel, por exemplo. Muito de nossa interpretação do Grendel aqui exposto é resultado do uso de eufemismos, principalmente pelos termos “*unhappy*” (l. 103), infeliz e “*unlovely*” (l. 433), desamado.

Ademais, os três epítetos que atribuiriam a Grendel características mágicas o tornariam um monstro mais arcaico e inteligente com capacidade para manejar forças da natureza. Sob esta perspectiva, é possível considerar que o monstro fosse fiel a um paganismo que, aos poucos, foi sendo suprimido pela religião cristã. A construção do monstro Grendel, dessa maneira, poderia ter intenção de torná-lo parte integrante da transição religiosa detectada no poema.

3.2.3 Epítetos exclusivos à tradução de Seamus Heaney

Tabela 13 – Epítetos exclusivos à tradução de Seamus Heaney (2000)

Locutor	Nomeações	Tradução nossa
Narrador	1. prowler (l. 86) 2. God-cursed <i>brute</i> (l. 121) 3. hall-watcher (l. 142) 4. reavers from hell (l. 162) 5. shadow-stalker (l. 703) 6. bane of the race of men (l. 712) 7. captain of evil (l. 749) 8. dread of the land (l. 761) 9. terror-monger (l. 765) 10. contenders (l. 769) 11. loser (l. 786) 12. hell-serf (l. 786) 13. [Beowulf's] caller (l. 791) 14. heathen <i>brute</i> (l. 985) 15. banished (l. 1267) 16. accursed (l. 1267) 17. hell- <i>brute</i> (l. 1274) 18. her only child (l. 1547) 19. casualty (l. 1587)	1. gatuno 2. <i>bruto</i> amaldiçoado por Deus 3. sentinela do salão 4. salteadores do inferno 5. tocaieiro das sombras 6. ruína da raça dos homens 7. capitão do mal 8. pavor da região 9. mercador de terror 10. contendor 11. perdedor 12. servo infernal 13. invocador de Beowulf 14. <i>bruto</i> pagão 15. exilado 16. amaldiçoado 17. <i>bruto</i> do inferno 18. seu filho único 19. casualidade
Beowulf	20. threat (l. 274) 21. danger (l. 275) 22. corpse-maker (l. 276) 23. unknown (l. 959) 24. dwellers (l. 1666) 25. <i>terror</i> of those twilights (l. 2074) 26. <i>terror</i> of the land (l. 2094)	20. ameaça 21. perigo 22. fazedor de cadáver 23. desconhecido 24. moradores 25. <i>terror</i> daqueles crepúsculos 26. <i>terror</i> da região
Hrothgar	27. her kinsman (l. 1340) 28. these things (l. 1349) 29. unnatural birth (l. 1353)	27. seu parente 28. essas coisas 29. descendente contranatural

86 *Then a powerful demon, a prowler through the dark,*
87 *nursed a hard grievance*¹²⁹.

1. Prowler (gatuno): aquele que caminha à espreita, em busca de bens para pilhar ou caçando uma presa. “Prowler” teria sentido de saqueador e predador. Este último léxico atribuiria animalidade¹³⁰ à criatura Grendel que se movimentaria através das sombras, sendo por elas acobertado.

120 *[...] Suddenly then*
121 *the God-cursed brute was creating havoc*¹³¹.

2. God-cursed *brute* (bruto amaldiçoado por Deus): o vocábulo “brute” remete a algo intocado pelo homem, como existe verdadeiramente em seu estado natural; podendo, também, implicar algo irracional, violento e/ou grosseiro. Grendel seria, neste contexto, um animal outro que o ser humano, uma besta. A brutalidade de Grendel, no contexto narrativo, está em consonância com sua atitude impulsiva, repentina (“suddenly”), de atacar os guerreiros Danos que, no momento, dormiam no salão. O adjetivo “God-cursed” faz referência à condenação dos monstros integrantes do “clã de Caim” (*vide* linhas 104-107); é por este termo que se estabelece, portanto, o parentesco de Grendel com o fratricida.
3. Hall-watcher (sentinela do salão): nomeação que incute a dominação constante de Grendel sobre o salão Heorot, concebido enquanto ambiente político, cultural e religioso. A posse de Grendel sobre Heorot é interpretada por Seamus Heaney como uma representação do medo da morada sitiada (2000, p. xii). Mais que isto, porém, Grendel poderia significar o desvio ou a imposição de valores e costumes contrários aos Danos – que eram reforçados no salão.

162 *[...] Nobody knows*
163 *where these reavers from hell roam on their errands*¹³².

¹²⁹ “Então um poderoso demônio, um gatuno através da escuridão, / nutriu um ressentimento intenso, resistente”.

¹³⁰ No dicionário eletrônico Houaiss: “conjunto de atributos que caracterizam os animais irracionais e a parte instintiva do homem; bestialidade, brutalidade”.

¹³¹ “Então, repentinamente, / o bruto por Deus amaldiçoado estava criando caos”.

¹³² “[...] Ninguém sabe / por onde esses salteadores do inferno vagam em suas empreitadas”.

4. Reavers from hell (salteadores do inferno): alguém que se apossa, violentamente, de algo. Pelo contexto, interpretamos que os lugares pelos quais esses salteadores andavam eram desconhecidos. Essa designação encontra-se em conformidade com o que expomos na nomeação de número 1.

702 *Then out of the night*
703 *came the shadow-stalker, stealthy and swift*¹³³.

5. Shadow-stalker (tocaieiro das sombras): quem caça e persegue pelas sombras, cautelosa e rapidamente. Aqui referenciada pelos léxicos “night” e “shadow”, a escuridão, onde as coisas são imperceptíveis, era o habitat do monstro. “Shadow-stalker” incute, em Grendel, características furtivas que poderiam ser também interpretadas enquanto atributos animais. Esse epíteto é similar aos de número 1 e 4.

712 *The bane of the race of men roamed forth,*
713 *hunting for a prey in the high hall*¹³⁴.

6. Bane of the race of men (ruína da raça dos homens): em inglês antigo, o termo “bane”, *bana*, referir-se-ia a um assassino; tanto que no sentido da palavra, em inglês moderno, permanece uma causa de ferimento físico ou morte. A ruína dos homens poderia, aqui, ser literal e figurada: Grendel traria devastação física e degradação moral. No contexto em que é expresso, a criatura avança para o salão, novamente, caçando por uma presa.

749 *The captain of evil discovered himself*
750 *in a handgrip harder than anything*¹³⁵.

7. Captain of evil (capitão do mal): por estes termos, Grendel é colocado numa posição de liderança, ele comandaria o mal sobre a sociedade. Neste posto de autoridade, o monstro poderia ter se surpreendido com a forte retaliação do herói.

760 [...] *The monster back-tracking, the man overpowering.*
761 *The dread of the land was desperate to escape [...]*¹³⁶.

¹³³ “Então, da noite, / veio o tocaieiro das sombras, furtivo e veloz”.

¹³⁴ “A ruína da raça dos homens avançou, / caçando uma presa no grande salão”.

¹³⁵ “O capitão do mal descobriu-se / sob o punho mais forte de todos”.

¹³⁶ “O monstro retrocedendo, o homem predominando. / O pavor da região estava desesperado para escapar”.

8. Dread of the land (pavor da região): entendemos que a manifestação de Grendel se dava apenas na região dos Danos. Assim que é capturado, Grendel tenta se soltar. Não conseguindo, aquele que antes era motivo de pavor estava, agora, desesperado para escapar. É um ponto de inflexão na narrativa.
9. Terror-monger (mercador de terror): “monger” do inglês antigo, *mangere*, significaria mercador, comerciante, agente intermediário entre produto e cliente. A figura de um “terror-monger”, porém, implica no efeito de uma ação *imposta* ao receptor. Os Danos, no caso, não teriam como conter as investidas de Grendel. Nesse sentido, forçosamente, o monstro disseminava terror por onde passava.
10. Contenders (contendor): herói e monstro, em sua disputa, são indicados sob o mesmo nome equivalente a “competidores”, “adversários”.

786 [...] *The howl of the loser, the lament of the hell-serf*
787 *keening his wound*¹³⁷.

11. Loser (perdedor): Grendel perde a disputa contra o herói; e uiva, reconhecendo sua lesão. Curiosamente, o termo “loser”, do inglês antigo, *los*, “destruição”, “perda”, significaria, em vez de “aquele que perde”, “aquele que destrói”, “que faz perder”. Ambas as interpretações caberiam neste contexto: Grendel destruiu e foi também destruído.
12. Hell-serf (servo infernal): sob estes termos, Grendel não servia a si próprio, mas às incumbências infernais. Tal designação implicaria no fato de que o monstro seria um ser maligno, por servir ao inferno, porém ele o fazia por obrigação. Similar a esta nomeação, temos a de número 3 na tradução de Burton Raffel (página 82 deste trabalho).
Gradativamente, Grendel perde sua autoridade enquanto “captain of evil”, sendo denominado em associação com Beowulf em “contenders”, porém ele sofre reduções ainda maiores, dado que a força monstruosa do herói era superior a sua. Similar ao que

¹³⁷ “[...] O uivo do perdedor, o lamento do servo infernal / lastimando seu ferimento”.

temos na tradução de Alexander (*vide* seu termo de número 10, página 88), Grendel passa de “captain” a “loser” e, então, a “serf”.

13. [Beowulf's] caller (invocador de Beowulf): Grendel teria atraído o herói para as terras Danesas, pois este buscava fama e glória enquanto matador de monstros.

983 *Every nail,*
 984 *claw-scale and spur, every spike*
 985 *and welt on the hand of that heathen brute*
 986 *was like barbed steel*¹³⁸.

14. Heathen brute (bruto pagão): novamente, Grendel é denominado “bruto” (*vide* nomeação de número 2). Aqui a brutalidade, enquanto forma pura da natureza, é manifesta na descrição de seu corpo; que não era nem humano, nem divino, pois Grendel era pagão (para esta última particularidade, *vide* epíteto de número 13 na tradução de Alexander, página 89 desta pesquisa).

15. Banished (exilado): uma das circunstâncias que torna Grendel um monstro é o fato de ele ter sido expulso por Deus pela sua descendência. Se o monstro era um “servo infernal”, tal qual exposto no epíteto de número 12, ele o era desde sua criação, não podendo (ou conseguindo) agir de outra forma. É possível, então, pensar que não se torna monstro, se nasce. Todos os monstros que brotaram de Caim, sob esta noção, seriam exilados divinos *a priori* (l. 105 e 110-111).

16. Accursed (amaldiçoado): as criaturas que brotaram da maldição do exílio de Caim (l. 111) foram, além de exiladas, excomungadas, amaldiçoadas. Daí outro fator para serem elas monstruosas.

17. Hell-brute (bruto do inferno): essa designação une aspectos animais e infernais. Grendel, enquanto monstro, seria um ser limiar, não habitando totalmente nenhum dos reinos possíveis, sendo eles: o humano, o animal e o sobrenatural. Possuindo particularidades e desvios dos três, ele representaria, ao mesmo tempo, um “excesso” (indefinível pelas muitas características) e uma “falta” (indefinível também por não pertencer a lugar algum ou a um não-lugar).

¹³⁸ “Toda unha, / garra escamada e espora, toda crista / e espinho da mão daquele bruto pagão / era como aço farpado”.

18. Her only child (seu filho único): quando da disputa entre o herói Beowulf e Grendel, o tradutor, por meio do narrador, expõe o desejo desse ser materno de tirar desforra de sua única cria. Após o ataque da mãe-monstro, que assassina um conselheiro do rei, o próprio herói aconselha Hrothgar de que “é sempre melhor desagravar entes queridos do que ceder ao luto”¹³⁹ (Heaney, 2000, l. 1384-1385).

1585 *[...] He saw the monster*
 1586 *in his resting place, war-weary and wrecked,*
 1587 *a lifeless corpse, a casualty*
 1588 *of the battle in Heorot*¹⁴⁰.

19. Casualty (casualidade): à posterior derrota dos dois monstros, mãe e filho, Seamus Heaney abrandava as condições robustas sob as quais Grendel e seus ataques são descritos. Corroborando com a queda da figuração monstruosa (*vide* epíteto de número 12), enquanto cadáver, Grendel seria meramente uma eventualidade da batalha em Heorot.

273 *So tell us if what we have heard is true*
 274 *about this threat, whatever it is,*
 275 *this danger abroad in the dark nights,*
 276 *this corpse-maker mongering death [...]*¹⁴¹.

20. Threat (ameaça): iniciando os termos exclusivos deste texto-alvo evocados pelo herói, o tradutor apresenta o monstro Grendel enquanto uma ameaça, um perigo ainda desconhecido de Beowulf.

21. Danger (perigo): este léxico, em seu contexto, indicaria, por meio de “abroad” (l. 275), um perigo que estaria afastado de casa, propagado em múltiplas direções. Ao tomar lugar durante a noite, a escuridão obstruía toda visibilidade, o que findava por abalar as faculdades mentais.

22. Corpse-maker (fazedor de cadáver): “este fazedor de corpos, semeando morte” (l. 274-276) revelaria a morte enquanto máxima representação do mal que Grendel poderia

¹³⁹ Tradução nossa. No texto-fonte: “It is always better / to avenge dear ones than to indulge in mourning”.

¹⁴⁰ “[...] Ele viu o monstro / em seu lugar de descanso, desgastado e destruído pela guerra, / um cadáver sem vida, uma casualidade / da batalha em Heorot”.

¹⁴¹ “Então, diga-nos se o que ouvimos é verdade / sobre esta ameaça, qualquer que seja, / este perigo amplo nas noites escuras, / este fazedor de corpos, semeando morte [...]”.

incutir. Disseminar morte seria homólogo a espalhar o medo (*vide* epíteto de número 9).

23. Unknown (desconhecido): o tradutor admite, pela voz do herói, que o monstro se trataria de algo estranho, desconhecido por excelência, visto que, no momento de tal nomeação, a criatura Grendel já havia sido enfrentada e derrotada. Dessa maneira, mesmo após o encontro com o monstruoso, ele permanece, ainda, algo sobre o qual não se tem (quase) nenhum conhecimento.

1665 *Then my moment came in the combat and I struck*
1666 *the dwellers in that den*¹⁴².

24. Dwellers (moradores): este vocábulo isolado não apresenta aspectos monstruosos. Os moradores, porém, habitam num “den”, termo cuja significação em inglês antigo (*denn*) permaneceria nos dias atuais. A morada dessas criaturas se configura, portanto, num covil de animais selvagens.

2072 *After heaven's gem*
2073 *had gone mildly to earth, that maddened spirit,*
2074 *the terror of those twilights, came to attack us*¹⁴³.

25. *Terror of those twilights* (*terror* daqueles crepúsculos): o monstro Grendel intimidaria os indivíduos ao cair da noite, momento que, para estes, seria motivo de medo e pânico. A narrativa deixa isto claro desde o princípio, quando menciona que os homens estavam buscando camas mais seguras para dormir, longe de Heorot (l. 138-140).

26. *Terror of the land* (*terror* da região): por estes termos, a criatura Grendel incutia terror apenas no terreno em que viviam os Danos. Esta nomeação é similar àquela analisada sob o número 8.

1339 *[...] This force for evil*
1340 *driven to avenge her kinsman's death*¹⁴⁴.

¹⁴² “Daí veio meu momento no combate e eu golpeei / os moradores daquele covil”.

¹⁴³ “Depois que a gema do céu / havia, suavemente, ido à terra, aquele espírito enlouquecido, / o terror daqueles crepúsculos, veio atacar-nos”.

¹⁴⁴ “Esta força do mal, / impulsionada a vingar a morte de seu parente”.

27. Her kinsman (seu parente): a relação entre mãe e filho é, novamente, perceptível num contexto que traz à baila o propósito vingativo promovido pela morte deste último.

1347 *They have seen two such creatures*
 1348 *prowling the moors, huge marauders*
 1349 *from some other world. One of these things [...]*¹⁴⁵.

28. These things (essas coisas): o léxico “thing” poderia remeter a entidade, ser, objeto, algo que não se consegue nomear especificamente. Possivelmente de sentido(s) mais abrangente(s) do que aquele(s) suscitado(s) pelo vocábulo “monstro”, “coisa” quase nada significa fora de um contexto. Aqui, “as coisas” concerniam a Grendel e sua mãe que o tradutor, através do rei Hrothgar, nomearia consoante uma função anafórica a “criaturas” e “saqueadores”.

29. Unnatural birth (descendente contranatural): “birth”, do inglês antigo, *gebyrd*, denotaria nascimento, descendente, raça, natureza, e, ainda, destino. Aqui, o fato de Grendel pertencer à prole que, descendendo de Caim, havia sido excomungada por Deus, revelaria seu destino monstruoso *a priori*. Grendel, desse modo, não se torna monstro por escolha e, igualmente, não é o único descendente contranatural; mas um de vários.

O vocábulo “unnatural” é consoante a noção de monstro que se apresenta enquanto desvio das leis da natureza. Dentro da concepção cristã medieval, entretanto, o monstro contranatural (condicionado a tal pelo próprio Deus) pertenceria à natureza enquanto forma estruturante na visão dualística cristã. Logo, podemos interpretar que a desnaturalidade monstruosa entraria em harmonia paradoxal com o natural.

Em consonância com o modo pelo qual analisamos os estranhamentos apresentados pelos epítetos da tradução de Michael Alexander, fecharemos a análise das nomeações trazidas por Seamus Heaney através de grupos de designações de sentidos similares. A princípio, encontramos dificuldades não apenas pelo grande número de variantes nominais, mas principalmente pelos sentidos nelas percebidos, os quais, diferentemente dos três grupos trabalhados em Alexander, estão em maior quantidade.

Identificamos, desse modo, cinco grupos distintos de termos: (a) os que trazem à baila a noção de algo ignoto; (b) os que indicam temor e, por extensão, a morte; (c) os que imputam

¹⁴⁵ “Eles haviam visto duas criaturas assim, caçando nos pântanos, enormes saqueadores / de algum outro mundo. Uma dessas coisas [...]”.

no monstro uma maldição divina; (d) os que informam acerca de atributos animais e, por último, (e) aqueles que amenizariam, em parte, a figura monstruosa.

(a) Seguindo a ordem supracitada, iniciamos pelos termos que imputariam mistério à figura monstruosa: “unknown” (23. desconhecido) e “these things” (28. essas coisas). Em contraste com múltiplos seres existentes aos quais o homem já estaria familiarizado, o monstruoso, ao apresentar vários atributos concomitantes, despertaria assombro aos olhos humanos. Incapazes, portanto, de definir o monstruoso, este seria, ainda, desconhecido.

(b) Os epítetos indicativos de temor e de morte configuram-se em: “bane of the race of men” (6. ruína da raça dos homens), “captain of evil” (7. capitão do mal), “dread of the land” (8. pavor da região), “terror-monger” (9. mercador de terror), “threat” (20. ameaça), “danger” (21. perigo), “corpse-maker” (22. fazedor de cadáver), “*terror of those twilights*” (25. terror daqueles crepúsculos) e “*terror of the land*” (26. terror da região). Por esses termos, entendemos que a (sensação de) ameaça proveniente dos ataques mortíferos de Grendel se daria apenas na região dos Danos, e o indício de que algo nocivo poderia acontecer era suscitado com o cair da noite.

Por extensão a esses epítetos, “[Beowulf’s] caller” (13. invocador de Beowulf) indicaria como a criatura monstruosa e assassina teria atraído, através das histórias relatadas, a atenção do herói.

(c) As designações de uma maldição proveniente de Deus seriam: “banished” (15. exilado), “accursed” (16. amaldiçoado) e “unnatural birth” (29. descendente contranatural), mais o adjetivo “God-cursed” (2. amaldiçoado por Deus). Somamos, aqui, o epíteto “hell-serf” (12. servo infernal) que pode, outrossim, referir-se a essa noção. Com exceção desta última denominação, todas as outras fazem referência à maldição de Caim, construindo a monstruosidade de Grendel por meio de um julgamento prévio, com base em sua descendência, impedindo-o de revestir-se de características outras.

O termo “hell-serf” (12) daria, também, essa conotação de Grendel ser subordinado a algo que não ele mesmo, isto é, subjugado a um poder incontrolável. A falta de liberdade da criatura seria um indicativo de sua monstruosidade *a priori*, mas também seria um indício de que, em outras circunstâncias, o monstro poderia agir de maneira diversa.

Se entendemos que foi a maldição divina que criou monstros, os epítetos aqui expostos indicam, não uma oposição do monstro para com o divino (como apresentado na

tradução de Burton Raffel), mas um caráter antagônico imposto pelo próprio Deus através de sua imprecisão.

- (d) Epítetos que assinalam características animais seguem-se: “prowler” (1. gatuno), “God-cursed brute” (2. bruto amaldiçoado por Deus), “reavers from hell” (4. salteadores do inferno), “shadow-stalker” (5. tocaieiro das sombras), “heathen brute” (14. bruto pagão), “hell-brute” (17. bruto do inferno) e “dwellers in that den” (24. moradores daquele covil). Dentro desses termos, é possível identificar nos de número 1, 4 e 5 uma ação furtiva, predatória. As três denominações estão em harmonia com a escuridão ou as sombras, de modo que seria através delas que o monstro caçaria suas presas, pilhando-as para sua refeição.

O nome “brute”, em suas três recorrências, vem precedido de características infernais. Esse termo indicaria qualquer animal outro que o ser humano; algo, portanto, irracional, selvagem. Dessarte, o monstro Grendel seria tido como um animal originado no inferno, pois, tendo particularidades sobrenaturais, ele não poderia ser um animal comum.

Somamos a essa categoria a expressão “dwellers in that den” (24. moradores daquele covil), pois tal habitação é um espaço designado para animais ferozes. Outra tradução possível para esse termo seria “antro”: gruta natural, profunda e escura, geralmente servindo de abrigo a feras.

- (e) Por último, identificamos na tradução de Seamus Heaney alguns nomes que abrandariam, a sua maneira, a figura monstruosa. Desses, os dois que assinalam parentesco, “her only child” (18. seu filho único) e “her kinsman” (27. seu parente), qualificariam a relação entre mãe e filho na medida em que o monstro maternal objetiva desafrontá-lo. Sendo a vingança um fato recorrente também na esfera dita civilizada da narrativa, a mãe-monstro representaria uma característica humana, sentimental, passível de comover o leitor defronte seu sofrimento.

Os epítetos “hall-watcher” (3. sentinela do salão), “contenders” (10. contendores), “loser” (11. perdedor) e “casualty” (19. casualidade), por outro lado, rebaixariam a figura monstruosa consoante um aspecto humilhante. De um patamar de igualdade com o herói, o vigor monstruoso é aviltado quando da sua perda e, posteriormente, o corpo da criatura é concebido meramente como uma casualidade, um resultado de seu destino.

Nas palavras de Seamus Heaney, monstro e mãe seriam “[...] criaturas do mundo físico”¹⁴⁶. De fato, seu texto-alvo apresenta-nos um monstro mais animalesco e infernal que os demais. Entretanto, esta última característica não se deve apenas por suas atitudes, mas principalmente por sua condição enquanto descendente de Caim e, conseqüentemente, ser uma criatura banida e amaldiçoada pelo divino. O monstro Grendel, assim, não teria outra escolha a não ser atuar consoante a natureza que Deus lhe incutiu. Soma-se a isso as particularidades animalescas atribuídas e configuraríamos, portanto, um monstro que agiria de acordo com sua natureza e seus instintos, perseguindo homens pelas sombras da noite.

Os nomes comuns dentre as três traduções, apresentados no capítulo anterior, nos permitem pensar que a alteridade de Grendel se conserva, por ser ele uma monstruosidade necessária dentro do contexto narrativo. Porém, pelos epítetos exclusivos a cada texto-alvo, concluímos que a essa criatura seriam concedidos aspectos que a diversificariam na comparação de uma (re)criação com outra. Consoante o que explanamos previamente, acerca do ato tradutório, o monstro aqui analisado seria imbuído de qualidades singulares mediante a subjetividade dos atores da tradução.

Partindo-se de uma concepção social de monstro, as alteridades apresentadas, divergentes entre si, modificariam o monstruoso e a própria estrutura simbólica da sociedade narrativa que o nomeia. Haja vista que as descrições contidas nos nomes substantivos implicam em diferentes perspectivas do que seria considerado um ser-Outro monstruoso em contraste com o Mesmo normativo. O que se apresenta ao leitor, pelo poema, seria, portanto, o efeito pretendido (*Intentio*) percebido na criatura Grendel pelo tradutor; dado que resultaria do que o próprio tradutor interpretou e depreendeu como monstruoso a partir do contexto narrativo do texto-fonte.

Em Burton Raffel (1963), o monstruoso consistiria em oposições sociais, morais e religiosas, realçando da criatura seu contraste com o divino enquanto personificação do mal e, logo, imoral. Na sociedade narrativa, o monstro teria como intenção representar o não-caminho, um indicativo antagônico do modo pelo qual os indivíduos deveriam agir para que eles mesmos se inserissem na cultura.

Na tradução de Michael Alexander (1973), são os aspectos sobrenaturais e mágicos que mais se destacam na construção monstruosa. Seu monstro poderia significar, para o leitor, que a sociedade da narrativa, provavelmente determinada segundo um poeta cristão, desprezaria bruxarias e feitiços pagãos. Por outro lado, as divergências nominais dessa tradução apresentam maior número de designações “humanizadoras”, que refletem muito

¹⁴⁶ Tradução nossa. No texto-fonte: “[...] creatures of the physical world” (2000, p. xviii).

pouco da monstrosidade. A criatura Grendel configurar-se-ia, assim, num ser limiar, habitante do intervalo existente entre o considerado humano e o sobrenatural. O não-caminho, intencionado pelo monstro, dar-se-ia, portanto, não só pelas atitudes agressivas e assassinas, mas também pela magia; fator que, consoante o que divisamos historicamente, era alvo de represálias cristãs.

Seamus Heaney (2000), apresenta em seu texto-alvo, principalmente, as características animais e malditas da criatura; considerando que o exílio e a condenação predeterminados, decorrentes da descendência de Caim, estão evidenciados por seus epítetos exclusivos. O monstruoso, aqui, poderia constituir um ser bestial, irracional, que agiria por instinto ou, ainda, por encargo infernal. Pode-se conjecturar, portanto, sobre uma ausência de livre-arbítrio: o monstro Grendel não teria escolha a não ser atacar os Danos; e isso se daria ou pela sua irracionalidade ou pela sua servidão ao inferno. A intenção aqui exposta parece não considerar um contexto social, mas sim um âmbito estritamente religioso, em que as forças divinas e infernais, cada qual com seus guerreiros (o herói e o monstro), combateriam (pelo poder) sobre a terra.

A recriação e sobrevida textual são aparentes e, também, responsáveis por apresentar diferentes modos de se pensar, conceber e atribuir uma intenção a uma mesma personagem. Uma vez que analisamos, aqui, o monstruoso, o indefinível, o ininteligível, podemos conjecturar que, para a (re)construção da alteridade monstruosa, não haveria limites. O monstro Grendel, assim sendo, mostrar-se-ia um *outro* de si mesmo a cada texto-alvo, complementado em sua monstrosidade a cada nova leitura e interpretação. A monstrosidade, enquanto fruto do ato tradutório, revelaria, portanto, as diversas possibilidades de se apreender um mesmo texto e, por conseguinte, também expandir o conhecimento sobre ele consoante as diversas perspectivas trazidas à baila pelas subjetividades dos indivíduos.

CONCLUSÃO

Trabalhamos, aqui, com algumas contingências sobre as quais a figura monstruosa de Grendel, em *Beowulf*, seria capaz de apresentar-se como uma outra de si própria, consoante as diversas perspectivas e leituras que, sobre ela, podem ser lançadas. Foram três as traduções (enquanto leituras e perspectivas) aqui abordadas: a de Burton Raffel (1963), a de Michael Alexander (1973) e a de Seamus Heaney (2000).

Transitando por concepções monstruosas e noções acerca de linguagem, nomes e identidade para, então, atingirmos o nível tradutório, resta-nos asserir que, mesmo nas perspectivas aqui empregadas, o monstruoso não se esgota. Suas origens, funções e suscitações são as mais diversas, de modo que não podem ser restritas. Além disso, como sociedade, linguagem e tradução são baseadas em fatores culturais contingentes e na subjetividade de cada indivíduo, nossa pesquisa se mostra apenas uma das infinitas formas de pensamento que podem se manifestar através das ciências humanas.

Nossa abordagem baseou-se, no primeiro capítulo, em possíveis concepções monstruosas a partir de considerações sócio-históricas do período medieval e da contemporaneidade. Destacamos delas que o monstruoso está em constante devir, ressignificando-se através do espaço-tempo, da cultura e das crenças sob as quais ele está passível de influência. Partindo-se da personagem Grendel, percebemos que, no medievalismo pagão, o monstro estaria em harmonia com a natureza na medida em que receberia dela ou, mais especificamente, do espaço que nela ocupava, suas origens e atribuições. Com o advento do cristianismo, monstros – e, por conseguinte, Grendel – eram vistos, se não em forma de presságio, como seres similares a demônios. De qualquer maneira, eles manteriam sua existência no cosmos por serem criaturas geradas de maldição divina e, igualmente, por pertencerem ao equilíbrio da visão dualista pregada pela religião.

Na contemporaneidade, o monstro se manifesta enquanto inflexão da lei e da moral de determinada cultura, podendo, outrossim, representar um Outro humano; haja vista que o homem se vale de seres monstruosos enquanto espécie de instrumento para afirmar sua própria humanidade. Mesmo que o monstruoso habite, hoje, o reino do imaginário, é ainda possível pensar o indivíduo e a sociedade a qual ele pertence por meio de suas criações monstruosas. Dessa maneira, optamos por abordar a criatura Grendel, principalmente, a partir dos desvios religiosos, sociais e morais que ela cometia perante a sociedade representada na narrativa.

Vimos necessário, então, explanar acerca dessa sociedade a fim de compreendermos quais desvios monstruosos da personagem Grendel poderiam se desenrolar. Posteriormente, ainda sob uma abordagem social, analisamos o discurso do poema consoante reflexões a respeito da filosofia da linguagem. Pois, enquanto sistema simbólico estruturado e estruturante de uma forma específica de conceber o mundo, a linguagem, por meio de nomeações, seria responsável por delimitar, caracterizar e classificar indivíduos, seres, objetos, fenômenos, etc., dentro da estrutura simbólica que regeria um contexto social específico.

As escolhas lexicais dos tradutores são, então, tomadas a partir dos nomes presentes na estrutura da língua para qual eles traduzem. Nessa seleção de vocabulário, concebemos o resultado da tradução como uma das diversas formas de manifestação da leitura, da interpretação e da recriação do texto-fonte pelo tradutor. Seria, portanto, através da abordagem tradutória deste e de suas escolhas enquanto (re)criador que poderíamos perceber as possíveis ressignificações de personagens e obras ao longo do tempo. O tradutor, enquanto sujeito de um período e cultura específicos, traz à baila o espírito de seu tempo traduzido junto a seu texto-alvo. Neste sentido seria relevante prospectar não apenas acerca do contexto da tradução, mas também acerca da vida do tradutor, sendo esta a base de seu posicionamento de mundo, sua ideologia e sua subjetivação.

No nosso caso, quando optamos por investigar e comparar as denominações monstruosas em diferentes traduções contemporâneas do poema *Beowulf*, tínhamos apenas uma vaga noção da forma pela qual a linguagem seria, através das opções tradutórias, capaz de modificar a alteridade do monstro Grendel e, dessarte, os efeitos de sua recepção pelo leitor. No decorrer de nossa pesquisa, entretanto, encontramos a via para investigar nossa ideia inicial nos estranhamentos trazidos à baila pelos nomes substantivos exclusivos de cada tradução. Isto é, epítetos que, direcionados à personagem Grendel, são citados em uma tradução, mas não nas outras. Por meio deles, compreendemos que o ato tradutório é capaz de manifestar o quão diversas podem ser as leituras de um mesmo texto-fonte a partir da interpretação, do conhecimento prévio, da ideologia e da biblioteca literária do leitor; fato que é especialmente intensificado quando temos presente uma figura monstruosa.

Outras perspectivas teóricas poderiam nos fazer pensar os dados obtidos sob diferentes esferas, de forma que a investigação social e filosófica dos nomes não intenta um desenlace final acerca da construção monstruosa de Grendel. Fato especialmente comprovado quando tratamos do monstruoso, que é um excesso de traços presentes numa mesma forma. No caso de Grendel, poder-se-ia dizer que ele representa, em verdade, um excesso de léxicos que, por

suas contingências, nos faz perceber o monstro de uma maneira diferente a cada leitura, pois são muitas as diversidades expostas. Analogamente ao que Walter Benjamin expõe acerca da tradução, concluímos, então, que somos capazes de perceber o monstro, a cada leitura, da mesma maneira que uma tangente toca um círculo, ou seja, num único ponto. Todo novo *ponto*, portanto, só tende a enriquecer nossa limitada compreensão do monstruoso.

O texto e o monstruoso apresentam-se, então, como dois elementos que, quanto mais *consumidos*, mais se complementam. Uma vez que não há tradução perfeita (uma imagem-cópia do texto-fonte), existem, sim, traduções possíveis que nos permitiriam pensar a obra *Beowulf* e o monstro Grendel sob novas perspectivas. A partir do que analisamos de nosso corte analítico, Burton Raffel (1963) apresenta nomes que suscitariam em Grendel um monstro maligno que se encontra em *oposição* principalmente em relação ao divino. Em Michael Alexander (1973), as características divergentes em destaque são aquelas que atribuem à criatura Grendel aspectos mágicos. Ao passo que, em Seamus Heaney (2000), percebemos a construção de um monstro com particularidades animais e que agiria de acordo com sua natureza e seus instintos impostos pela sua condição monstruosa de amaldiçoado divino.

Considerando tais interpretações e construções da alteridade monstruosa, nossa conclusão é de que o monstro Grendel não é somente maligno (social, moral e religiosamente) nem somente mágico nem somente animalesco, consoante o que os epítetos divergentes dentre as três traduções de nosso *corpus* parecem nos propor. Grendel, em verdade, abarcaria todas essas características, visto que elas são interpretações possíveis de seu monstruoso manifesto. As traduções, então, enriquecem a figura monstruosa por suas mais variadas escolhas, decorrentes da transição de uma língua para outra, e enriquecem-na, principalmente, pela recepção de cada indivíduo que percebe o monstro sempre de maneira singular.

REFERÊNCIAS

Beowulf e suas traduções:

Beowulf. Trad. Burton Raffel. Nova York: Mentor, 1963.

Beowulf. Trad. William Ellery Leonard. Ilust. Lynd Ward. Norwalk: The Heritage Press, 1967.

Beowulf. Trad. Michael Alexander. Aylesbury: Penguin Classics, 1973

Beowulf. Trad. Ary Gonzalez Galvão. São Paulo: Hucitec, 1992.

Beowulf. A New Verse Translation. Trad. Seamus Heaney. Londres: W. W. Norton & Co., 2000.

Beowulf. Trad. Eric Ramalho. Belo Horizonte: Tessituras, 2011.

MAGENNIS, Hugh. **Translating *Beowulf*: Modern Versions in English Verse.** Cambridge: D. S. Brewer, 2015.

SHIPPEY, T. A.; HAARDER, Andreas (ed.). **Beowulf: The Critical Heritage.** Vários autores. Londres: Routledge, 2000.

TOLKIEN, J. R. R. *Beowulf: The Monsters and the Critics.* In: **The Monsters and the Critics and Other Essays.** Londres: Harper Collins Publishers, 2006. p. 5-48

Compreensão histórica:

ALEXANDER, Michael. **The Earliest English Poems.** Berkeley: University of California Press, 1970.

ARRUDA, José J. de A. **História antiga e medieval.** São Paulo: Ática, 1987. p. 321-325.

BRANSTON, Brian. **Mitología Germánica Ilustrada.** Trad. Juan G. Larraya. Barcelona: Vergara Editorial, 1962. 2. ed.

COCKAYNE, Thomas Oswald. **Leechdoms, Wortcunning, and Starcraft of Early England.** Londres: Longman and Green, 1864. Coleção em três volumes.

CROSSLEY-HOLLAND, Kevin. **The Anglo-Saxon World.** Bury St Edmunds: St Edmundsbury Ltd, 1994.

FISHER, D. J. V. **The Anglo-Saxon Age: c. 400-1042.** Nova York: Longman Inc., 1989.

GORDON, R. K. **Anglo-Saxon Poetry: Selected and Translated by R. K. Gordon.** Londres: Dent & Sons, 1967.

HUME, David. Appendix I: The Anglo-Saxon Government and Manners. In: **The History of England: From the Invasion of Julius Caesar to The Revolution in 1688.** Indianapolis: Liberty Fund, 1983. Vol. 1. p. 160-185.

IMBER, Walter; STOKHOLM, Peter. **Denmark**. Traduzido por Ewald Osers. Suíça: Kümmerly + Frey, 1981.

STENTON, Sir Frank. **Anglo-Saxon England**. M. Oxford: Oxford University Press, 1989. 3. ed. Versão de bolso.

WULFF, Carsten; AXMARK, Flemming; HANSEN, Preben. **Denmark**. Traduzido por W. Glyn Jones e Malene Madsen. Haslev: Nordisk Bogproduktion A/S.

Dicionários:

BRAY, Warwick; TRUMP, David. **The Penguin Dictionary of Archaeology**. Grã-Bretanha: Hazell Watson & Viney Ltd, 1972.

CLARK HALL, John R. **A Concise Anglo-Saxon Dictionary: For the Use of Students**. Nova York: The Macmillan Company, 1916. Versão online disponível em: <http://www.ling.upenn.edu/~kurisuto/germanic/oe_clarkhall_about.html>. Acesso em 30 jan. 2015.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da língua portuguesa**. Coord. Marina Baird Ferreira, Margarida dos Anjos. Curitiba: Positivo, 2010. 5. ed.

Free Dictionary, The. Farlex, Inc. 2015. Disponível em: <www.thefreedictionary.com/>. Último acesso em 17 jun. 2015.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Eletrônico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009.

Michaelis: moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 1998.

Online Etymology Dictionary. Disponível em: <<http://www.etymonline.com/>>. Acesso em: 02 abr. 2015.

Password: K Dictionaries: English Dictionary for Speakers of Portuguese. Trad. e edição por John Parker e Monica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2007. 3 ed.

SKEAT, Walter W. **A Concise Etymological Dictionary of the English Language**. Oxford: Oxford University Press, 1927.

Linguagem, identidade e alteridade:

AUROUX, Sylvian. **A filosofia da linguagem**. Trad. José Horta Nunes. Campinas: Unicamp, 1998.

BENJAMIN, Walter. O narrador. In: **Magia e técnica, arte e política**. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 197-221.

BOURDIEU, Pierre. Espaço social e poder simbólico. In: **Coisas ditas**. Trad. Cássia R. da Silveira, Denise Moreno Pegorim. São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 149-168.

_____. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. Traduzido por Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 203-364.

- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas**: o que falar quer dizer. Trad. Sergio Miceli. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998. 2. ed.
- DERRIDA, Jacques. **Salvo o nome**. Trad. Nícia Adan Bonatti. Campinas: Papirus, 1995.
- _____. **Gramatologia**. Trad. Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. Estudos vol. 16. São Paulo: Perspectiva, 2008. 2. ed.
- FREGE, Gottlob. **Lógica e filosofia da linguagem**. Trad. Paulo Alcoforado. São Paulo: Cultrix, Ed. da USP, 1978. p. 59-116
- FREUD, Sigmund. Totem e tabu. In: **Totem e tabu e outros trabalhos**. Trad. Órizon Carneiro Muniz. Rio de Janeiro: Imago, 1976. Vol. XIII. p. 20-192.
- _____. O mal-estar na civilização. In: **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. Vol. 18.
- FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 8. ed.
- GIL, José. **Em busca da identidade**: o desnorte. Lisboa: Relógios d'Água, 2009.
- HEIDEGGER, Martin. **A caminho da linguagem**. Trad. Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012. 6. ed.
- KRIPKE, Saul A. Naming and Necessity: Lectures Given to the Princeton University Philosophy Colloquium. In: DAVIDSON, Donald; HARMAN, Gilbert. **Semantics of Natural Language**. Dordrecht: Reidel Publishing Company, 1972. p. 253-355.
- MEDINA, José. **Linguagem**: conceitos-chave em filosofia. Trad. Fernando José R. da Rocha. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- PENCO, Carlo. **Introdução à filosofia da linguagem**. Trad. Ephraim F. Alves. Petrópolis: Vozes, 2006.
- RUSSELL, Bertrand. **Significado e verdade**. Trad. Alberto Oliva. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- SEARLE, John. Os nomes próprios. In: **Os actos de fala**. Trad. Adail Ubirajara Sobral. Coimbra: Livraria Almedina, 1984.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.); HALL, Stuart. WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2014. 15. ed.
- SIMON, Josef. **Filosofia da linguagem**. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1990. Círculo da filosofia.

Monstros:

ASMA, Stephen T. **On Monsters**: An Unnatural History of Our Worst Fears. Nova York: Oxford University Press, 2009. E-book.

BARRETO, Junia. Penser le monstre par le biais du discours littéraire. **Em tese**. v. 10, ano 10, p. 98-103, dez. 2006. ISSN 1982-0739.

BARRETO, Junia. **Figures de monstres dans l'oeuvre theatrale et romanesque de Victor Hugo**. Lille: ANRT, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Os anormais**. Curso no Collège de France (1974-1975). Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

_____. **Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise**. Coleção Ditos e Escritos. Org. Manoel Barros da Motta. Trad. Vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014. p. 205-209.

FREUD, Sigmund. O inquietante. In: **História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”)**, **Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)**. Traduzido por Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. Vol. 14. p. 328-376.

KAPPLER, Claude. **Monstros, demônios e encantamentos no fim da Idade Média**. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

LANGER, Johnni. **Deuses, monstros, heróis: ensaios de mitologia e religião viking**. Brasília: Universidade de Brasília, 2009.

GIL, José. **Monstros**. Trad. José Luís Luna. Lisboa: Relógio d'água, 2006.

Estudos de tradução:

BARRENTO, João. Literaturas em rede: tradução e globalização. In: **O poço de Babel: para uma poética da tradução literária**. Lisboa: Relógio D'Água, 2002. p. 123-137.

BASSNETT, Susan. **Estudos de tradução**. Trad. Sônia Terezinha Gehring, Letícia Vasconcellos Abreu e Paula Azambuja Antinolfi. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2005.

BENJAMIN, Walter. **The task of the translator**. In: _____. *Illuminations*. Trad. Harcourt Brace Jovanovich. New York: Schocken Books, 2007. p. 69-82.

CAMPOS, Haroldo de. Transluciferação mefistofáustica. In: **Deus e o diabo no Fausto de Goethe: marginais fáustica**. São Paulo: Perspectiva, 2005. p. 179-209.

DERRIDA, Jacques. **Torres de Babel**. Trad. Junia Barreto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

FERRIS, David S. **The Cambridge Introduction to Walter Benjamin**. New York: Cambridge University Press, 2008.

JACOBS, Carol. The Monstrosity of Translation. In: **In the Language of Walter Benjamin**. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1999.

MESCHONNIC, Henri. **Poética do traduzir**. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Perspectiva, 2010.

Referências eletrônicas:

Anglo-Saxon Chronicle (The). Vários autores. Trad. Reverendo James Ingram (Londres, 1823). Londres: Everyman Press, 1912. Disponível em: <<https://archive.org/details/Anglo-saxonChronicles>>. Acesso em 15 jul. 2014.

BENJAMIN, Walter. **A tarefa do tradutor**. Tradução de Maria Filomena Molder. Disponível em: <<http://www.c-e-m.org/wp-content/uploads/a-tarefa-do-tradutor.pdf>>. Acesso em: 25 ago. 2012. Publicação no website em 30 nov. 2009.

BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas linguísticas. Trad. Paula Montero. In: ORTIZ, Renato (org.). **Pierre Bourdieu: sociologia**. São Paulo: Ática, 1983. Coleção Grandes Cientistas Sociais, vol. 39. p. 156-183. Disponível em: <<http://www.slideshare.net/andreiamariana/ortiz-renato-org-pierre-bourdieu-sociologia>>.

BRISCOE, Deanna. Grendel: A Manifestation of Medieval Fears. In: **Afternoons of Alterity**. Nova York: Nazareth College, 2013?. Disponível em: <<http://www.naz.edu/english/english/documents/Afternoons%20of%20Alterity.pdf>>.

CAMPOS, Haroldo de. O que é mais importante: a escrita ou o escrito?. **Revista USP**, Brasil, n. 15, p. 76-89, nov. 1992. ISSN 2316-9036. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/25669/27406>>. Acesso em: 02 fev. 2015. doi: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i15p76-89>.

COOPER, Bill. *Beowulf* and the Creatures of Denmark. In: **After the Flood**. Chichester: New Wine Press, 1995. Versão online disponível em: <<http://ldolphin.org/cooper/>>. Publicada em jun. 1998. Acesso em 15 jun. 2014.

DIGITISED MANUSCRIPTS. British Library: Cotton MS Vitellius A XV. Disponível em: <http://www.bl.uk/manuscripts/FullDisplay.aspx?ref=Cotton_MS_Vitellius_A_XV>. Acesso em: 15 maio 2014.

MOREIRA, Thami A. S. O ato de nomear: da construção de categorias de gênero até a abjeção. **Cadernos do CNLF**. Rio de Janeiro, 2010. Vol. XIV, n. 4, p. 2914-2926. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xiv_cnlf/tomo_4/2914-2926.pdf>.

ONLINE GALLERY. Brith Library: Beowulf. Disponível em: <<http://www.bl.uk/onlinegallery/onlineex/englit/beowulf/>>. Acesso em: 15 maio 2014.

SELIGMANN-SILVA, MÁRCIO. Haroldo de Campos: tradução como formação e “abandono” da identidade. **Revista USP**, Brasil, n. 36, p. 158-171, fev. 1998. ISSN 2316-9036. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/26996/28771>>. Acesso em: 02 Fev. 2015. doi: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i36p158-171>.

ANEXO I

Epítetos direcionados ao monstro Grendel nas traduções de nosso *corpus*

Atemo-nos, aqui, aos nomes comuns às traduções evocados pelo narrador e pelas personagens do herói Beowulf e do rei Hrothgar. Por ordem de coluna, temos, da esquerda para a direita: o nome direcionado ao monstro Grendel, quem o nomeia, frequência (Frq.) e referência na tradução de Burton Raffel (1963), frequência e referência na tradução de Michael Alexander (1973) e frequência e referência na tradução de Seamus Heaney (2000). Para facilitar a busca, os nomes estão apresentados em ordem alfabética.

Nome	Quem nomeia	Raffel (1963)		Alexander (1973)		Heaney (1999)	
		Frq.	Referência(s)	Frq.	Referência(s)	Frq.	Referência(s)
<i>BODY</i>	Narrador	2	772, 1588	1	1587	1	1588
<i>CORPSE</i>	Narrador	1	1619	0	---	2	1587, 1590
<i>CREATURE</i>	Narrador	0	---	2	120, 720	1	738
	Beowulf	2	274, 2099	2	972, 2072	0	---
	Hrothgar	0	---	0	---	2	1347, 1355
<i>DEMON</i>	Narrador	5	101, 132, 802, 1000, 1621	2	706, 1678	5	86, 102, 133, 647, 802, 845
	Beowulf	0	---	1	592	1	2089
	Hrothgar	0	---	1	938	1	938

Nome	Quem nomeia	Raffel (1963)		Alexander (1973)		Heaney (1999)	
		Frq.	Referência(s)	Frq.	Referência(s)	Frq.	Referência(s)
<i>DEVIL</i>	Narrador	0	---	0	---	1	1681
	Beowulf	1	279	0	---	0	---
	Hrothgar	2	938, 1350	0	---	0	---
<i>ENEMY</i>	Narrador	4	164, 709, 785, 1683	5	100, 163, 786, 1275, 1681	2	699, 1275
	Beowulf	0	---	3	274, 969, 2093	2	280, 1669
	Hrothgar	2	953, 1776	2	937, 1775	1	660
<i>FIEND</i>	Narrador	5	101, 793, 833, 1266, 1274	3	132, 1273, 1616	5	101, 707, 1000, 1617, 1682
	Beowulf	1	679	3	439, 968, 2073	2	440, 636
	Hrothgar	5	486, 939, 1329, 1338- 1339, 1346	1	479	0	---
<i>FOE</i>	Narrador	0	---	7	131, 699, 709, 725, 840, 1256, 1272	1	1273
	Beowulf	0	---	2	279, 636	0	---
	Hrothgar	0	---	1	660	0	---

Nome	Quem nomeia	Raffel (1963)		Alexander (1973)		Heaney (1999)	
		Frq.	Referência(s)	Frq.	Referência(s)	Frq.	Referência(s)
<i>KILLER</i>	Narrador	1	762	0	---	0	---
	Hrothgar	0	---	0	---	1	1330
<i>MARAUDER</i>	Narrador	0	---	1	766	0	---
	Beowulf	0	---	1	2088	0	---
	Hrothgar	0	---	0	---	1	1348
<i>MONSTER</i>	Narrador	22	86, 101, 119, 152, 702, 732, 760, 766, 792, 814, 835, 840, 1055, 1256, 1273, 1305, 1576, 1591, 1612, 1631, 1675, 1679	9	646, 668, 731, 739, 761, 762, 808, 843, 1499	7	737, 760, 814, 840, 1269, 1585, 2353
	Beowulf	6	433, 440, 2002, 2009, 2073-2074, 2089	1	425	2	433, 960
	Hrothgar	2	1335, 1347-1348	0	---	1	938
<i>ONE</i>	Narrador	0	---	4	99, 787, 999, 1268	1	100
	Beowulf	0	---	1	433	0	---
	Hrothgar	0	---	1	1348	1	1339

Nome	Quem nomeia	Raffel (1963)		Alexander (1973)		Heaney (1999)	
		Frq.	Referência(s)	Frq.	Referência(s)	Frq.	Referência(s)
<i>OUTCAST</i>	Narrador	1	1267	2	1266, 1274	2	169, 1275
<i>PAIR</i>	Narrador	0	---	2	772, 777	1	775
<i>SHADOW</i>	Narrador	1	159	1	158	1	160
<i>SON</i>	Narrador	1	1547	1	1546	0	---
	Beowulf	2	1676, 2120	1	2119	1	2118
	Hrothgar	0	---	1	1339	0	---
<i>SPIRIT</i>	Narrador	0	---	3	85, 10, 806	1	1266
	Beowulf	0	---	0	---	1	2073

ANEXO II

Nomes de outras figuras monstruosas utilizados também para referir Grendel

Tradução	Locutor	Nomes substantivos destinados a outros monstros	Nomes substantivos destinados a Grendel
Raffel (1963)	Narrador	<i>monster(s)</i>	<i>monster</i>
	Beowulf	<i>monster(s)</i> (monstro(s))	<i>monster</i> (monstro)
		<i>creatures</i> (criaturas)	<i>creature</i> (criatura)
Alexander (1973)	Narrador	<i>grisly guest</i> (convidado repugnante)	<i>deadly guest</i> (convidado mortal)
		<i>enemy</i> (inimigo)	<i>enemy</i> (inimigo)
	Beowulf	<i>monster</i>	<i>monster</i>
		<i>foes</i> (adversários)	<i>foe</i> (adversário)
Heaney (2000)	Narrador	<i>monster</i>	<i>monster</i>
		<i>enemy</i>	<i>enemy</i>
	Beowulf	<i>monster</i>	<i>monster</i>
		<i>sea-brutes</i> (besta marinha)	<i>brute</i> (besta. Dito pelo narrador)
		<i>foul things</i> (coisas imundas)	<i>these things</i> (estas coisas. Dito por Hrothgar)
		<i>creature</i>	<i>creature</i> (Dito pelo narrador)

ANEXO III

Nomes decorrentes de características femininas, animais, aquáticas e mágicas atribuídos à mãe do monstro Grendel

Tradutor	Quem fala	Designação	Tradução	Linha
Raffel (1963)	Narrador	female horror	horror feminino	1259
		she-wolf	loba	1497
		water-witch	bruxa d'água	1519
	Beowulf	lady monster	senhora monstro	1391
		monstrous hag ¹	feiticeira monstruosa	1666 e 2120-1
		horrible hag	feiticeira horrenda	2136
Alexander (1973)	Narrador	monstrous ogress	ogra monstruosa	1259
	Beowulf	mere-wolf	loba marinha	1507
		water-hag	feiticeira d'água	1518
		gruesome she	fêmea repulsiva	2121
Heaney (2000)	Narrador	hell-bride	noiva infernal	1259
		hell-dam	mãe infernal	1292
		wolfish swimmer	nadadora lupina	1506
		swamp-thing from hell	coisa lodosa do inferno	1518
		tarn-hag	feiticeira do lago	1519
	Beowulf	troll-dam	mãe-troll	1391
		ghastly dam	mãe medonha	2120

¹ “Hag” é um substantivo feminino ofensivo, podendo ser utilizado tanto para indicar uma mulher feia, velha e assustadora, quanto uma bruxa ou feiticeira. Pode significar também um demônio feminino.